



Instituto Politécnico de Castelo Branco  
Escola Superior de Educação

# **As Representações Sociais dos estudantes do ensino secundário do concelho de Almeida acerca da população idosa**

Catarina Sofia Leitão Morgado

## **Orientadora**

Professora Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gerontologia Social, realizada sob a orientação científica da Professora Coordenadora, Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

**Maio de 2017**



## Composição do júri

Presidente do júri

João Júlio de Matos Serrano

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

Doutora Stella António Bettencourt da Câmara,

Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da

Universidade de Lisboa;

Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira ( Orientadora),

Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco



## Agradecimentos

Gostaria de começar por deixar o meu reconhecimento a todas as pessoas, que contribuíram para a realização deste trabalho e, ainda para que conseguisse terminar e alcançar mais uma etapa importante na minha vida.

Devo agradecer primeiramente à minha orientadora do trabalho de projeto, à Professora Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira, por ter aceitado ser a minha orientadora, pela sua atenção, disponibilidade, orientação e ajuda ao longo da construção deste trabalho, pois sem ela não teria sido possível.

Agradeço à minha família mais chegada, principalmente ao meu pai, a quem devo tudo o que sou hoje, e na pessoa que me tornei, sem o amor e sobretudo a força e incentivo de chegar o mais longe possível, não seria a mesma coisa. Aos meus amigos chegados pelas suas palavras e gestos de compreensão, e por último ao meu namorado por ter estado sempre do meu lado mesmo quando estava maldisposta ou mais em baixo, pelo seu amor, e sobretudo paciência.

Um agradecimento especial ao Agrupamento de Escolas de Almeida, e ao vice-presidente, o professor Paulo Adriano, por me ter permitido efectuar o estudo, por toda a sua amabilidade, e pronta disponibilidade que demonstrou, bem como aos alunos que participaram e preencheram os questionários, pois sem a sua participação e disponibilidade não teria sido possível a elaboração deste estudo.

Um muito obrigado a todos!



## Resumo

Num país envelhecido, em que os idosos são cada vez mais em relação aos mais jovens, é necessário perceber de que forma os jovens, representam a velhice e a forma como vêem a população com mais idade. A relação entre jovem-idoso, ou netos-avós, pode ser bastante enriquecedora, tornando-a uma relação vantajosa, na medida em que, são transmitidas experiências e saberes, ao passo que o idoso pode também tirar partido desta relação, e aprender novos conhecimentos e experiências com os mais jovens.

Neste sentido, torna-se fulcral saber como os jovens de hoje em dia, representam a velhice. Os dois principais objetivos deste estudo focam-se em compreender a percepção que os estudantes do ensino secundário do concelho de Almeida têm acerca da população idosa, e conhecer a importância da relação que os jovens do ensino secundário do referido concelho, estabelecem com os seus avós. Este estudo realizou-se em duas escolas do concelho de Almeida, e contou com a participação dos alunos do secundário (10ºano ao 12ºano), com uma população de 80 alunos, distribuídos por 6 turmas.

Os resultados obtidos demonstram que, existe por parte dos jovens uma imagem pouco estereotipada e preconceituosa acerca das pessoas mais velhas, contudo existe ainda um longo caminho a ser percorrido no que diz respeito à criação de projetos intergeracionais nas duas escolas, pois segundo os alunos não existe qualquer tipo de projeto. Os alunos consideram uma pessoa idosa a partir dos 65 e mais anos de idade, e ainda identificam uma pessoa idosa através da sua idade e da idade/aspecto físico.

No que diz respeito à relação com os seus avós, a maioria dos alunos mantêm uma boa e muito boa relação, sobretudo com os avós maternos, que na sua maioria vivem perto dos netos e ainda residem na própria casa, verificando-se uma certa independência na sua vida quotidiana. Por último quanto à projecção do futuro, a maioria dos alunos já se imaginou e/ou reflectiu sobre como seria em idoso, como se vêem a ajudar a família, ser ativo e solidário com os outros. Por outro lado os jovens são da opinião que no futuro a concepção da sociedade sobre as pessoas idosas será diferente do que é atualmente. Assim, a criação de projetos intergeracionais nas escolas, é urgente em Portugal, de modo a inculcar a educação intergeracional desde criança, para que na idade adulta não existam preconceitos e comportamentos de exclusão relativos aos idosos.

**Palavras-chave:** Representações Sociais; Intergeracionalidade; Jovens; População Idosa



## Abstract

In an aging country, where the elderly are more in relation to the youngest, it is necessary to understand how young people sense old age and how they perceive older population. The relationship between young and old people, or between grandchildren and grandparents can be enriching and valuable. On one hand the elderly share their experiences and knowledge and on the other hand elderly can also take advantage of this relationship as they can acquire new knowledge and experiences from the youngest.

In this sense, it becomes crucial to know how young people today represent old age. The two main objectives of this study are to understand the perception that secondary school students of Almeida have about the elderly population, and to know the importance of the relationship that the young people of the secondary education of that county establish with their grandparents. This study was carried out in two schools in the county of Almeida, and counted on the participation of secondary school students (10th to 12th grade), with a population of 80 students, divided in six classes.

The results obtained in this study demonstrate that young people do not have a stereotyped and discriminatory view on elderly population. However, there is still a long way to go regarding the creation of intergeneration projects in the two schools from the study. According to the students there are no projects of this kind. Most students consider a person old from the age of 65 and they also identify an elderly person by his or her looks.

In what concerns the relationship with their grandparents, most students have a very good rapport with their grandparents, specially the ones on their mother's side. Most of them still live in their homes and near their grandchildren, which means they still have some independence in their everyday life. Finally, regarding the projection of the future as an elderly, the majority of the students have already imagined and / or reflected on how they would be when they grow old. They see themselves helping their family, being active and supportive. Considering, still, the way of thinking of the contemporary society, young people believe that the society thoughts on this matter will not be the same in the future. Consequently, it is imperative in Portugal, the creation of intergenerations projects in schools in order to encourage intergenerational education since childhood, so that in adulthood there wont be any exclusion and discrimination against the elderly.

**Keywords:** Social Representations; Intergenerationality; Young; Elderly population



# Índice Geral

Agradecimentos .....	III
Resumo .....	VII
Palavras-chave: .....	VII
Abstract .....	IX
Keywords: .....	IX
Índice Geral.....	XI
Índice de Gráficos .....	XIII
Índice de Figuras.....	XV
Lista de Tabelas.....	XVI
Lista de Apêndices.....	XVII
Lista de Anexos.....	XVIII
Introdução .....	1
<b>I. Enquadramento Teórico .....</b>	<b>4</b>
1. Aspectos demográficos do envelhecimento .....	4
2. Representações Sociais da velhice .....	10
2.1 O conceito de representação social .....	10
2.2 Representação social acerca dos idosos.....	12
2.3 Importância da promoção da intergeracionalidade .....	19
3. Os Avós .....	27
3.1 O papel dos avós na vida dos jovens.....	27
3.2 A importância dos programas intergeracionais .....	36
<b>II. Metodologia da Investigação .....</b>	<b>49</b>
1. Objetivos do estudo .....	50
2. Instrumento de recolha de dados.....	51
2.1 Instrumento .....	51
2.2 Pré-teste.....	53
2.3. Aplicação .....	55
3. Caracterização da população.....	56
4. Resultados .....	59
5. Discussão dos Resultados .....	86
<b>III. Projeto de Intervenção .....</b>	<b>96</b>
3.1 Natureza do Projeto .....	98
3.2 Local do projeto.....	98
3.3 População-Alvo .....	100

3.4	Objetivos do projeto .....	101
3.5	Finalidade do Projeto .....	101
3.6	Metas do Projeto.....	101
3.7	Atividades a desenvolver no Agrupamento de Escolas de Almeida.....	102
3.8	Calendarização das atividades.....	112
3.9	Recursos Humanos, materiais e financeiros .....	114
3.10	Factores externos ou pré-requisitos para o alcance dos efeitos e impacto do projeto.....	115
3.11	Tipo de Avaliação.....	115
	<b>Conclusão .....</b>	<b>117</b>
	<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>120</b>
	<b>APÊNDICE I -Requerimento de aprovação do Agrupamento de Escolas de Almeida .....</b>	<b>126</b>
	<b>APÊNDICE II- Termo de autorização dos Encarregados de Educação dos alunos do Agrupamento de Escolas de Almeida .....</b>	<b>127</b>
	<b>ANEXO I - Inquérito por Questionário “ As representações sociais dos estudantes do ensino secundário do concelho de Almeida acerca da população idosa “. ..</b>	<b>128</b>

## Índice de Gráficos

<b>Gráfico 1:</b> Idade da pessoa idosa (Almeida) .....	59
<b>Gráfico 2:</b> Idade da pessoa idosa (Vilar Formoso) .....	59
<b>Gráfico 3:</b> Identificação da pessoa idosa (Almeida) .....	60
<b>Gráfico 4:</b> Identificação da pessoa idosa (Vilar Formoso) .....	60
<b>Gráfico 5:</b> Atitude sobre a pessoa idosa (Almeida) .....	60
<b>Gráfico 6:</b> Atitude sobre a pessoa idosa (Vilar Formoso) .....	60
<b>Gráfico 7:</b> Perdas da velhice (Almeida) .....	61
<b>Gráfico 8:</b> Perdas da velhice (Vilar Formoso) .....	61
<b>Gráfico 9:</b> Significado dos idosos (Almeida) .....	62
<b>Gráfico 10:</b> Significado dos idosos (Vilar Formoso) .....	62
<b>Gráfico 11:</b> Idosos na sociedade (Almeida) .....	63
<b>Gráfico 12:</b> Idosos na sociedade (Vilar Formoso) .....	63
<b>Gráfico 13:</b> Benefícios das relações intergeracionais (Almeida) .....	64
<b>Gráfico 14:</b> Benefícios das relações intergeracionais (Vilar Formoso) .....	64
<b>Gráfico 15:</b> Atividades/ projeto (Almeida) .....	66
<b>Gráfico 16:</b> Atividades/ projeto (Vilar Formoso) .....	66
<b>Gráfico 17:</b> Atividades com idosos (Almeida) .....	67
<b>Gráfico 18:</b> Atividades com idosos (Vilar Formoso) .....	68
<b>Gráfico 19:</b> Avós vivos (Almeida) .....	69
<b>Gráfico 20:</b> Avós vivos (Vilar Formoso) .....	69
<b>Gráfico 21:</b> Relação com avós 10 <sup>o</sup> anos.....	70
<b>Gráfico 22:</b> Relação com avós 11 <sup>o</sup> A.....	70
<b>Gráfico 23:</b> Relação com avós 11 <sup>o</sup> B.....	70
<b>Gráfico 24:</b> Relação com avós 12 <sup>o</sup> B.....	71
<b>Gráfico 25:</b> Relação com avós 12 <sup>o</sup> C.....	71

<b>Gráfico 26:</b> Viveste com os teus avós (Almeida) .....	72
<b>Gráfico 27:</b> Viveste com os teus avós (Vilar Formoso) .....	72
<b>Gráfico 28:</b> Situações de convívio (Almeida) .....	73
<b>Gráfico 29:</b> Situações de convívio (Vilar Formoso) .....	73
<b>Gráfico 30:</b> Onde vivem os avós (Almeida) .....	74
<b>Gráfico 31:</b> Onde vivem os avós (Vilar Formoso) .....	74
<b>Gráfico 32:</b> Proximidade residencial (Almeida) .....	75
<b>Gráfico 33:</b> Proximidade residencial (Vilar Formoso) .....	75
<b>Gráfico 34:</b> Pessoalmente com os avós (Almeida) .....	76
<b>Gráfico 35:</b> Pessoalmente com os avós (Vilar Formoso) .....	76
<b>Gráfico 36:</b> Meios de comunicação (Almeida) .....	77
<b>Gráfico 37:</b> Meios de comunicação (Vilar Formoso) .....	77
<b>Gráfico 38:</b> Valorização dos avós (Almeida) .....	77
<b>Gráfico 39:</b> Palavra “idoso” 10 <sup>º</sup> A.....	78
<b>Gráfico 40:</b> Palavra” idoso” 10 <sup>º</sup> B.....	79
<b>Gráfico 41:</b> Palavra” idoso” 11 <sup>º</sup> A.....	79
<b>Gráfico 42:</b> Palavra” idoso” 11 <sup>º</sup> B.....	80
<b>Gráfico 43:</b> Palavra “idoso” 12 <sup>º</sup> B.....	80
<b>Gráfico 44:</b> Palavra “idoso” 12 <sup>º</sup> C.....	81
<b>Gráfico 45:</b> Imaginação em idoso (Almeida) .....	82
<b>Gráfico 46:</b> Imaginação em idoso (Vilar Formoso) .....	82
<b>Gráfico 47:</b> Como será em idoso (Almeida) .....	83
<b>Gráfico 48:</b> Como será em idoso (Vilar Formoso) .....	83
<b>Gráfico 49:</b> Medo e receio de ser idoso (Almeida) .....	84
<b>Gráfico 50:</b> Medo e receio de ser idoso (Vilar Formoso) .....	84
<b>Gráfico 51:</b> Processo de envelhecimento (Almeida) .....	85
<b>Gráfico 52:</b> Processo de envelhecimento (Vilar Formoso) .....	85

## Índice de Figuras

<b>Figura 1:</b> Índice de envelhecimento segundo os países de 1960 a 2014.....	5
<b>Figura 2:</b> Indicadores de envelhecimento segundo os censos.....	7
<b>Figura 3:</b> Estrutura da população portuguesa em projeções .....	8
<b>Figura 4:</b> Índice de dependência de idosos do concelho de Almeida segundo os censos de 2011.....	56
<b>Figura 5:</b> Índice de envelhecimento do concelho de Almeida segundo os censos 2011 .....	56
<b>Figura 6:</b> Mapa de localização do concelho de Almeida.....	99
<b>Figura 7:</b> À esquerda, a Escola Básica e Secundário de Vilar Formoso, à direita, à Escola Básica e Secundária Dr. José Casimiro Matias (Almeida) locais onde se realizou o estudo .....	100

## Lista de Tabelas

<b>Tabela 1:</b> Síntese dos benefícios dos Programas Intergeracionais para as crianças e jovens.....	39
<b>Tabela 2:</b> Programas intergeracionais.....	42
<b>Tabela 3:</b> Etapas do processo de investigação.....	49
<b>Tabela 4:</b> Número de alunos das turmas.....	57
<b>Tabela 5:</b> Sexo dos alunos por anos de escolaridade e por escola.....	57
<b>Tabela 6:</b> Idades dos alunos por anos.....	58
<b>Tabela 7:</b> População do estudo.....	100
<b>Tabela 8:</b> Quadro de programação das atividades (1).....	113
<b>Tabela 9:</b> Quadro de programação das atividades (2).....	113

## **Lista de Apêndices**

**Apêndice I** - Requerimento de aprovação do Agrupamento de Escolas de Almeida

**Apêndice II** - Termo de autorização dos Encarregados de Educação dos alunos do Agrupamento de Escolas de Almeida

## Lista de Anexos

**Anexo I** - Inquérito por Questionário “ As representações sociais dos estudantes do ensino secundário do concelho de Almeida acerca da população idosa “

## Introdução

A pertinência social da gerontologia está ligada aos fenómenos demográficos do envelhecimento nas sociedades ocidentais, assim como à exigência crescente da qualidade dos cuidados prestados às pessoas idosas (Pereira, 2012 ).

A população idosa em Portugal tem tendência a aumentar cada vez mais, contrariamente à população mais jovem, que tem vindo a diminuir ao longo das últimas décadas. A esperança média de vida aumentou significativamente, o que traduz assim melhorias nas condições de vida, e avanços na medicina, em que a população vive mais tempo e com melhor acesso à saúde.

O envelhecimento demográfico está associado ao declínio da fecundidade e da natalidade, aumento da longevidade, e à modificação da estrutura etária da população. Analisar o envelhecimento através da idade cultural e social, permite compreender quais os aspetos negativos e a discriminação baseada na idade, a este facto designa-se de idadismo. É através da idade que a sociedade considera uma pessoa jovem ou idosa, contudo a idade social por vezes não corresponde à idade do corpo e da mente de cada indivíduo. O aumento do envelhecimento demográfico em Portugal começou a partir dos finais do séc. XX, com a população idosa a ultrapassar, a mais jovem.

É a partir do ano 2001 que a população idosa se torna mais expressiva que a população com menos de 15 anos de idade. Neste ano os idosos representavam 16,4% e os jovens 16,0% (2001), em 2011 os idosos representavam 19,1% e os jovens 14,9%, registando-se portanto, uma diminuição da população mais jovem face à população mais idosa. Os dados mais recentes do Pordata, de 2015, apontam que os idosos representam 20,5% da população total e os jovens 14,2%, havendo uma diferença significativa de 6,3%.

A Teoria das Representações Sociais é uma teoria psicossociológica do conhecimento elaborada por Moscovici (2003, citado por Santos , 2010), que visa compreender as interpretações, e os sentidos que os grupos e sujeitos têm a cerca de um determinado assunto, nesta caso acerca da população idosa, assim os jovens tem certas representações sobre os mais idosos.

Os jovens consideram os idosos como pessoas conservadoras, inativas sexualmente, doentes, frágeis, dependentes, desvalorizados socialmente e marginalizados, o que origina uma distância entre estes dois grupos etários, em que a intergeracionalidade por vezes quase não existe. Associada à velhice surgem os estereótipos predominantemente negativos, que afeta a forma de lidar com os idosos, bem como a visão sobre este tipo de população. No decorrer da Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, organizada pelas Nações

Unidas, foi reconhecida a necessidade de reforçar a solidariedade e parcerias entre gerações, tendo presentes as necessidades individuais dos mais velhos e dos jovens, e incentivar as relações de solidariedade entre gerações (ONU, 2002). Os programas intergeracionais são programas que implicam compartilhar habilidades, conhecimentos e experiências entre crianças e idosos.

A existência da educação intergeracional nas escolas é importante, para se conseguir mudar estereótipos e preconceitos, é necessário mudar as imagens que existem nos livros escolares, introduzir nas escolas atividades que integrem idosos e os jovens e, se possível, a comunidade de forma a abordar mais a temática do envelhecimento e da velhice. Trabalhar com os jovens desde cedo ajuda a que, por um lado, se crie gerações que respeitem os mais velhos, que reconheçam as suas potencialidades, adotando posturas positivas em relação à velhice e, por outro lado, ajudar a que haja um planeamento da sua entrada na velhice de forma mais saudável e positiva, pensando num envelhecimento mais bem-sucedido.

Com o intuito de conhecer mais profundamente as representações sociais que os jovens estudantes têm sobre a velhice, bem como a relação que estabelecem com os seus avós, foi realizado este estudo de natureza principalmente quantitativa, através da aplicação de um inquérito por questionário misto, de modo a compreender qual a imagem que os alunos do ensino secundário de duas escolas do agrupamento, do concelho de Almeida têm sobre a população idosa.

Este estudo, surge da importância de conhecer qual a visão dos estudantes sobre os mais velhos, pois eles serão os cuidadores e idosos do futuro; perceber de que modo a relação que estabelecem e mantêm com os seus avós pode influenciar a visão que tem sobre os idosos; a importância do convívio intergeracional, que trás benefícios mútuos para ambas as gerações; incutir nas escolas a importância de abordar o envelhecimento, bem como a realização de atividades intergeracionais de modo a que, a interação seja mais positiva e contínua entre as gerações.

Neste sentido, o projeto “ As representações sociais dos estudantes do secundário do concelho de Almeida acerca da população idosa “ tem como objetivos compreender a percepção que os estudantes do ensino secundário do concelho de Almeida têm acerca da população idosa; conhecer a importância da relação que os jovens do ensino secundário, têm com os seus avós; analisar a perspetiva destes estudantes, acerca da população idosa; identificar os estereótipos que existem por parte dos estudantes sobre os idosos; analisar as relações dos estudantes com os seus avós; conhecer o modo como esta relação pode influenciar a sua percepção sobre os idosos; e compreender a visão que os estudantes têm do seu envelhecimento.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos: I – Enquadramento Teórico, II – Metodologia da Investigação e III – Projeto de Intervenção. A

primeira parte do trabalho está organizada em seis tópicos principais. O primeiro diz respeito aos aspetos demográficos do envelhecimento em Portugal, abordando alguns factores que levaram ao envelhecimento do país, e também a posição atual dos idosos na sociedade. O segundo ponto refere-se às representações sociais da velhice por parte das crianças/jovens, em que se apresenta o conceito de representação social, seguido de algumas representações / imagens que os jovens possuem acerca dos mais velhos, abordo a importância da promoção da intergeracionalidade, tendo em conta os seus benefícios, sendo que neste ponto se faz menção a exemplos de alguns estudos realizados nesta área. Como forma de encerrar o Capítulo I, aborda-se o papel dos avós na vida dos jovens, bem como a importância dos programas intergeracionais para ambos os grupos, e dando alguns exemplos de programas realizados em Portugal e em outros países, não só ao nível escolar mas a outros níveis.

O capítulo II diz respeito ao estudo realizado com os alunos, onde se começa por elencar as motivações e objetivos do estudo, o tipo de instrumento de recolha de dados utilizado, a caracterização da população, a apresentação dos resultados obtidos através dos questionários, e por último a respetiva discussão dos dados obtidos.

No último capítulo III, apresenta-se um projeto de intervenção elaborado com base no estudo empírico efetuado. Este projeto teve como objetivo criar uma solução para a promoção e incentivo das relações intergeracionais em âmbito escolar. Face à inexistência de projetos e/ atividades que envolvam a população idosa nas escolas, tal como foi observado através das respostas dos alunos que participaram neste estudo, este projeto procura identificar um conjunto de atividades que respondam a esta necessidade de promover uma maior intergeracionalidade em meio escolar.

# I. Enquadramento Teórico

## 1. Aspetos demográficos do envelhecimento

O envelhecimento é um processo complexo e dinâmico, que ocorre ao longo de toda a vida, desde da conceção até à morte. Pode ser explicado a partir de uma perspetiva demográfica, da idade cronológica, da idade fisiológica e biológica, e da idade psicológica, cultural e social. O envelhecimento demográfico está associado ao declínio da fecundidade, diminuição da natalidade, aumento da longevidade, e modificação da estrutura etária da população.

Este fenómeno social é um dos desafios mais importantes do século XXI, que obriga à reflexão sobre algumas questões de crescente relevância, como a idade da reforma, os meios de subsistência, a qualidade de vida dos idosos, o estatuto dos idosos na sociedade, a solidariedade intergeracional, a sustentabilidade dos sistemas de segurança social e de saúde e, sobre o próprio modelo social vigente (Teiga, 2012).

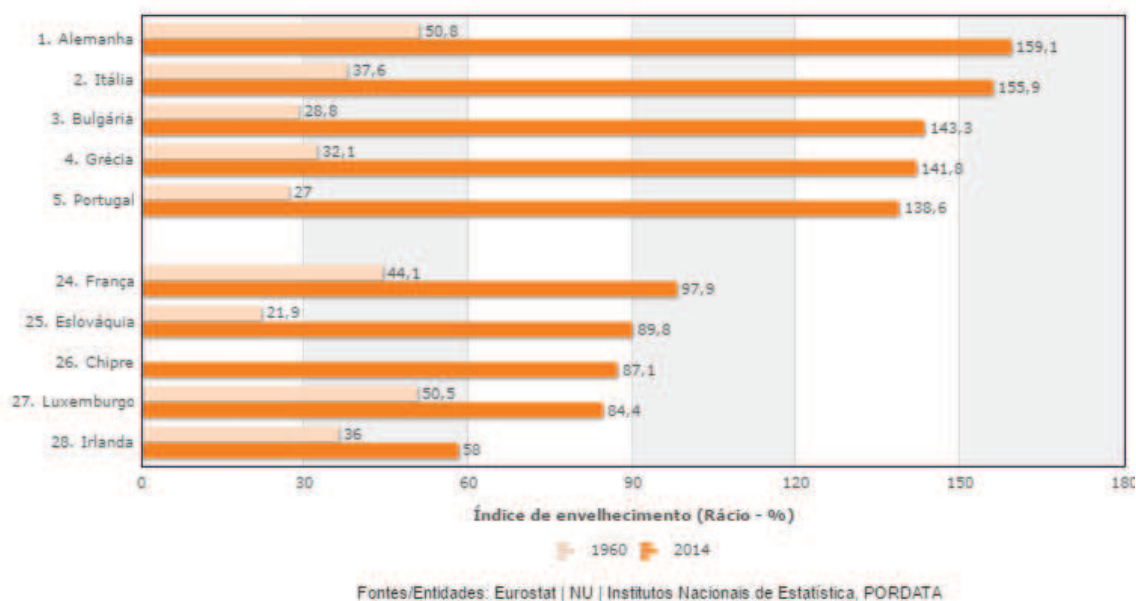
O envelhecimento pode ser analisado segundo duas perspetivas, a primeira relativamente ao conjunto da população denominado de envelhecimento demográfico ou populacional, e a segunda sob perspetiva do individuo entendido como envelhecimento individual.

À medida que envelhecemos, enfrentamos uma combinação de problemas físicos, emocionais e materiais, com os quais existe uma dificuldade de lidar. Uma das preocupações das pessoas idosas é manter a independência, liberdade de movimentos e de participar de forma ativa na sociedade.

Na segunda metade do século XX assiste-se à expansão de conhecimentos dos factores psicológicos implicados no envelhecimento. Nos anos 50 e 60, inúmeros autores como Baltes, Birren, Erikson, Havighrust, Neugarten, Schaie, entre outros, realçaram a necessidade de se olhar para o período que corresponde à segunda metade da idade adulta e à velhice, sob um ponto de vista dinâmico, relacionado com as alterações físicas, cognitivas, sociais e psicológicas, que se produzem no seu decurso (Reis, 2015).

A palavra “velhice” significa o estado do que é ser-se velho, remete para a antiguidade, idade avançada e a decrepitude. O envelhecimento não é um estado, mas sim um processo que integra uma série de fenómenos que se sucedem numa determinada ordem, e durante um período de tempo, designado por ciclo de vida.

Segundo Silva (2014: 2) “ a Moody’s acredita que o envelhecimento da população vai retirar 0,4% à taxa de crescimento anual da economia global durante os próximos cinco anos e que este “travão” subirá para 0,9% de 2020 a 2025”. Os governos serão aconselhados a proceder a reformas de médio prazo que melhorem a participação no mercado de trabalho, bem como os fluxos migratórios e financeiros, que poderão ajudar a suavizar os impactos do envelhecimento.



**Figura 1:** Índice de envelhecimento segundo os países de 1960 a 2014. Recuperado a 9 de novembro de 2016 através de <http://www.pordata.pt/Europa/%C3%8Dndice+de+envelhecimento-1609>, Fonte: Pordata

Na figura acima apresentada, pode-se observar que Portugal é o quinto país com um índice de envelhecimento de 138,6, em relação aos outros países, sendo que em primeiro lugar está a Alemanha com 159,1, em que a posição de Portugal é preocupante. O envelhecimento da população portuguesa começou na década de 1960 a afirmar-se como se observa na figura 1, contudo nessa época a natalidade ainda se mantinha elevada, o que permitia que os jovens fossem em maior percentagem que a população idosa (Bandeira et.al, 2014). Mas com o passar do tempo o índice de envelhecimento passou de 27 para 138,6 em 54 anos.

Em 2002, na 2ª Assembleia Mundial para o Envelhecimento, realizada em Madrid, a temática do envelhecimento é reconhecida como um fenómeno global e prioritário em matéria de desenvolvimento. O plano de acção resultante incentivou os governos a reverem as políticas de modo assegurarem a equidade entre gerações e a promoverem a ideia de que o apoio e solidariedade intergeracional podem ser a chave do desenvolvimento social (ONU,2002).

A expansão do envelhecimento demográfico em Portugal acentuou-se a partir dos finais do séc. XX. Segundo Bandeira, Azevedo, Gomes, Tomé, Mendes, Batista e Moreira (2014) o envelhecimento da população portuguesa começou na década de 1960 como se observa na figura 1, apesar de a natalidade ainda ser elevada, em algumas regiões cuja população emigrou, começou-se a notar os primeiros sinais do envelhecimento da população devido ao facto de quem saía eram os adultos e os jovens, em idade de produtividade. É a partir de 2001 que a população idosa se torna mais expressiva relativamente à população com menos de 15 anos de idade. Neste ano os idosos representavam 16,4 % e os jovens 16,0% (2001), em 2011 os idosos representavam 19,1% e os jovens 14,9%, e ano 2015 os idosos representam 20,5%, e os jovens 14,2% respetivamente. Assim o envelhecimento demográfico está relacionado com três factores, a descida da natalidade, os fluxos migratórios e o aumento da esperança média de vida. Quanto à natalidade, decorre do facto de cada vez nascerem menos crianças, além de que a população jovem e em idade ativa saí do interior do país para as grandes cidades ou para fora do país. Por outro lado, a esperança média de vida tem vindo a aumentar de forma gradual, principalmente devido à melhoria das condições de vida e ao acesso mais facilitado aos cuidados de saúde.

Se o ritmo de crescimento do envelhecimento se mantiver com níveis de aceleração semelhantes à década de 2001-2011, em 2056 a população de idosos representará 40 % do total da população. Este facto vem demonstrar que caso não se inverta os níveis de fecundidade e natalidade, a renovação das gerações não acontecerá o que fará com que haja um agravamento do peso da população mais velha (Bandeira et.al, 2014).

A Europa é a região mais envelhecida do mundo com um índice de envelhecimento de 136,2 que aumentará em 2050 para 229,7. Este impacto está relacionado com a redução das taxas de fecundidade e o aumento da esperança de vida. Segundo Giddens (1999: 164) evidencia que “vivemos numa sociedade em envelhecimento, onde a proporção de pessoas com idade superior a sessenta e cinco anos está a aumentar de forma sustentada “.

Anos	Rácio - %			Proporção - %	
	Índice de envelhecimento	Índice de dependência total	Índice de dependência jovens	Índice de dependência idosos	Índice de longevidade
1960	27,3	59,1	46,4	12,7	33,6
1970	34,0	61,7	46,0	15,6	32,8
1981	44,9	58,6	40,5	18,2	34,2
1991	68,1	50,6	30,1	20,5	39,3
2001	102,2	47,8	23,6	24,2	41,4
2011	127,8	51,3	22,5	28,8	47,9

**Figura 2:** Indicadores de envelhecimento segundo os censos. Recuperado a 9 de novembro de 2016 através de <http://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela> Fonte: Pordata

Na figura 2 podemos observar a evolução dos indicadores de envelhecimento (índice de envelhecimento<sup>1</sup>, índice de dependência de jovens<sup>2</sup>, índice de dependência dos idosos<sup>3</sup>, índice de longevidade <sup>4</sup>,e por último índice de dependência total<sup>5</sup>), o índice de envelhecimento, que passa de 27,3 em 1960, para 127,8, em 2011 e o de longevidade, que aumenta de 33, 6 para 47,9, o que revela um crescimento do peso dos indivíduos com mais de 75 anos, fruto do aumento da esperança de vida. Contudo, verifica-se no aumento geral o aumento de todos os indicadores, o que demonstra que ao longo dos séculos anos, como já foi referido anteriormente, o país tem vindo a envelhecer mais envelhecido.

<sup>1</sup> O Índice de Envelhecimento é a relação entre a população idosa e a população jovem, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos (expressa habitualmente por 100 (10<sup>2</sup>) pessoas dos 0 aos 14 anos).

<sup>2</sup> O Índice de dependência de jovens é a relação entre a população jovem e a população em idade activa, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos (expressa habitualmente por 100 (10<sup>2</sup>) pessoas com 15-64 anos).

<sup>3</sup> O Índice de dependência de idosos é a relação entre a população idosa e a população em idade activa, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos (expressa habitualmente por 100 (10<sup>2</sup>) pessoas com 15-64 anos).

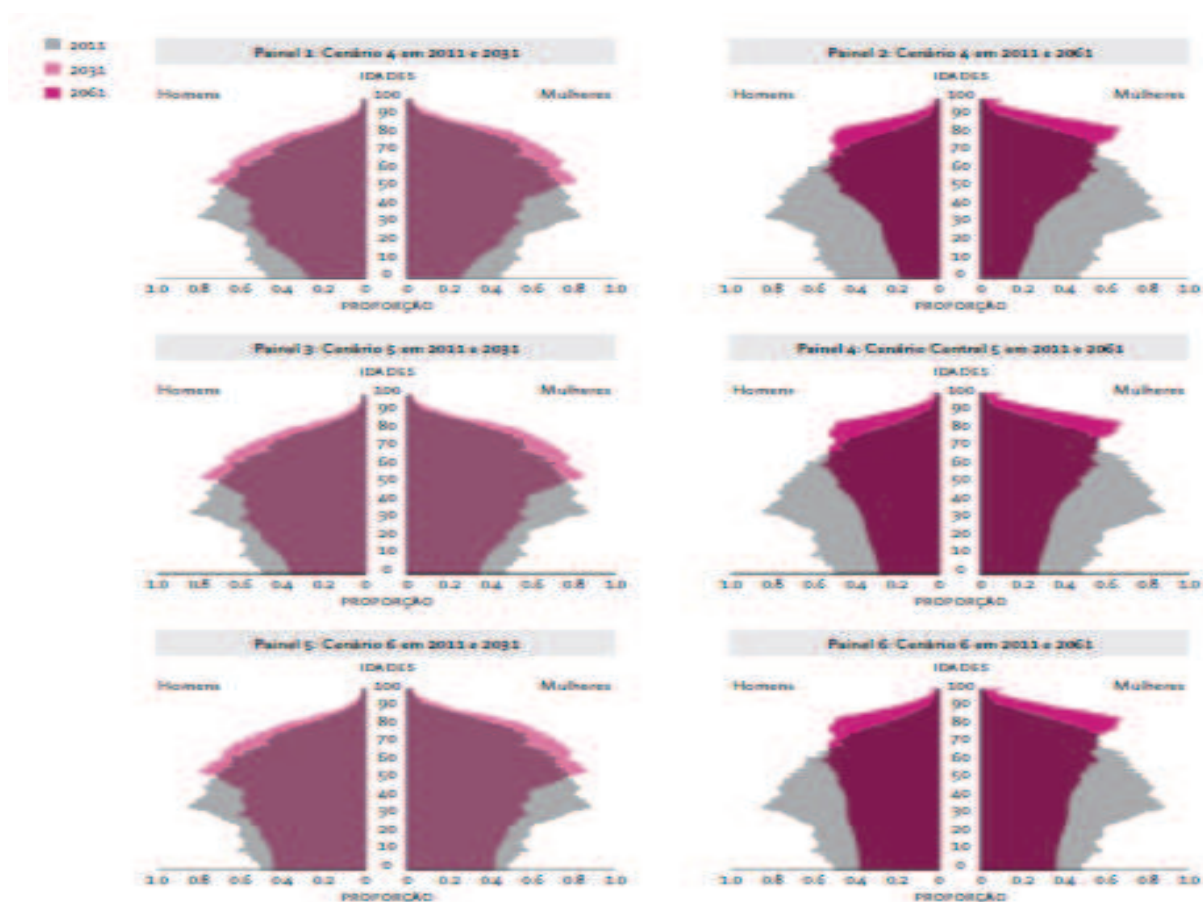
<sup>4</sup> O Índice de longevidade é a relação entre a população mais idosa e a população idosa, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 75 ou mais anos e o número de pessoas com 65 ou mais anos (expressa habitualmente por 100 (10<sup>2</sup>) pessoas com 65 ou mais anos).

<sup>5</sup> O Índice de dependência total é a relação entre a população jovem e idosa e a população em idade activa, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos conjuntamente com as pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos (expressa habitualmente por 100 (10<sup>2</sup>) pessoas com 15-64 anos)

Fonte: Pordata

Segundo a Pordata referentes às estimativas da população de 2014, a percentagem de jovens situa-se nos 14,5%, a população ativa 65,5% e dos idosos 20,1%. E ainda o índice de envelhecimento ronda os 138,6 (2014), e no ano de 1960 era de apenas 27,0 como observámos na figura 1. O Instituto Nacional de Estatística (INE), de março de 2014 refere que entre 2012 e 2060, o índice de envelhecimento aumenta de 131 para 307 idosos por cada 100 jovens.

Num artigo escrito por Silva (2014) refere que em 2020, haverá 13 países com uma população “super-idosa”, em que se incluirá Portugal. A previsão consta de um estudo realizado pela Moody’s, citado pelo Financial Times (FT), e representa a soma de dez nações a uma lista que atualmente integra apenas Alemanha, Itália e Japão. As projeções apontam para que o ritmo do aumento da população ativa entre 2015 e 2030 represente apenas metade daquele que se verificou durante os 15 anos anteriores, segundo o Financial Times (FT).



**Figura 3:** Estrutura da população portuguesa em 2011 e 2031/61 para os diferentes cenários. Fonte: Mendes, Tomé, 2014, pp. 462

Na figura 3 verificam-se os aumentos significativos na esperança de vida à nascença, é inequívoco que são as mulheres que registaram valores mais elevados que os dos homens, no que diz respeito à sua longevidade, isto é, as

mulheres vivem mais tempo mas com pior registo ao nível da saúde comparativamente com os homens. As projeções futuras vêm salientar a diferença entre os sexos (Giddens, 1999). Ainda segundo os dados do Eurostat (2002) referidos por Bandeira et.al (2014), a diferença entre o sexo masculino e feminino, no que diz respeito aos anos vividos sem incapacidade é maior no sexo feminino (cerca de 9%).

No que diz respeito à população com mais de 65 anos verificamos que o mesmo valor se repete para cada um dos cenários em cada ano observado (figura 3). Esta situação explica-se pelo facto de estes cenários conjugarem sempre uma hipótese de mortalidade central com diferentes hipóteses de fecundidade, o que aliado a estarmos perante uma análise por período e de coortes completas resulta na repetição dos referidos valores. Todavia, tal como verificámos atrás, o peso da população com mais de 65 anos vai alterar-se ao longo dos anos, ao longo dos diferentes cenários, determinado então pela correlativa alteração do número de jovens que tem vindo a diminuir face aos mais idosos.

Os valores relativos à evolução do número de nascimentos ajudam a explicar o envelhecimento populacional que se perspectiva, pois se o número nascimentos se reduz significativamente até 2031, em que se agrava especialmente no ano de 2061, ou seja, estamos perante um cenário de pirâmides em forma de urna (base estreita e topo largo), denomina-se este fenómeno de duplo envelhecimento.

A sociedade actual valoriza mais a juventude, vitalidade e a aparência física, onde a população idosa não tem lugar, sendo assim “excluídos” e colocados à margem da sociedade, em que os idosos tendem a tornar-se invisíveis. Este facto está relacionado com ao facto de os idosos não constituírem fonte de rendimento e produção para a sociedade, contudo este facto não é verdadeiro, em que esta população já teve os seus descontos e produção na sua idade ativa.

A propósito do envelhecimento da população portuguesa há quem afirme que é o século XX “o século de modernização demográfica portuguesa”, século em que o número de idosos é muito superior ao dos jovens (Palmeirão & Menezes 2008).

De acordo com as projeções demográficas, os governos, os grupos de interesse e os decisores políticos serão forçados a precaver o futuro e fomentar propostas que salvaguardam as necessidades de uma população em mudança (Giddens, 1999).

Segundo Palmeirão & Menezes (2008:23) “alimentar uma sociedade multigeracional pujante e equitativa requer empenho e um compromisso autêntico no sentido de gerar atitudes positivas e facilitadoras de um clima interpessoal de cordialidade e de amizade”.

Assim o envelhecimento crescente da população ao longo de décadas, cria por parte da sociedade, um conjunto de estereótipos e representações negativas

sobre a velhice e o envelhecimento, que origina a sua desvalorização perante o mercado e a sociedade.

## **2. Representações Sociais da velhice**

### **2.1 O conceito de representação social**

Os preconceitos sobre a velhice e o envelhecimento estão muito enraizados na cultura ocidental, mas o importante avanço na área da Gerontologia tem contribuído para que o reconhecimento da velhice, seja apenas uma fase no ciclo vital de cada ser humano (Palmeirão, 2012).

A situação demográfica atual reforça a necessidade de reconhecer a existência de preconceitos idadistas, a necessidade de combater a discriminação por ela induzida, e a promoção da longevidade ativa, em condições de vida favoráveis, produtivas e saudáveis. As mudanças no presente poderão refletir-se no futuro dos que hoje descriminam (Reis,2015).

Os estereótipos mais aceites em relação aos mais velhos incluem que a pessoa idosa tem uma deterioração das competências intelectuais, são pouco atractivos, infelizes, não podem participar em atividades físicas. Existem estudos que referem que atitudes negativas sobre as pessoas mais velhas, conduzem a uma forma de idadismo, e conseqüentemente afeta a autoestima dos indivíduos mais velhos (Rodin & Langer, 1980 citado por Palmeirão & Menezes, 2012).

O conceito de representações surge pela primeira vez na Sociologia, com Durkheim em 1898, com a noção de representações coletivas. O termo de representação social foi resgatado por Moscovici no ano de 1961, com o objetivo de procurar uma explicação da origem e da natureza do pensamento social, e hoje em dia este conceito tanto é da área da Sociologia, como da área da Psicologia. (Moscovici, 2005)

A noção de representação social trazida por Moscovici pretende relacionar a estrutura social e os indivíduos, que são considerados como ativos, pois as representações existentes, ao mesmo tempo em que organizam a forma de pensar e de agir, estão articuladas com as características da estrutura social e podem ser transformadas por aqueles que as tomam como realidade (Herzlich, 2005 citado por Santos,2010).

A teoria das representações sociais, é uma teoria psicossociológica do conhecimento elaborada por Moscovici, visa compreender as interpretações e os

sentidos que os grupos e/ou sujeitos têm acerca de determinado assunto, um conhecimento interposto pelas interações sociais, que é elaborado e compartilhado pelos indivíduos de um grupo social (Santos,2010).

As representações sociais apresentam-se como uma maneira de interpretar e pensar a realidade, são assim uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos ou grupos, para fixar posições em relação a determinadas situações (Moscovici, 2005). Para Denise Jodelet (s.d citado por Moscovici, 2005) a representação social apresenta cinco características: é sempre uma representação de um objecto; tem um carácter imagético e a propriedade de deixar intercambiáveis a sensação e a ideia, a percepção e o conceito; tem um carácter simbólico e significante; tem um carácter construtivo; e tem um carácter autónomo e criativo.

Deste modo, as representações sociais são uma forma de conhecimento elaborada por determinado grupo sobre um objecto social relevante, assumindo a importância ao exercer funções de direccionar comportamentos e facilitar a comunicação entre os membros do grupo que as compartilha. A representação social da velhice é o resultado dos significados, construídos a partir da vivência de cada um, da cultura, do que é passado da família e da sociedade.

A elaboração das representações sociais compreende dois processos: a objectivação e a ancoragem. Segundo Moscovici (2005) o termo “objectivar” significa transformar uma noção abstracta em algo concreto, tornando-a palpável, dando uma forma específica ao conhecimento que se tem a seu respeito com a finalidade de reproduzir algo não-familiar entre o que pode ser visto, tocado e controlado. É um processo que permite aos indivíduos, materializar um conceito, comparando-o a algo que lhes seja visível e concreto, tal como quando relacionam Deus à ideia, de pai ou o inconsciente a um órgão do corpo humano. A ancoragem segundo Sá (1993, citado por Lopes e Park, 2007) visa a integração do novo objeto a um sistema de pensamento social preexistente, por meio de classificação e nomeação. Para classificar, os indivíduos escolhem um dos paradigmas ou protótipos existentes na memória, com o qual o objecto será comparado, e decidem se este pode ou não ser incluído na classe em questão. No processo de nomeação, inclui-se o objecto num complexo de palavras específicas, localizando-o na matriz de identidade da cultura.

Duveen (2005, citado por Lopes e Park, 2007) ressalta o carácter dinâmico das representações sociais, que estão sujeitas a mudanças, seja pela emergência de novas representações ou pela reelaboração de representações já existentes.

Os estereótipos estão englobados nas representações sociais, e são uma imagem mental simplificada de uma categoria de pessoas, objetos e/ou instituições, em que os acontecimentos são agrupados em características essenciais por um grande número de pessoas. São juízos que se vão desenvolvendo a partir das experiências e informação que se possui de pessoas

ou grupos, que pode influenciar os comportamentos que se vão construindo ao longo da nossa vida (Neves,2012).

Busse (1968 citado por Neves, 2012) descreve o estereótipo e percepção negativa dos idosos na sociedade norte americana, mas foi Butler (1969 citado por Neves, 2012) que introduziu o conceito “*ageism*”, que traduzido para a língua portuguesa designa-se por idadismo. O idadismo constitui uma descrição cronológica, um processo sistémico de estereotipagem e discriminação baseada na idade, em geral, uma discriminação social muito negativa dos idosos. O idadismo criado pela sociedade e pelos indivíduos dá origem a representações sociais sobre os idosos.

## 2.2 Representação social acerca dos idosos

Ao mencionar o conceito de estereótipo, é importante enquadrar o mesmo, dentro de um referencial teórico bem estruturado. O conceito de estereótipo surge associado a outros conceitos, tais como o de imagem, atitude ou representação social.

Atualmente assiste-se a uma imagem dos idosos, que procuram o controlo dos seus movimentos corporais, a juventude, envelhecimento ativo, desejo de realizar sonhos, mas por outro lado, existe a imagem mais negativa de como eles são pobres, doentes, solitários, assexuados e abandonados (Lopes & Park, 2007).

Novos vocábulos ou expressões eufemísticas são usadas para designar as pessoas que chegam a idades mais avançadas. Apesar da utilização destes para denominar um grupo, a literatura não utiliza comumente terminologias pluralizadas para dar conta da heterogeneidade da velhice. Terminologias como a “terceira idade”, “idade madura” e “velhice” são usadas na literatura para designar este grupo. Importa referir que o aparente paralelismo semântico dos termos não significa uma utilização igualitária ao nível do discurso que se faz sobre este tema. Os termos “velhice” e “terceira idade” são exemplo para se falar deste tema, como refere Annamaria Palacios (2004, citada por Daniel, Antunes e Amaral,2015).

As representações sociais são formas de conhecimento manifestadas através de elementos cognitivos como imagens, conceitos, categorias ou teorias, elaboradas e partilhadas socialmente, que vão contribuir para a construção de uma realidade, possibilitando a comunicação, e ainda “são uma rede de ideias, metáforas e imagens sociais mais fluídas do que as teorias” (Moscovici, 2000 citado por Santos, 2010).

De acordo com Moscovici (1978, citado por Leite, 2014: 22) “ Representar uma coisa, um estado, não é com efeito duplicá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é reconstruí-lo, recolocá-lo, mudar-lhe o texto”. A comunicação que se estabelece entre conceito e percepção, um penetrando o outro, transforma a substância concreta comum, cria a impressão de “realismo”, de materialidade das abstrações, visto que podemos agir com elas, e de abstracção das materialidades, que exprimem uma ordem prévia.

O termo “representações sociais” surgiu a partir de um trabalho de Moscovici *“La Psychanalyse – son image e son publique”* (1978) que o define como um “conjunto de conceitos, proposições e explicações criado na vida quotidiana no curso da comunicação individual. São equivalentes, na nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como versão contemporânea do senso comum.

Ao longo dos séculos as representações sociais sofreram modificações, Philippe Ariés (1982, citado por Bandeira et.al, 2014) identifica quatro imagens diferentes, a de velho digno- Antiguidade, o velho gagá – entre a Idade Média e o séc.XVIII, a reabilitação da velhice- séc. XIX-XX, e a terceira idade, idade do lazer e da reforma, que foi a representação durante a segunda metade do séc.XX. Contudo, estas imagens não se “apagaram” ao longo das décadas na sociedade, pois continuam ainda muito enraizadas.

A visão que se têm acerca da velhice, tem vindo a transformar-se ao longo dos tempos, de uma imagem em que o idoso era visto como alguém portador de sabedoria, vivências, valores, poder e respeito, mas que com a revolução industrial passou a ser discriminado, onde se privilegia a juventude, pois é ela que possui a capacidade de produção na sociedade.

A imagem do idoso era de alguém que tinha muito a contribuir, ocupava um lugar de respeito na sociedade e na família, possuidor de histórias, transmissor de memórias e lembranças, porém esta imagem modificou-se ao longo do tempo (Caldas & Tomaz, 2010). Tal facto aconteceu em consequência de uma lógica consumista da sociedade, quando ser jovem, ativo e bem-sucedido passou a ser o foco do mercado.

Num país envelhecido, em que os idosos são cada vez mais em relação aos mais jovens, é necessário perceber de que forma as crianças/ jovens representam a velhice e a forma como a veêm. A relação entre criança-idoso, ou netos-avós, pode ser bastante enriquecedora, tornando-se numa relação vantajosa na medida em que, são transmitidas experiências e uma perspetiva histórica dos factos, em que o idoso também pode aprender com os mais jovens. Para as crianças/jovens, a velhice significa o afastamento do mercado trabalho, marcado pela entrada na reforma, pelo cansaço e, principalmente, pela doença ( António, 2010).

De acordo com Ribeiro (2007, citado por Carneiro et al. 2012), existem algumas imagens da velhice e do envelhecimento identificadas em alguns

estudos, nomeadamente na categoria de imagens positivas como sejam a amabilidade e amizade, serenidade, sabedoria, felicidade e sociabilidade, avós, guardiões das tradições familiares; quanto às negativas são por exemplo a solidão e tristeza, insegurança, doença, assexualidade, pobreza, dependência e incapacidade, aproximação da morte, homogeneidade, vítimas de crime, aspeto físico, aborrecido e antiquado, incapacidade de aprender e espirituais.

O aumento da população idosa possibilitou uma viragem no mercado das agências, isto é, a partir da década de 90 observou-se que os bancos, agências de turismo para a terceira idade, hotéis entre outras, começaram a incluir o idoso na sua propaganda publicitária (Caldas & Tomaz, 2010). Como consequência, observa-se uma modificação na visão da velhice, que anteriormente era negativa, e que agora passa a ter outros contornos. Este “idoso moderno” é pautado por um modelo de envelhecimento ativo, que certamente tem contribuído para a transformação da imagem individual e social perante a sociedade.

Um inquérito realizado a 28 países, relevou que os noruegueses e os suecos consideram uma pessoa jovem até aos 34 anos e idosa a partir dos 62 anos, na Grécia e no Chipre uma pessoa é jovem até aos 51 anos, e idosa aos 67/68 anos de idade (Marques, 2011:39). Os portugueses aproximam-se do padrão norueguês e sueco, em que a partir dos 65 anos uma pessoa é considerada idosa.

Um estudo realizado na Université de Montreal por Champagne e Frennet citados por Martins e Rodrigues, (s.d) identificaram catorze estereótipos como os mais frequentes relativos aos idosos designadamente os idosos não são sociáveis e não gostam de se reunir; divertem-se e gostam de rir; temem o futuro; gostam de jogar às cartas e outros jogos; gostam de conversar e contar as suas recordações; gostam do apoio dos filhos; são pessoas doentes que tomam muita medicação; fazem raciocínios senis; não se preocupam com a sua aparência; são muito religiosos; são muito sensíveis e inseguros; não se interessam pela sexualidade; são frágeis para fazer exercício físico; e na sua maioria pobres.

Segundo Tukman & Lorge (2007, citados por Neves, 2012) em investigações antigas a imagem da velhice e do envelhecimento é predominantemente negativa, os idosos são vistos como conservadores, descuidados, pobres e deprimidos, e estas imagens são partilhadas por todas as faixas etárias / grupos sociais. Pelo contrário, em estudos recentes, coexistem imagens mais positivas, pouco negativas e neutras, denotando-se alguma inconsistência e variabilidade nos resultados obtidos nestes estudos.

Nos estudos referidos por Neves (2012), associam a imagem do idoso à dependência, solidão e doenças, perdas biológicas, perda de laços familiares e do ritmo de trabalho. Noutros estudos, surgem conceções que caracterizam os idosos como não sociais, não gostarem de se reunir, temerem o futuro, pessoas doentes, que tomam muita medicação, têm raciocínios senis, não se preocupam

com a sua aparência, são muito religiosos, são sensíveis e inseguros, não se interessam pela sexualidade, são frágeis e na sua maioria são pobres.

Os estudos portugueses sobre os estereótipos etários não são abundantes e têm algumas limitações metodológicas. A investigação na área do idadismo sobre, as pessoas idosas é um tema de grande relevância, na medida em que as conclusões que se retiram podem auxiliar na mudança de atitudes e comportamentos em relação à redução dos preconceitos, que os adolescentes têm acerca do envelhecimento e da velhice (Marques, Lima & Novo, 2006).

O estereótipo é “uma representação social sobre os traços típicos de um grupo, categoria ou classe social” (Martins & Rodrigues s.d). Mantêm-se estáveis no tempo, adaptando-se às circunstâncias que regulam as relações entre a sociedade, em que se pretende mudar a dimensão do estereótipo que existe por parte da sociedade (Castro et al. 1999).

O “Ancianismo” como conceito gerontológico, define-se como o “processo de estereotipia e de discriminação sistemática, contra as pessoas porque são velhas socialmente” (Marques, 2011:36), e no caso dos idosos, a valorização dos estereótipos projecta sobre a velhice uma representação social gerontofóbica, que contribui para uma imagem que os idosos têm de si próprios, bem como das condições e circunstâncias que envolvem a velhice, pela perturbação que causam uma vez que negam o processo de desenvolvimento (Marques, 2011).

No início, o idadismo referia-se à discriminação baseada na idade, mas progressivamente, acabou por remeter para a discriminação baseada na população idosa, assim aparece este conceito associado à velhice e ao envelhecimento. “ O idadismo pode ser tão abrasivo como o disparo de uma arma sobre um inocente desarmado “ (Marques, 2011:100).

Palmeirão & Menezes (2012) também não deixaram de fazer referência aos estereótipos mais aceites em relação às pessoas idosas, dizem respeito ao facto de a pessoa idosa experimentar uma deterioração profunda de competências intelectuais, e de serem pouco atractivos, infelizes e não puderem participar em atividades físicas devido à sua incapacidade.

Desde que surgiu o termo “ idadismo “, têm sido feitos vários esforços para identificar manifestações de idadismo na sociedade portuguesa. Em alguns países, como no Reino Unido e na Suécia, realizaram-se trabalhos com o intuito de eliminar este tipo de manifestações contra os idosos. Segundo Marques (2011) o idadismo refere-se às atitudes e práticas negativas generalizadas, em relação aos indivíduos, baseadas somente numa característica, a idade. No Reino Unido, o idadismo é direccionado para os mais jovens, ao contrário do que acontece em Portugal, que é sobretudo sobre os mais velhos. A este tipo de idadismo que acontece em Portugal designa-se de gerontismo. (Marques, 2011:101).

As atitudes idadistas, segundo Marques (2011) têm três componentes, nomeadamente as crenças e estereótipos que existem relativamente ao grupo de pessoas idosas, que se considera como um grupo homogéneo que se caracteriza por traços negativos (ex.: incapacidade, doença); o preconceito e os sentimentos, que se manifestam por sentimentos de desdém em relação ao envelhecimento e às pessoas mais velhas; e, por último, a componente comportamental, que está relacionada com os atos efetivos de discriminação em relação às pessoas idosas (ex.: abusos, maus tratos). O idadismo não pode ser definido apenas de modo individual, mas ao nível institucional e cultural. Segundo Marques (2011:19) o “ idadismo é um problema grave na sociedade portuguesa” .

O etarismo ou idadismo está associado às oportunidades dos idosos aos recursos e possibilidades de participação na sociedade, e ainda à associação de uma visão na maioria das vezes negativa sobre as pessoas mais velhas e sobre o processo de envelhecimento. O idadismo requer uma intervenção que não pode ser efetuada a nível individual, pois não pode ser autêntica até ao ponto de se alterar, em que a intervenção ter de ser ao nível colectivo ( Marques,2011).

Os comportamentos de ajuda excessiva e de sobreproteção relativamente aos idosos, são considerados idadistas e prejudiciais, porque tendem a promover incapacidade e dependência. A dificuldade de acesso a determinados serviços, por exemplo de saúde é também uma forma de tratamento negativo que acarreta consequências. Torna-se fulcral a compreensão dos comportamentos e atitudes idadistas na sociedade, de forma, a que se possam delinear políticas adequadas para combater a disseminação deste tipo de comportamentos.

Segundo Allport (1971, citado por Castro, Díaz e Veja, 1999:58) refere que “ os estereótipos são pontos inevitáveis que derivam do ser humano, é uma consequência da nossa forma de perceber e pensar a realidade “. Trata-se de um conceito multiunívoco, mas que é necessário limitá-lo. É um constructo categorial, generalizador, estável e compartilhado, e define um determinado grupo social.

Allport (1971, citado por Castro et al. ,1999) refere que o estereótipo é uma crença exagerada associada a uma categoria. A sua função é racionalizar a nossa conduta em relação com a categoria. Em 1940, Edwards (1940, citado por Castro el al.,1999) assinala quatro dimensões dos estereótipos, a uniformidade, direção, intensidade e qualidade. Vinacke (1957, citado por Castro el al., 1999) caracteriza o estereótipo como um fenómeno que pode ser resumido em cinco pontos, o conteúdo, uniformidade, intensidade, familiaridade e auto-atribuição.

O artigo 21º da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia reconhece a discriminação com base na idade, como uma violação dos direitos: “ é proibida a discriminação em razão, designadamente, do sexo, raça, cor ou origem étnica ou social, características genéticas, língua.... Idade ou orientação social” (Marques, 2011: 21).

Em termos sociais existe uma representação das pessoas idosas que incorpora traços negativos, tais como “ incompetência”, “ doentes “, “coitados “, “ velhos “, “incapazes “, “esquecidos “, “ lentos “, “ sós”. Segundo Marques (2011), existem provas de que o idadismo pode ser muito prejudicial para as pessoas idosas, influenciando na saúde e nos desempenhos cognitivos e comportamentais. Em outros estudos realizados, demonstram que as percepções positivas melhoram a saúde e a autoestima dos idosos. A luta contra este tipo de atitudes é indispensável para garantir o êxito das medidas políticas de promoção do envelhecimento ativo. A disseminação eficaz desta ideologia anti-idadista deverá ser acompanhada por um trabalho junto dos indivíduos, de modo a provocar uma mudança relativa às representações associadas à velhice. A promoção de ações intergeracionais permitem aumentar as oportunidades de contato positivo entre as pessoas idosas e os jovens, e entre outros grupos etários, que é fundamental para diminuir as atitudes idadistas. Em Portugal a criação do Instituto de Envelhecimento na área da investigação teve um importante papel na aplicação de medidas contra o idadismo.

O conhecimento das representações sociais aponta para a necessidade de intervenções educativas (nas escolas), pelos vários profissionais que estejam na área educativa, para que a manutenção do diálogo (pensar e repensar) dos conhecimentos acerca da velhice seja eficaz, de modo a sensibilizar os jovens quanto aos seus comportamentos e atitudes em relação à população idosa (Freitas & Ferreira, 2013). Com esta atitude pretende-se intervir junto das escolas, de modo a alterar os comportamentos dos jovens face aos idosos, desconstruindo os preconceitos e imagens negativas existentes.

Existe uma posição de distanciamento dos mais jovens face aos mais velhos, que Freitas & Ferreira (2013) consideram ser importante que exista um convívio entre as diferentes gerações, contudo defendem que devem existir espaços dedicados somente a esta faixa etária. Os mais jovens referem que deve existir solidariedade intergeracional, mas ao dizerem que devem existir espaços dedicados só a população mais idosa, demonstram que, não estão preparados para lidar com este público-alvo. Face a este facto os jovens vêem os idosos como o “outro”, o que gera um distanciamento intergeracional, pela dificuldade de compreender e lidar com as diferenças.

O factor biológico é apontado pelos jovens, como um factor que faz parte da conceção do que acham que é ser velho, que a doença ainda é vista como um dos problemas mais comuns deste grupo, onde existe a perda de várias funções, principalmente das cognitivas e motoras (Freitas & Ferreira, 2013).

Os idosos são vistos como pessoas “experientes e sábios”, características encontradas em duas pesquisas de (Martinez, 2007; Oliveira, 2009 citados por Caldas & Thomaz, 2010). Apesar de quase todos os jovens atribuírem esses dois

aspectos positivos à velhice, em que os negativos por vezes sobressaem, defendem que é possível ser feliz nesta etapa da vida.

A imagem que se tem do idoso é marcada principalmente por aspectos negativos, como os preconceitos, a desvalorização social, os maus tratos, as limitações biológicas e as diferenças culturais. Este facto fica evidente quando os próprios jovens imaginam a sua própria velhice, e se deparam com um misto de sentimentos como de desconforto, dificuldades de se verem em tal situação, mistério e tristeza.

A imagem que os jovens fazem dos idosos está vinculada à identidade estipulada socialmente, em que o idoso é percebido pelas suas características gerais e coletivas, nas quais a maior parte delas são negativas, não são vistos como indivíduos únicos e possuidores de oportunidades e conhecimento. Os jovens consideram os idosos, pessoas conservadoras, inativas sexualmente, doentes, frágeis, dependentes, desvalorizados socialmente e marginalizados, o que origina assim uma distância entre estes dois grupos, onde a intergeracionalidade é quase nula. O convívio intergeracional é visto como um aspeto importante, o que origina uma mudança no modo de pensar da sociedade, em geral, e também dos mais jovens ( Marques,2011).

Numa pesquisa bibliográfica que Caldas & Tomaz (2010) realizaram, referem três autores nomeadamente Azeredo (2002); Martinez (2007) e Oliveira (2009). Os estudos levados a cabo por estes três autores abordam as imagens sociais predominantes, a concepção do que é ser velho, como o jovem lida com o envelhecimento e como reforça/ajuda na construção de uma nova identidade do idoso. O conceito de terceira idade remete para algo mais grupal. A diferença dos dois conceitos, denota vários modos como o idoso é encarado pelos jovens.

Os idosos são vistos como um “ser do outro mundo”, possuidor de diferentes costumes, ideias, hábitos, e que não acompanha os pensamentos modernos e a realidade tecnológica do mundo de hoje. Os jovens vêem os velhos como um ‘outro’, o que gera um distanciamento intergeracional, pela dificuldade de compreender e lidar com as diferenças (Martinez, 2007; Oliveira, 2009 citados por Caldas & Tomaz, 2010).

Numa outra investigação levada a cabo por Kite, Deaux, e Miele (1991, citados por Caldas & Tomaz, 2010), sobre os estereótipos de envelhecimento. Estas autoras pediram a 100 jovens universitários (com uma média de idades de 22 anos) e a 100 pessoas idosas (com uma média de idades de 70 anos) para realizarem descrições livres sobre um de quatro alvos: homem de 35 anos, mulher de 35 anos, homem de 65 anos e mulher de 65 anos. Posteriormente, pediram aos sujeitos para escolherem de uma lista de 35 atributos estereotípicos das pessoas idosas, quais os que se adequavam ao alvo considerado. Nesta investigação, utilizou-se um procedimento de comparação entre sujeitos, já que cada indivíduo só respondia a um alvo. Os resultados revelaram acordo entre os

atributos dos homens e mulheres com mais de 65 anos no que se refere a alguns destes atributos tais como: envelhecido, problemas de saúde e generoso para os outros. No entanto, surgiram atributos apenas referidos no caso do homem idoso (ex.: teimoso, reformado) e outros apenas no caso das mulheres idosas (ex.: activo na comunidade, enrugada). Um padrão semelhante surge no caso dos indivíduos jovens. Este estudo representa um exemplo que responde às exigências metodológicas actuais para o estudo dos estereótipos de pessoas idosas, na medida em que, tanto os jovens como os próprios idosos descrevem a sua visão sobre as pessoas idosas.

Assim, de forma a combater e alterar as representações sociais que existem sobre a população mais idosa, e sobretudo as imagens negativas por parte dos mais jovens e da sociedade, é necessário que haja uma promoção deste tipo de relação, isto é, um incentivo à promoção das relações intergeracionais.

## **2.3 Importância da promoção da intergeracionalidade**

Em Portugal, esta temática têm vindo a conhecer uma maior visibilidade nos últimos anos, à medida que se percebe a sua importância num contexto social envelhecido.

A promoção das relações intergeracionais começa através da participação dos jovens/crianças com a população mais velha, sem existir estereótipos e atitudes negativas predeterminadas, que coloquem um “entrave” a esta relação de partilha de experiências. Este tipo de relação deve ser fomentada e alimentada por técnicos experientes sobre o assunto, sobretudo junto das crianças e jovens em contexto escolar, desde a creche até à adolescência, de modo a que, a imagem que socialmente existe sobre a população idosa possa ser “mitigada” nestas faixas etárias, e não tomem como certo a imagem que circula na sociedade. Associado a este tipo de relação surge o conceito de solidariedade entre gerações.

O convívio entre gerações proporciona um maior conhecimento sobre todos os sujeitos envolvidos no processo intergeracional, que possibilita a minimização dos preconceitos relacionados com os idosos. Falar na intergeracionalidade significará sempre falar em espaços de diálogo e de troca de experiências entre as gerações, que favorece o enriquecimento mútuo. É na família o local primordial das trocas intergeracionais, é no seio da família que as gerações se encontram e interagem de uma forma muito intensa.

Na década de 60/70 desenhou-se um diagnóstico crescente, de preconceitos, mitos, estereótipos, atitudes e comportamentos negativos sobre os mais velhos, que originou a implementação de programas educativos intergeracionais

(Teiga,2012). Estes programas visavam a promoção de estratégias, para melhorar e combater os problemas sociais dos jovens e idosos, agravados na década de 80/90. Durante os anos 80 e até aos dias de hoje, as relações intergeracionais, sobretudo entre avós e netos, têm-se mantido, e em muitos casos são fundamentais para a sobrevivência de muitas famílias (Sequeira, 2014).

O conceito de solidariedade entre gerações aparece pela primeira vez nos anos 90, no Ano Internacional da Pessoa Idosa, onde se chamou a atenção para as relações intergeracionais e, para a importância de uma sociedade para todas as idades, tendo em vista a preparação de desafios das décadas seguintes sobre o envelhecimento (Azevedo & Palmeirão, 2012).

As relações intergeracionais implicam o convívio e o relacionamento de várias gerações, podem ser relações entre avós e netos, relações familiares que envolvam mais do que uma geração, avó, mãe e filha e relações de trabalho ou de amigos que podem ter idades diferentes, uns com 30 anos, outros com 50 anos. Porém, normalmente quando se aborda o tema das relações intergeracionais pensa-se de imediato nas relações entre jovens e idosos (Teiga,2012).

O conceito de intergeracionalidade não foi diretamente conceptualizado visto que, implica sempre definir o conceito de geração e o conceito de relações sociais (Teiga,2012).

A transmissão de memórias e experiências permite que cada geração compreenda a sua linguagem e a sua simbologia, diminuindo assim os conflitos que possam existir. O conflito intergeracional ultrapassa as diferenças etárias, o que está em causa são as discordâncias de atitudes, crenças, culturas e experiências Esta partilha permite que as pessoas idosas se sintam socialmente incluídas e valorizadas. (Teiga,2012).

As relações intergeracionais devem ocorrer também fora do contexto familiar, uma vez que a sociedade depara-se com grandes mudanças sociais e económicas que podem constituir um risco para o conflito entre as gerações.

Segundo Lopes (2008, citado por Teiga, 2012:30) "as relações intergeracionais ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações, que interagem sem paternalismos ou proteccionismos. O diálogo entre gerações contribui para uma nova consciência comunitária, na medida em que desenvolve as relações interpessoais, quando entram em contacto com novas vivências de diversos modos de pensar, agir e sentir. As relações intergeracionais renovam opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas".

A Organização Mundial de Saúde (OMS) explica que uma sociedade para todas as idades, deve ter por base alguns princípios e deve ser produtiva "A society for all ages would additionally enable the generations to invest in one another and share in the fruits of that investment, guided by the twin principles of reciprocity and equity" (WHO, 1995, citado por Azevedo e Palmeirão,2012:256).

Um outro estudo realizado por Kite, Deaux & Miele (1991), com jovens estudantes e idosos, verificou que existiam mais conceções estereotípicas quando o alvo eram os idosos, do que quando o alvo eram os mais jovens. Verificou-se que os idosos tendem a ver-se de forma menos negativa, do que quando são os jovens a caracterizar o idoso de uma forma muito mais carregada de imagens negativas do que positivas. Apesar de o idoso ser visto como mal-humorado, crítico, pobre, ele é também caracterizado como uma pessoa generosa, inteligente e experiente.

Segundo Carneiro, Chau, Soares, Fialho e Sacadura (2012) deve-se procurar novas abordagens e políticas com vista a fortalecer a solidariedade intergeracional, para que se alcance sociedades mais coesas e sustentáveis. A Comissão Europeia lançou o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo em 2012, com os objetivos de se criarem melhores oportunidades para os trabalhadores mais velhos, combater a exclusão social das pessoas idosas reforçando a sua participação ativa, e encorajar o envelhecimento saudável e independente.

De acordo com a média de entrevistados na EU, cerca de 4% da população pensa que os idosos constituem um “ fardo” para a sociedade, sendo que a resposta em Portugal situa-se nos 88%, facto que se deve ter em conta no que diz respeito à imagem que a sociedade portuguesa tem dos idosos. (Carneiro, Chau, Soares, Fialho e Sacadura,2012).

A solidariedade intergeracional é considerada um dos valores e princípios comuns europeus mais importantes para a sociedade. A imagem e/ou mito, é uma visão implícita, inconsciente, complexa e multidimensional, em que vários estudos mostram que a velhice e o envelhecimento estão associados a juízos positivos, negativos e/ ou neutros, em que os negativos são os mais predominantes.

Um estudo levado a cabo por Lima et al. (2011, citado por Carneiro et al. 2012) revelou que, Portugal é um dos cinco países que mais considera o idadismo como um problema grave. Num outro estudo desenvolvido por Cerqueira (2010, citado por Carneiro et al., 2012), refere que as imagens são multidimensionais e complexas sob várias vertentes acerca da representação dos idosos. As estratégias para a mudança das imagens negativas ou positivas do envelhecimento e da velhice, deverão incidir nas dimensões dos próprios indivíduos, isto é, têm de partir deles qual a atitude que devem tomar sobre as pessoas mais velhas.

Com o aumento da longevidade e o crescente número de pessoas com 65 e mais anos de idade, introduzem-se novos desafios na sociedade: educação intergeracional. Segundo Palmeirão & Menezes (2009) há mais de 20 anos que é discutido este tema em várias assembleias mundiais, e têm-se feito vários estudos. A população idosa segundo Carneiro et al. (2012:150) é “ mais

heterogénea do que as restantes faixas etárias nas dimensões cognitiva, física e social”.

Desde os anos setenta e um pouco por toda a parte, a educação intergeracional e as práticas de educação gerontológica revelam a importância da aprendizagem por todas as faixas etárias. A prática intergeracional é inclusiva visa o respeito pela diversidade, pluralidade de valores, costumes e identidades individuais e colectivas e a construção de novos espaços de conhecimento, comunicação e de relação (Palmeirão, 2007).

No estudo de Palmeirão & Menezes (2009:28), chama-se a atenção para a importância da educação intergeracional e para necessidade de se continuar a desenvolver programas intergeracionais nas escolas, visto que a “imagem cognitiva, afetiva e comportamental é significativamente alterada”, defendendo ainda que esta relação entre gerações contribui para diminuir o risco de insucesso escolar.

A educação intergeracional é um processo que visa o desenvolvimento e aperfeiçoamento das competências humanas, das relações entre gerações e, de uma consciência intergeracional (Sáez Carreras, 2002 citado por Palmeirão & Menezes, 2012) capaz de recriar responsabilidades e propiciar elos de solidariedade alternativos.

As iniciativas intergeracionais procuram gerar uma consciência multigeracional e fomentar a aprendizagem de boas práticas relacionais. As estratégias a privilegiar devem ser aquelas, que levam as pessoas jovens e idosas a contactos directos e pessoais com pessoas e situações de vida diferentes. Um dos primeiros "ensaios" de educação intergeracional foi realizado através de um trabalho efectuado por crianças do 1º ciclo do Ensino Básico e pessoas idosas, designado por "os idosos revisitam a infância" e que foi desenvolvido no concelho de Santa Maria da Feira, com a finalidade de promover o relacionamento entre diferentes gerações. (Palmeirão & Menezes, 2009)

A educação intergeracional é definida por Sáez (2002, citado por Boas, Oliveira, Ramos e Montero, 2016) como um conjunto de processos e procedimentos que se apoiam e se legitimam enfatizando a cooperação e interação entre duas ou mais gerações, assegurando a partilha de experiências, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, com o objetivo de aumentar os níveis de autoestima e auto-realização pessoal. Segundo este autor, educação intergeracional é um processo que contribui para superar os estereótipos e preconceitos, fomentar o respeito pela diversidade e a diferença, a pluralidade de valores, os costumes e as identidades individuais ou coletivas, desenvolver conhecimentos, competências, entre outras. Para a sua concretização colocam-se as diferentes gerações a realizarem tarefas em conjunto, de forma a promover oportunidades de interação, de intercâmbio e transferência de conhecimentos, habilidades, valores, etc.

A educação intergeracional é um processo pedagógico que coloca pessoas de diferentes gerações a executarem atividades e tarefas que respondem às suas necessidades e interesses, numa dinâmica de participação, cooperação, interação, intercâmbio e de diálogo intergeracional desenvolvido numa relação igualitária, de tolerância e respeito mútuo.

No estudo realizado por Palmeirão & Menezes (2009:30), elencaram-se alguns dos “ensaios” de educação intergeracional, desenvolvidos em várias zonas do país. No contexto escolar, foram mencionados dois projetos: o já referido “Os idosos revisitam a escola”, no concelho de Santa Maria da Feira, que teve como objetivos promover o relacionamento entre diferentes gerações, criar momentos de partilha de saberes e experiências e valorizar a pessoa idosa; e o outro projeto “Venha aprender connosco e ensinar-nos também o que sabe”, em Mangualde, que teve como finalidade motivar e responsabilizar um grupo de jovens, e criar momentos de oportunidades relacionais. O “ser velho dura mais tempo do que antigamente” (Giddens, 1999: 106), daí a educação intergeracional ser considerada um grande desafio de interesse na sociedade actual.

O Plano de Acção Internacional sobre o Envelhecimento referido por Palmeirão & Menezes (2009) apela a uma cultura para a ancianidade e ainda, a um conjunto de medidas que visam, fortalecer a solidariedade mediante a equidade e a reciprocidade entre as gerações, sendo que a questão da participação é fundamental nesta estratégia. Apesar disso, não se pode esquecer que está ainda por se conseguir, uma verdadeira cultura de participação. Em Portugal, o acto de participar é ainda um processo recente e, neste contexto, é necessário trabalhar para “ativar a participação” das pessoas mais velhas.

Estudos realizados por diversos autores na área escolar e/ou comunitário citados por Palmeirão & Menezes (2009) evidenciam os efeitos positivos deste tipo de programas e projetos nas escolas, no âmbito da educação intergeracional, e reiteram a necessidade de continuar a desenvolver e promover esta área educativa.

É uma forma de educação experiencial, na qual os estudantes participam em iniciativas humanitárias (Jacoby, 1996, citado por Palmeirão & Menezes, 2009), em que participam pessoas de diferentes grupos etários. Com este pretexto, universidades e faculdades são estimuladas a assumir atitudes de liderança, sobretudo, nas áreas relacionadas com a sociedade e as necessidades crescentes do desenvolvimento humano. As novas políticas educativas vão no sentido de gerar novas oportunidades e incluir nos seus planos de desenvolvimento curriculares situações de aprendizagem intergeracional (Palmeirão & Menezes, 2009). O desafio reside, essencialmente, no desenvolvimento curricular de conteúdos específicos sobre o envelhecimento e a velhice.

No estudo realizado por Palmeirão (2012) acerca das atitudes que as crianças em idade escolar têm em relação à pessoa idosa, concluiu-se que apesar de existir

alguma variabilidade menos positiva das atitudes, a verdade é que os resultados globais revelam atitudes positivas face aos idosos. Não houve diferenças significativas em relação ao sexo da criança no estudo, pelo que o facto de ser rapaz ou rapariga não está relacionado com o tipo de atitude face aos idosos. Assim existe um caminho de aprendizagem ainda longo e uma cultura a construir em prol de uma sociedade solidária e para todas as idades.

A pensar nos dias futuros, a questão que se coloca é a de apreender e explicar o processo gradual da ancianidade e, simultaneamente, potenciar lugares facilitadores de participação e educação entre gerações (Palmeirão & Menezes 2012). Segundo o testemunho de uma mãe, deve existir uma “aproximação saudável entre várias gerações” contribuindo para uma sociedade inclusiva, e constitui “um contributo essencial para a melhoria dos sentimentos de auto-estima e integração social dos nossos idosos” explica a responsável do lar (Palmeirão 2008:24).

Neste seguimento também Azevedo & Palmeirão (2012:259) desenvolveram um programa que tinha como objetivos incentivar a comunidade educativa para a prática de uma nova forma de cidadania; desenvolver relações entre um grupo de 47 estudantes, de Matosinhos, e um grupo de 48 idosos, que vivem na casa de enfermagem de Sant’Ana. O programa contou com um total de 80 participantes, o grupo de jovens com 25, de 12 anos de idade, o grupo de sénior com 15 participantes, de 60-94 anos, e um grupo de controlo com 24 alunos, também com 12 anos. Os restantes participantes eram professores, educadores sociais, assistente social, estagiários de serviço social, voluntários séniores, cuidadores e familiares.

Os programas de ensino dos diferentes níveis de escolaridade, é uma das chaves mais importantes para a integração cultural e social. Em quase toda a literatura que existe sobre este assunto, está assente em juízos de valor que alguns autores escrevem (Castro et al. 1999).

A nível mundial, muitas são as cidades que praticam a educação e intervenção intergeracional. Já no âmbito nacional, esta é uma realidade pouco praticada. Um exemplo destes programas realizado em Portugal é o “Projeto Redes de Encontros Intergeracionais”, de natureza sociopedagógica, realizado no ano de 2005/2006. Este programa decorreu de uma forma sequencial evocando uma estratégia eclética quanto filosofia de ação entre o desenvolvimento curricular (escola e lar) e ações elencadas pelos participantes (juniores e séniores). Destas resultaram aprendizagens na sala de aula, visitas, encontros, momentos de convívio, teatro, dramatização, declamação e leitura, transformados em momentos de interação e aprendizagem ativa (Palmeirão 2008).

Pensar a velhice e a pessoa idosa de forma mais positiva revela ser dos principais pressupostos de coaprendizagem intergeracional. O mais importante não é a promoção de encontros entre as gerações, mas antes a natureza desses

encontros, e mais relevante ainda o tipo de participação e qualidade da mediação e a comunicação estabelecida, ou seja, a natureza dos encontros diz respeito à forma como são organizados e com que objetivo se promove os encontros. (Palmeirão & Menezes, 2012).

Torna-se assim importante repensar a forma como a aprendizagem das crianças/jovens é efetuada, pois elas irão reproduzir a informação que retêm. Desta forma, se a representação dos idosos e da velhice, nos manuais escolares, for feita de forma positiva e realista será então possível desconstruir estereótipos e concepções erradas acerca do envelhecimento.

Um estudo exploratório realizado com crianças entre os 6 e 10 anos, sobre as representações que têm dos idosos, permite concluir que as crianças aceitam os idosos, embora apontem alguns estereótipos no que respeita às características físicas, ainda que gostem particularmente das suas características sociais ligadas ao convívio intergeracional. Este estudo revela ainda que as crianças pensam que as pessoas mais velhas não devem trabalhar, mas devem manter-se ativos através de estudos e organização do próprio tempo. Contudo, apresentam estereótipos no que toca ao uso das tecnologias e comportamentos de namoro. Os autores deste estudo concluem que as crianças não avaliam de forma tão negativa os idosos como sugerem alguns autores (Sousa et al., 2010 citado por Rodrigues, 2014)

Davidson (1995, citado por Rodrigues, 2014) num estudo com crianças norte-americanas, da Educação Infantil, mostrou que a maior parte delas, ao ter de escolher etiquetas para caracterizar os idosos, os descreveram como pobres, tristes e doentes. Também uma pesquisa desenvolvida por Page et al. (1981, citado por Ramos, 2006) com 144 crianças, entre os 3 e os 11 anos, apontou para o pouco contacto das crianças com as pessoas idosas, e visões negativas do envelhecimento. Na Tailândia, num estudo realizado com 300 crianças aponta para uma visão mais positiva dos jovens relativamente à velhice.

No estudo realizado por Santos (2010) que contou com a participação de dois colaboradores Luiz Fernando Rangel Tura e Ângela Maria Silva Arruda, usaram como instrumento, um questionário com perguntas abertas acerca das crenças, atitudes, normas, valores, e práticas relacionadas com o processo de envelhecimento, e sua caracterização demográfica. Neste estudo participaram 137 estudantes do 2º ano do ensino médio de uma instituição de ensino no Rio de Janeiro, com idades compreendidas entre 15-19 anos de idade. Chegou-se à conclusão que os elementos centrais, aqueles que geram e estabilizam a representação, encontrados pelo meio do TEP (instrumento) são designadamente os termos avós, idoso e experiência, dos quais “avós e experiência” tiveram relevância quanto à sua importância, e “avós e idoso” foram os principais organizadores da representação. Assim verificou-se que há dois polos de sentido, acerca da pessoa mais velha: avós e idosos.

No estudo levado a cabo por Marques, Lima e Novo (2006) que tinha como objetivo recolher os atributos estereotípicos de um grupo de pessoas jovens e idosas em Portugal, e que contou com a participação na primeira fase do estudo, de 67 pessoas jovens e 85 pessoas idosas, realizou-se uma tarefa de geração espontânea de traços culturalmente associados a pessoas jovens e idosas de ambos os sexos. Na segunda fase do estudo, participaram 62 pessoas jovens e 62 pessoas idosas, em que se avaliou a estereotipicidade e a valência dos traços recolhidos na primeira fase e ainda de outros identificados a partir da revisão da literatura sobre estereótipos etários. Os jovens foram convidados a participar no estudo através do contacto com o Instituto Superior de Arte e Design (IADE), quanto aos participantes idosos, uma parte foi contactada através da Associação Comunitária para Reformados, Pensionistas e Idosos de Sacavém (ACRPIS). A outra parte dos participantes idosos foi contactada diretamente nas suas residências.

Devido à importância dos manuais escolares, visto que é com eles que as crianças/jovens aprendem, Palmeirão e Menezes (2009) realizaram um estudo onde procuraram a representação do idoso nos livros escolares, do 4º ano, das disciplinas de Estudo do Meio e da Língua Portuguesa. As autoras constataram que a “imagem social” da pessoa idosa veiculada nos manuais é demeritória e pouco precisa. Foi ainda verificado que as questões relativas aos idosos e à educação intergeracional são inexistentes ou incipientes e redutoras. Através dos manuais escolares estudados é transmitida uma imagem fragilizada da pessoa idosa bem como da velhice. Daí a necessidade e importância de repensar a natureza do conhecimento veiculado nos manuais.

Os resultados revelaram que existe uma percentagem significativa de traços que são consensualmente considerados pelas pessoas jovens e idosas como estereotípicos dos dois grupos etários em análise. Estes traços são sistematicamente avaliados em vários estudos nacionais e internacionais como estereotípicos das categorias em análise, e o conteúdo estereotípico associado culturalmente ao grupo dos jovens é mais positivo do que aquele associado ao grupo dos idosos (Marques, Lima & Novo, 2006).

O desafio continua a ser, a mudança de atitude e, nesse sentido, há que romper definitivamente com a visão preconceituosa sobre a população idosa e clarificar o seu estatuto na sociedade. É óbvio que as actuais gerações nem sempre beneficiaram de uma estratégia específica e eficaz no que respeita à educação intergeracional (Palmeirão & Menezes, 2009).

Assim conclui-se que a promoção das relações intergeracionais é um facto a ter-se em conta no combate aos estereótipos que existem sobre a população mais idosa, em que se deve envolver os mais jovens em atividades com os mais idosos, de forma a estimular, a solidariedade entre gerações. Deste modo, o papel dos

avós é um ponto que irá ajudar a fazer a ponte para um maior convívio intergeracional.

### **3. Os Avós**

#### **3.1 O papel dos avós na vida dos jovens**

Neste ponto relativo ao papel dos avós na vida dos jovens, pretendeu-se conhecer e compreender a influência que a relação mais estreita ou mais próxima com os avós pode vir a “transformar” a percepção que os mais jovens possuem acerca dos idosos, bem como o tipo de relação e opinião acerca do papel dos avós na vida dos jovens.

O papel dos avós é um dos papéis sociais mais antigos, tornando-o agora em objecto de atenção redobrada e preocupação social, devido ao crescente número de indivíduos que chegam a idades mais avançadas, permitindo que vivam tempo suficiente para chegarem ao papel de avós.

Na primeira década do séc. XXI, aumentou o número de netos e bisnetos criados por avós e bisavós. O número foi de um milhão e setecentos mil, o que significa 55,1% a mais do que foi apurado no ano de 1991, correspondente a um milhão e cem mil (Dias, Hora, Aguiar, 2010).

As relações entre avós e netos, tornaram-se alvo de diversas investigações e estudos apenas a partir da década de 40, as quais têm acompanhado o desenvolvimento da sociedade, e as evoluções a que esteve sujeita este tipo de relação (Durão, 2012).

As famílias têm hoje mais probabilidades de abranger várias gerações, havendo mais ligações verticais do que horizontais, passando-se mais tempo a desempenhar papéis intergeracionais do que outrora. À medida que aumenta o número de avós e bisavós, diminuí o número de irmãos, tios e primos nas famílias da actualidade.

Uma das principais funções da família é, a solidariedade intergeracional, mas a família vê-se muitas vezes impedida de a exercer, devido a mudanças ao nível estrutural e dinâmico, que aconteceram no seio da família nas últimas décadas.

Alguns estudos revelam que, em toda a Europa, os avós (em especial as avós) desempenham um papel fundamental na prestação de cuidados diários ou ocasionais aos seus netos. Mais de 40% dos Avós em 11 países europeus (Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Itália, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça) prestam cuidados aos netos, sem a presença dos pais. Por outro lado, na

Grã-Bretanha, a pesquisa *Atitudes Sociais Britânicas* revelou que 63% dos avós cuidam dos netos com idades inferiores a 16 anos de idade. Na França, Dinamarca, Suécia e Holanda, cerca de 60% dos avós prestam apenas alguns cuidados infantis (Santana, 2015).

A partir da década de 1960, a temática dos avós passa a ser encarada sob uma nova perspectiva, mais positiva devido a uma mudança dos estereótipos e papéis tradicionais dos avós, em que deixam de ser vistos como velhos e frágeis, sentados em cadeiras de baloiço, a contar histórias aos netos, passando a ter um papel cada vez mais crescente e ativo na socialização das crianças, e na prestação dos seus cuidados.

Hoje, os avós vivem mais anos, são mais saudáveis, têm mais poder económico, mais educação e formação. Podem assim acompanhar o crescimento dos netos, e aproveitar uma relação que não é complicada por responsabilidades, obrigações e conflitos, como acontece entre pais e filhos (Sousa, Figueiredo, Cerqueira, 2006 citado por Pires & Meireles, 2011).

Num inquérito realizado às famílias em Portugal, chegou-se à conclusão que do leque dos familiares que tomam conta das crianças, 89% eram avós, 99,7% do sexo feminino, sendo que 64% eram avós maternas (Durão, 2012).

Os avós são referidos pelos netos na maioria (80%) como as pessoas mais importantes na sua vida, a relação entre eles é de próxima e ao mesmo tempo de autoridade, e que os mesmos são repreendidos quando não obedecem aos avós. As crianças referem que os avós realizam (92%) os cuidados com a alimentação, vestuário e contador de histórias (Santana, 2015).

A relação entre avós-netos, envolve dimensões pessoais e intimistas, assim como as intergrupais, que são cruciais na mediação da mudança de atitudes e comportamentos face às pessoas mais velhas.

A conceção das crianças acerca da velhice e do envelhecimento relaciona-se diretamente com o que ocorre à sua volta, de acordo com o contexto onde estão inseridas. É no contexto do grupo familiar e das suas reações, que a criança inicia a construção da imagem sobre da velhice, em que pode ser negativa ou positiva segundo a integração intergeracional estabelecida. O convívio das crianças com os avós tem sido uma prática mais frequente, consequência do aumento da expectativa de vida dos idosos (Rodrigues, 2014).

Os avós são designados os cuidadores dos seus netos devido, especialmente à sua disponibilidade de tempo, sabedoria, experiência, tolerância e discrição, à ajuda na construção de personalidades autónomas, solidárias, criativas, tolerantes e com direito a errar como forma de aprenderem, aceitando a diversidade de opções. É uma das tarefas mais importantes e complexas da vida, seja o aprender a viver juntos e/ou com os outros, constituindo um grande desafio educacional (Santana, 2015).

O papel dos avós na vida das crianças é, portanto, distinto do dos pais, mas muito rico e vasto, na medida em que são segundo (António, 2010: 221):

- “Cuidadores (Transmitem afecto e protecção, satisfazem as necessidades básicas da criança como a higiene e alimentação, prestam apoio emocional e satisfazem desejos);
- Companheiros (São parceiros de alegrias e tristezas, de brincadeiras e passatempos diversos);
- Confidentes (São cúmplices, são ouvintes e conselheiros, tendo por base a sua experiência de vida, transmitem valores morais);
- Professores e Mentores – (Transmitem crenças, conhecimento, estimulam a curiosidade e a imaginação e modelam comportamentos e opiniões);
- Estudantes – (Aprendem coisas novas em relação com os netos);
- Historiadores (São um elo de ligação entre gerações, juntando passado e presente, transmitem tradições e valores familiares, são contadores de histórias e contos) ”.

Existem vários factores que influenciam as relações entre avós e netos, por exemplo a distância, sendo que os avós que vivem mais perto visitam os netos com mais frequência e vice-versa. A idade é também outro factor, em que os avós mais novos têm mais energia para acompanhar os netos nas brincadeiras e atividades realizadas em conjunto, bem como o estado de saúde, pois um bom estado de saúde permite-lhes estar mais ativos para acompanhar os netos.

O contacto entre estas duas gerações continua a ser enriquecedor para os jovens, na medida em que, os avós lhes proporcionam experiências significativas diferentes das dos pais. Mais do que simples contadores de brincadeiras e de histórias, os avós “personificam também as origens familiares e o seu percurso histórico” (Mantilla, 2006 citado por Durão, 2012: 40). Os avós representam um pilar de identidade para os netos, apesar de esta relação se revelar complexa. Nos anos 90, constatou-se a existência de um modelo familiar alargado que possibilita as relações entre avós e netos, que alerta para as vantagens e benefícios desse convívio (Durão, 2012).

Os avós têm um papel fundamental no acompanhamento dos seus netos, mas também na execução de tarefas domésticas quando ainda são autónomos na sua vida diária. Dos vários tipos de ajuda que são prestados, destacam-se a guarda dos jovens geralmente pelas gerações mais velhas (Ribeiro, 2011 citado por Durão, 2012). Quando os jovens estão junto dos avós, permite-lhes ter mais noção da passagem do próprio tempo, e do ciclo de vida.

Para Sequeira (2014:18) a relação com os netos os avós contribuí com: transmissão das histórias familiares, pois falam aos netos das suas raízes familiares, contribuindo para que a criança se conheça a si própria e fornecendo

assim laços de filiação; transmissão de tradições, pois em muitas situações são os avós que reúnem a família em festas e transmitem a cultura familiar, por exemplo em festas de Natal ou passagem de ano, aniversários; transmissão de valores, como o respeito pelo outro, o amor, a importância da família e as coisas simples; transmissão de conhecimentos, para muitas crianças os avós são uma fonte de conhecimento, disponibilizando algum do seu tempo para explicar e responder às questões dos netos; são confidentes, uma vez que os avós estão quase sempre prontos a ouvir os netos, relativizando os problemas.

Ainda segundo Sequeira (2014:19) na relação com os avós, os netos contribuem com o estímulo físico, contribuindo para que os avós sejam ativos, pois baixam-se para brincar, mexem-se ao ritmo dos netos e têm de segui-los com os olhos; estímulo intelectual, graças aos netos aprendem novas expressões da moda, como funcionam e para que servem as novas tecnologias, como a internet, o computador e o telemóvel; amor, uma vez que os avós retiram tanto amor da relação com os netos, como aquele que dão; e sentimento de continuidade quando os seus próprios filhos decidem dar vida, sentindo os avós que os seus próprios filhos têm gosto em transmitir a riqueza e a beleza da vida, que também lhes foi transmitida. Os netos simbolizam também a continuidade do nome, dos genes, das memórias, dos valores e do património.

Sendo este um papel desempenhado sobretudo quando os netos se encontram na fase da adolescência; dar atenção, reservando tempo para brincar, discutir, passear e estar com a criança, uma vez que estas também gostam que os adultos escutem as suas histórias e aventuras; segurança e estabilidade, com as alterações que a instituição família tem vindo a sofrer, como o divórcio, famílias reconstruídas e famílias monoparentais, os avós têm nessas situações um papel fundamental de estabilidade. Frequentemente desempenham também um papel essencial a nível financeiro; e o apoio indireto à criança, uma vez que ao prestarem apoio financeiro à família contribuem para a diminuição do *stress* familiar. O apoio pode ser também ao nível instrumental, tomando conta das crianças algumas horas por dia, acompanhando-as ao médico quando os pais não podem ou ajudando nas tarefas domésticas.

Atualmente os avós são companheiros e cúmplices, que alinham nas brincadeiras e esforçam-se para agradar aos netos. Têm também mais tempo e disponibilidade que os pais, embora alguns ainda trabalhem, como não se encontram em início ou pico de carreira estão mais aliviados das obrigações profissionais (Oliveira, 2012 citado por Sequeira, 2014).

Segundo Dias & Silva (2003) os avós devem ser os principais agentes socializadores das crianças a seguir aos pais e, em geral, a sua contribuição na vida quotidiana é grande. Apesar desta relevância e embora tenha aumentado o número de estudos sobre a importância dos avós para os netos, são menos numerosos os que analisam esta relação quando estes já passaram as fases da

infância e da adolescência, épocas em que o envolvimento avós-netos tende a ser mais intenso.

O papel dos avós na educação dos netos é o reflexo das mudanças estruturais que a família tem sido sujeita, atingindo um patamar em que muitas vezes substituem o papel de pais, no que diz respeito à educação e prestação de cuidados aos netos, sobretudo quando ambos os pais estão fora de casa. Hoje, avós e netos passam mais tempo juntos, facto que permite desenvolver afeto e confiança.

A presença dos avós no crescimento dos jovens deu origem a algumas investigações sobre as relações que acontecem no seio da família, sobretudo o papel dos avós na experiência dos netos. Os avós não têm um papel neutro no desenvolvimento dos netos, no desenvolvimento da sua personalidade ensinam-lhes atitudes positivas em relação à sua qualidade de vida exercendo influência sobre os valores, ideais familiares, crenças, e da sua identidade pessoal. Para Clarke-Stewart e Dunn (2002, citado por Durão, 2012) há três tipos de apoio que os avós prestam: o prático, o financeiro e o emocional, o qual depende da forma como os avós podem contribuir para o bem-estar dos jovens.

O estudo de Dias, Hora e Aguiar (2010) tinha como objetivo investigar como os netos criados pelos avós e por um ou ambos os pais percebem e vivenciam essa situação, bem como o relacionamento estabelecido entre eles. Participaram na pesquisa 43 jovens do sexo feminino e 35 do sexo masculino, do total 78 jovens. As idades dos participantes variaram entre 11 e 24 anos de idade.

A média de tempo em que coabitaram com os avós, juntamente com um ou ambos os pais, foi de quinze anos, sendo 83% viveu com os avós maternos. Percebeu-se ainda que 41 participantes moravam, por ocasião da co-residência, com os avós e ambos os pais, enquanto trinta e quatro jovens residiram com os avós e com a mãe, e apenas três moraram com os avós e com a figura paterna. No que diz respeito à iniciativa de morar com os avós, a maior parte das netas afirmou que foi por parte dos meus pais (59%), em que pela parte dos netos foi de 44% (Dias, Hora e Aguiar,2010).

As pesquisas indicam que é mais comum o apego aos avós com quem convivem, embora a maioria das netas considere que não há diferença em relação aos outros. Existem ainda, estudos que afirmam que são os avós maternos, na maioria das vezes, que oferecem apoio e abrigo aos netos nos momentos de dificuldade, dada a maior afinidade que existe entre mãe e filha (Dias; Silva, 1999 citados por Dias, Hora, Aguiar,2010).

Numa outra investigação realizada e citada por Dias e Silva (2003) o significado que o jovem atribui aos avós, é de historiadores, confidentes, pais substitutos e companheiros. Relativamente às crenças dos adolescentes sobre os idosos, ao contrário do observado em diferentes estudos, as conclusões não parecem vincular crenças negativas sobre esta faixa etária. Neste estudo os

adolescentes pontuam mais a dimensão amigabilidade (ex.: bondosos, simpáticos, generosos, atenciosos, honestos, solidários, amigos, carinhosos, maduros e conselheiros). As dimensões positivas estão associadas às dimensões positivas sobre a relação netos-avós, isto é, parece existir uma melhor relação com os avós, que consequentemente afeta a visão sobre os mais velhos.

A relação positiva com os avós está, por sua vez, associada a uma representação mais favorável dos mais velhos (Cunha & Matos, 2010). Segundo Cunha e Matos (2010) tendo em conta o fenómeno moderno de cada vez existir um maior número de idosos, torna-se imperativo a existência de espaços naturais que possibilitem a aprendizagem e o desenvolvimento mútuos que resultam do convívio intergeracional com qualidade e bem-estar. Deste modo, percebe-se que a representação social que as crianças têm de idoso está relacionada com a representação que têm dos seus avós (Lopes & Park, 2007).

A relação entre estas duas gerações, parece continuar a ser positiva na educação dos netos desde que não se sobreponham à educação dada pelos pais. A influência na educação dos netos depende de alguns factores tais como a idade, a formação e a personalidade, sua e dos seus filhos, que lhes deram netos. Também Veleza et al., 2006 citados por Durão, 2012) consideram que a participação dos avós na vida dos netos tem características de um relacionamento intergeracional, uma vez que este contacto configura-se como uma forma de desenvolvimento social, pelas vivências e experiências quer para avós, quer para os netos.

Os avós podem contribuir para o desempenho escolar e para a formação e desenvolvimento pessoal dos adolescentes, através de histórias, casos e de ensino de tarefas e de valores. Segundo os dados obtidos no estudo de Dias e Silva (2003) a maioria faz sempre os trabalhos de casa e muitas vezes já vai além do que foi dado nas aulas, ajudados pelos avós. Os avós estão presentes nas festas da escola e colaboram nas mesmas. A contribuição do estudo visa a percepção dos avós não como pessoas acabadas, mas sim como pessoas com competências, vivências, opiniões individuais e ainda com muito para ensinar.

As dez obras literárias infantis seleccionadas para o estudo de Fernandes (2013) têm em comum o facto de mostrar as representações do conceito de velho, ou seja, as narrativas descritas colocam o foco em dois extremos etários: avós e netos. As obras literárias estudadas dão vozes aos velhos, e confirmam que a função social do idoso é, sobretudo de contador de histórias. Nas relações estabelecidas entre as personagens avós e netos, as vidas são compartilhadas por meio das narrativas orais, brincadeiras, afeto e cumplicidade. A sabedoria dos avós compartilhada com os netos transforma a vida de ambos numa aventura. As obras analisadas mostram as representações da velhice de uma forma positiva, ao resgatarem a figura de velho como o contador de histórias vivenciadas ou inventadas, que valoriza a velhice como uma fonte de sabedoria.

Um estudo realizado por Mainetti & Wanderbroocke (2013) o objetivo era investigar as implicações da criação dos netos pelas avós, em que participaram 10 mulheres com idades entre os 52 e os 72 anos, com recurso a entrevistas qualitativas para se apurar os factos. Chegou-se à conclusão que os motivos que deram origem ao assumir a criação dos netos, por parte das avós reside na disponibilidade para exercer a função de cuidadora durante o período de trabalho dos pais da criança, morando no mesmo domicílio ou residindo em casas próximas.

A proximidade das avós com as crianças contribuiu para que elas fossem as eleitas para, posteriormente, assumirem a sua criação no lugar dos seus pais. Em algumas situações elas sugeriram ou solicitaram, que os netos ficassem sob os seus cuidados definitivamente, e em outras situações os próprios netos escolhiam residir com a avó.

O abandono, por parte dos pais, foi uma das razões apontada pelas autoras do estudo, como também a doença mental, dependência de álcool/drogas e abuso infantil e negligência, razões pelas quais tornam os pais incapazes de cuidar dos filhos, na visão das avós. A morte de um ou dos dois progenitores foi outro dos motivos mencionados no estudo.

Um estudo realizado por Durão (2012), analisa o contributo dos avós para o desenvolvimento psicossocial dos jovens, onde se utilizou como instrumento de recolha de dados um questionário junto de estudantes do 2º ciclo (5º e 6º ano) com idades compreendidas entre os 11 e 13 anos de idade, num concelho limítrofe do distrito de Lisboa. Neste estudo, alguns dos avós desta amostra vivem nas suas habitações e não em lares. Face à escola, os avós têm um papel mais instrumental e de apoio emocional, não participam diretamente nas atividades nem contactam diretamente com os professores.

No estudo de Cunha & Matos (2010) com 316 netos adolescentes, entre os 13 e os 21 anos de idade, de ambos os sexos, usaram-se três tipos de instrumentos, a Escala de Crenças Generalizadas Sobre Idosos (CGSI), a Escala dos Significados da Grã-Parentalidade (GSM), e o questionário sociodemográfico. Pretendia-se saber qual o significado da relação com os avós no geral, da figura preferida em particular, e ainda procurou-se analisar em que medida a qualidade da relação com os avós se associava à natureza das crenças sobre os idosos. Chegou-se à conclusão que a avó materna surge como a figura preferida, na medida em que, coloca em contato os netos à história familiar e sociocultural. Na generalidade, os idosos são descritos favoravelmente, e estas descrições aparecem associadas à qualidade das relações com os avós. A análise dos resultados aponta para a existência de uma relação significativa entre netos e avós.

Segundo António (2010) as percepções que os jovens possuem variam consoante com a idade, nomeadamente os adolescente dos 13 aos 18 e mais anos, são mais críticos em relação às avós, já que as respostas dadas evidenciam

alguma incompreensão sobre as alterações que a avó sofreu com o processo de envelhecimento, mas por outro lado, não demonstram consciência das mudanças que eles próprios experimentaram ao longo da sua vida enquanto adolescente e crianças.

Os adolescentes com o passar do tempo passam a ser mais exigentes, contudo a afeição pelas avós mantém-se. Segundo António (2010:29) os adolescentes “ ... Apesar do egocentrismo frequente nesta idade, preocupam-se com a fragilidade e a solidão que eles verificam tornar-se, a pouco a pouco, o destino das pessoas idosas que os rodeiam. Receiam vê-las desaparecer.....”.

Num estudo realizado por Robertson (1976, citado por António, 2010), foram inquiridos 86 jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 26 anos de idade, verificou-se que esta população alvo tinha atitudes favoráveis e que gostavam dos avós, ou que gostavam de estar com eles. Num outro estudo realizado por Hartshorne e Manaster (1982, citados por António, 2010), entrevistaram 178 adolescentes sobre o tipo de relações que tinham com os avós, e verificaram que as avós maternas eram vistas como as mais importantes de todos os avós. Mais de metade dos inquiridos adolescentes revelaram que os avós são importantes e que os apreciam. Num outro estudo feito por Matthews e Sprey (1985) citados por António (2010) foram questionados 132 jovens adolescentes acerca da relação com cada um dos avós, tendo-se verificado que as relações são influenciadas pela proximidade física e pela relação que os pais estabelecem com os seus progenitores.

Também Roberto & Stroes (1992) que analisaram o significado dos avós na vida dos adolescentes, chegaram a conclusão que os jovens consideram que os avós têm influência no ensino e nos valores que lhe são ensinados.

Para o estudo entre avós e netos elaborado por António (2010) recorreu-se à teoria do paradigma da solidariedade intergeracional, contudo esta teoria não foi ainda muito usada para explicar este tipo de relações de uma forma explícita mas de forma implícita. Este modelo apresenta seis dimensões para caracterizar a relação entre avós e netos, designadamente a solidariedade afectiva, a consensual, a estrutural, a associativa, a funcional e a normativa.

No estudo de Kite & Johnson (1988, citado por Reis, 2015), analisaram-se as relações entre avós-netos, em particular os efeitos do contacto em relação ao preconceito para com os idosos. O contacto com os avós influencia as atitudes para com os idosos. As pessoas que desenvolvem relações entre avós-netos mais positivas, tendem a ter atitudes mais positivas para com os idosos. Esta associação é moderada pelo relevo do grupo, ou seja, à medida que os jovens têm mais idade, o contacto com os avós irá generalizar mais depressa as atitudes dos netos para com os idosos. A maioria dos jovens apresenta um contacto intergeracional muito baixo com a população idosa.

Esta relação entre avós-netos pode beneficiar os avós, proporcionando maior envolvimento e melhor saúde mental (Kivnick, 1981 citado por Reis, 2015). As pesquisas indicam que a díade avós-netos pode ser complexa e oferecer uma ampla variedade de experiências de comunicação e oportunidade.

A literatura tem destacado o duplo contributo dos avós no desenvolvimento dos netos: direto, enquanto parceiros interativos, prestadores de cuidados primários, companheiros confidentes, prestadores de apoio emocional, transmissores do legado familiar e nacional, e fornecedores de estimulação cognitiva e afetiva; e indireto, enquanto fontes de apoio social e material aos pais (Reis, 2015).

No estudo de Reis (2015) participaram 145 jovens estudantes, a amostra desagregada por 60 participantes do sexo feminino e 85 participantes do sexo masculino. A idade dos inquiridos variou entre os 11 e os 13 anos idade. De uma forma geral os inquiridos têm mais contacto com a avó materna (44,1%) e com o avô materno (15,9%), do que com a avó paterna (22,8%) e o avô paterno (9,7%). Existem ainda alguns casos em que os inquiridos estabelecem contacto em simultâneo com a avó e avô maternos e paternos (1,4%) e com todos os avós (2,1%). Apenas 3,4% dos inquiridos desenvolvem outros contactos com pessoas idosas, fora do contexto familiar. A maioria dos participantes considera o seu/sua avó/avô como amigo(a) (68,2%), simpático(a) (46,8%), bom/boa (32,4%) e disponível (31%). Acerca da perceção dos jovens sobre a relação que estabelecem com este(a) avô/avó, revelou que 89% dos inquiridos costuma receber conselhos deste(a) avô/avó, ao contrário de 11% que não costuma receber conselhos dos seus avós, aliado a isto está o facto de os inquiridos discutirem os seus problemas com este(a) avô/avó, onde 70,3% afirma que discute os problemas e 29,7% não discute os problemas com os avós.

No trabalho de Santana (2015) observa-se que estas funções dos avós têm adquirido diferentes formas, que vão desde cuidador a participante na formação, educação, troca de experiências, atividades lúdicas gerando prazer a ambos. Ficou ainda demonstrado que o convívio entre gerações diferentes (jovens e idosos) tem aumentado, e que há uma grande ligação com os avós sobretudo os maternos. Visitam os avós ou vice-versa diariamente pela proximidade facilitando assim o convívio. Este convívio facilita a criação de empatia e a realização de diversas atividades Santana (2015).

Segundo António (2010) existe uma diferenciação entre as várias dimensões da solidariedade intergeracional (avós e netos). A solidariedade afetiva, que se refere à qualidade das relações que os jovens estabelecem com os seus avós, bem como à perceção que têm das atitudes que os avós têm para com eles; a solidariedade associativa, que está relacionada com a regularidade, e com as situações em que as interações entre os avós e os netos acontecem; a solidariedade funcional, diz respeito às opiniões que os netos e avós têm face aos

outros; a solidariedade espontânea, está relacionada com as razões que levam os avós, a procurar os netos; a solidariedade estrutural, são os factores que favorecem ou reduzem a oportunidade de interação entre avós e netos; e a solidariedade normativa, que tem que ver com as perceções, e as expetativas das obrigações que se têm em função da ligação intergeracional.

Assim, o papel dos avós na vida dos jovens é fulcral, de modo a existir um contato e convívio intergeracional, para que o contato entre idosos e os jovens seja positivo e vantajoso. Neste contexto a importância dos programas intergeracionais é fundamental para combater os preconceitos e estereótipos que existem sobre os mais velhos, e assim com a criação de atividades intergeracionais facilita o contato entre as duas gerações.

### **3.2 A importância dos programas intergeracionais**

A promoção da percepção positiva acerca do envelhecimento é feita através, de programas intergeracionais, criados para propiciar uma relação entre gerações. Estes programas englobam atividades interactivas, que fornecem uma boa estrutura para entender como as diversas gerações podem representar um papel importante, no sentido de mudar o comportamento compartilhado (Lima, 2007).

Este tipo de relações pode alterar a visão mais negativa criada em torno da velhice, de modo a promover o envolvimento entre as gerações sem tabus. Os programas intergeracionais têm a capacidade de envolver os jovens e idosos em atividades, com o intuito de alterar as atitudes e comportamentos dos jovens sobre o envelhecimento, sentindo-se mais valorizados pelos mais jovens.

Os programas intergeracionais surgiram nos EUA, no final da década de 60, como resposta à separação geográfica dos membros jovens e seniores das famílias. Posteriormente, já na década de 1980, começaram a ser usados para abordar problemas sociais relacionados com necessidades culturais, sociais e económicas e, nos anos 1990, foram considerados instrumentos para o desenvolvimento comunitário. Hoje são desenvolvidos um pouco por todo o mundo, e têm sido alvo de interesse de vários estudiosos e investigadores. Muitos estudos têm vindo a demonstrar que os programas intergeracionais são benéficos tanto para as gerações participantes como para a comunidade

Estes programas são uma forma de educação social não formal, e um estímulo para aproximar as gerações, que ajudam no combate à marginalização e preconceito etário que os idosos sofrem muitas das vezes por parte dos jovens (Lima, 2007).

Devido ao incentivo por parte da Unesco em implantar os programas intergeracionais com apoio em políticas públicas, grande parte do corpo de estudos que descrevem as experiências em programas intergeracionais são trabalhos voluntários desenvolvidos nos EUA.

No ano de 2002 foi reconhecida a importância da solidariedade entre gerações, pensando-se em medidas que fossem nesse sentido, contudo foi em 1993, que na Europa se desenvolviam atividades para as pessoas mais velhas, e também se promovia a solidariedade entre gerações (Ano Europeu das pessoas idosas e da solidariedade entre gerações), foi o termo aplicado neste sentido pela primeira vez (Yeo, 2008).

O princípio da solidariedade entre gerações é o pilar deste tipo de programas. No decorrer da Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, organizada pelas Nações Unidas em 2002, foi reconhecida a necessidade de reforçar a solidariedade e parcerias entre as gerações, tendo presentes as necessidades individuais dos mais velhos e dos mais jovens, ao incentivar as relações de solidariedade entre gerações. Uma das questões desenvolvidas no Plano de Acção Internacional sobre o Envelhecimento foi a solidariedade intergeracional sendo fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade para todas as idades (Nações Unidas, 2002) embora actualmente este sentimento seja muito difícil de desenvolver.

Newman (1998) aponta oito componentes dos programas intergeracionais nomeadamente: comunidade; institucionalização; gestão; avaliação; participantes; trabalho em rede; financiamento; e pessoal. A comunidade é mencionada no sentido em que qualquer programa intergeracional desenvolve-se no contexto de uma ou mais comunidades às quais pertencem os participantes do programa. A componente da institucionalização sugere que o programa deve estar relacionado com instituições e/ou organizações que assegurem a sua manutenção, através de técnicos necessários, que definam e alcancem objectivos e avaliações a médio e longo prazo. A institucionalização é importante como forma de garantir a sustentabilidade do programa. A questão da gestão é importante de forma a realizar uma adequada gestão e coordenação de recursos, tanto materiais como humanos, sem a qual a execução dos mesmos não seria viável. A avaliação é fundamental para contabilizar ganhos e perdas, ou pontos positivos e negativos de um programa intergeracional, através de ferramentas e estratégias devia avaliar-se todos os programas segundo aquilo que com eles pretendem atingir, no entanto ainda há programas que não são avaliados.

Hatton-Yeo & Ohsako (2001, citados por Tavares, 2010) defendem que há muitos passos a dar no âmbito dos Programas Intergeracionais, em que é necessário investigar mais sobre a avaliação, implicação e conhecimento das motivações dos participantes. Estes autores sugerem que sejam analisadas as diferenças do impacto dos programas intergeracionais nos meios urbanos e

rurais e, ainda, que sejam criadas redes nas quais se possam partilhar experiências de sucesso e também se possa aceder a uma ajuda técnica. A necessidade de profissionais com experiência para desenvolver, avaliar e investigar estes programas, ou seja, apostar na formação de técnicos na área social, especializados no campo intergeracional, é fundamental para o sucesso destes.

O envolvimento das políticas locais é fundamental para tornar os programas sustentáveis a longo prazo, assim como o envolvimento da comunidade, em que este pode ser estimulado através do voluntariado, de doações e trabalho remunerado sendo rentabilizados todos os recursos humanos existentes para atenuar gastos e assim manter os programas em acção (Tavares, 2010).

Para a Unesco, a abordagem intergeracional é um instrumento eficaz e inclusivo para os programas de aprendizagem continuada, tal como "a aprendizagem ao longo da vida". No contexto dos programas, a acção intergeracional tem as seguintes dinâmicas: (Lima, 2007)

- “Idosos que auxiliam crianças e jovens;
- Crianças e jovens que auxiliam idosos; e
- Adultos e jovens que colaboram para ajudar a comunidade; adultos e jovens que se envolvem em atividades de aprendizagem informais”.

Os objetivos dos programas intergeracionais envolvem benefícios tanto para os idosos como para as crianças e jovens, designadamente quanto aos idosos, a minimização das perdas do processo do envelhecimento; a promoção da inclusão e da valorização da pessoa idosa; a oportunidade de transmissão de conhecimentos, habilidades e valores humanos a outras gerações. Quanto às crianças, a promoção do contato com o idoso, isto é, incentivado através da interação; a oportunidade de trocas de experiências entre as pessoas de idades diferentes e da aprendizagem de habilidades através da educação informal; o “despertar” de um novo olhar sobre as questões que cercam o envelhecimento; o estímulo ao “resgate” das brincadeiras tradicionais; o desenvolvimento de novas aptidões; e a promoção da educação ao longo da vida. (Lima, 2007).

Os programas intergeracionais têm três características nomeadamente o facto de reunirem pessoas de distintas gerações, no mesmo espaço e a realizar a mesma atividade; beneficiam todos os seus participantes e a comunidade; e têm como componente principal a educação intergeracional.

Na tabela 1 abaixo apresenta-se uma síntese dos benefícios dos programas para crianças e jovens dos programas intergeracionais sob a perspetiva de Tavares (2010), que enumera um conjunto de nove benefícios:

Tabela 1: Síntese dos benefícios dos Programas Intergeracionais para crianças e jovens

<b>Benefício dos Programas Intergeracionais para as crianças e jovens</b>
Aquisição de conhecimentos sobre a velhice;
Aumento da capacidade de se adaptarem de forma positiva em situações adversas;
Trocas afectivas entre gerações;
Aumento do interesse em aprender;
Aumento da auto-estima e confiança em si mesmo;
Acesso a apoio de adultos em momentos difíceis;
Melhores resultados escolares;
Menor implicação em situações de violência e uso de drogas;
Estilo de vida mais saudável

Fonte: Tavares, 2010, pp.11

Os estudos a respeito da interação da criança com o idoso são ainda escassos na literatura. Com exceção de algumas pesquisas até agora realizadas, em que se investiga a relação entre estes dois grupos etários de forma unilateral, que procuram compreender a percepção que as crianças têm sobre os mais velhos (Duarte,2009). Na literatura começam a surgir estudos sobre a importância da relação intergeracional, embora em Portugal ainda não sejam muito numerosos, que permitem estimular esta relação, ao passo que em outros países já existem muitos estudos e projetos criados para combater o idadismo.

O conflito entre gerações é uma consequência mais grave do que a causa dos conflitos sociais, principalmente entre os mais jovens e os idosos, ambos carregados de estereótipos, em que nos jovens existe uma visão mais distorcida e preconceituosa em relação à velhice (Lima, 2007).

A discussão dos aspectos pedagógicos e educativos para crianças, jovens, adultos e idosos, é importante pois têm como referência a interação entre as gerações, que pode servir como um meio determinante para fomentar a coesão, e fortalecer a interdependência das gerações nas relações intergeracionais.

Em todos estes tipos de programas, os participantes aprendem novas coisas, em vários contextos, para mudar e melhorar as relações intergeracionais (Boas et al., 2015). Contudo, a educação intergeracional não está presente da mesma maneira em todos os programas intergeracionais, em que há alguns direcionados para âmbitos tais como a solidariedade intergeracional, transmissão de memórias, novas aprendizagens.

Nos programas intergeracionais de Serviço, que têm como função a prestação de serviços (ex.: saúde, apoios, equipamentos, etc) e nos quais a educação não é a essência do programa, mas é assumida como um excelente meio para o conduzir. Os Programas Educativos Intergeracionais, que têm como função a educação

intergeracional, em que a coaprendizagem é o processo mediante o qual se implica pessoas de diferentes gerações na aprendizagem recíproca, ou seja, espaços em que as duas gerações aprendam em conjunto diversas atividades. E, por último os Programas Intergeracionais de Serviço e Aprendizagem, com a dupla função primária de valorizarem a aprendizagem e o serviço na comunidade em moldes equilibrados (Boas et al., 2015).

Os principais obstáculos deste tipo de programas que a literatura reporta são conseguir alcançar e seleccionar participantes; conseguir que as pessoas de diferentes gerações aceitem encontrar-se, uma vez que os grupos geracionais têm preferências, necessidades e motivações diferentes que podem dificultar a participação; conseguir financiamento e recursos adequados; dificuldades na organização de uma rede de instituições adequadas; emergência de preconceitos sociais e estereótipos de uma geração em relação à outra; e dinâmicas relativas à história ou à idiosincrasia local que dificultam este tipo de encontro. (Boas et al., 2015)

Segundo Ohsako (2002, citado por Boas et al.,2016), o “mentoring” é um tipo de programa intergeracional baseado na comunidade escolar. Neste tipo de programas, as escolas “abrem as portas” às pessoas idosas da comunidade pessoas, com experiência, conhecimento e sabedoria de modo a contribuírem para o sucesso do programa escolar. Os objetivos deste tipo de programas são a transmissão dos conhecimentos, a aquisição de habilidades para definir e atingir a meta da carreira académica. A educação tem como finalidade o desenvolvimento do carácter do educando, a superação e a confiança em si mesmo, a capacidade de perseverar frente às adversidades, de reconhecer a riqueza da diversidade, desenvolver a tolerância e o respeito pela dignidade humana. E o *mentoring* contribui para esta construção, através do apoio psicossocial e emocional que o estudante recebe por parte do mentor (Boas et al., 2016).É fundamental que neste processo o mentor procure compreender os sentimentos do estudante, que o ouça, que o acompanhe através do desafio do desenvolvimento, que se divirtam juntos.

Este tipo de programa intergeracional é fulcral para o sucesso dos estudantes de forma a combater o insucesso escolar, abandono, e estudantes que na sua vida não têm exemplos de pessoas com sucesso académico e que valorizem a educação.

A educação intergeracional além de ser colocada em prática nos programas intergeracionais, também pode ser usada como método pedagógico, em contextos e espaços que reúnam acidentalmente diferentes gerações, como por exemplo as aulas cada vez mais multigeracionais no ensino superior, e na educação e formação de adultos. (Boas et al., 2016).

Foram surgindo programas e atividades intergeracionais, bem como criação de espaços multigeracionais, com capacidade para dar resposta às necessidades

das pessoas idosas dependendo das aptidões para lidarmos de forma criativa com os novos e velhos desafios, de forma a adotar novas estratégias. Estes programas não são limitados a simples atividades entre as duas gerações, os programas intergeracionais são veículos para o intercâmbio concreto e continuado de recursos e de aprendizagem entre as gerações idosas e as mais jovens, com o objetivo de alcançar benefícios mútuos, individuais e sociais.

António (2010) refere que alguns estudos realizados sobre as percepções entre netos e avós, com adolescentes entre os 13 e 18 anos e mais anos de idade, são muitos críticos relativamente aos avós, pois as respostas dadas evidenciam alguma incompreensão para com as alterações que os avós sofreram com o processo de envelhecimento, por outro lado, não demonstram ter consciência das mudanças que estes próprios experimentam. A imagem dos avós que a criança tinha quando era pequena, de cúmplice passa a ser vista como alguém pertencente a uma geração duas vezes ultrapassada. Contudo, com a idade os netos passam a ser mais exigentes, mas a afeição mantêm-se. Os adolescentes, apesar do egocentrismo, preservam a fragilidade e a solidão, que com o tempo denotam que será o destino dos mais velhos.

No contexto português começaram a surgir programas e iniciativas de caráter intergeracional, no Ano Internacional das Pessoas Idosas no ano de 1999. Foi neste mesmo ano que surgiu o “Projeto Tio (Terceira idade Online)”, com o objetivo de reforçar a participação ativa dos idosos na sociedade de informação, promover a saúde e a qualidade de vida dos idosos, e fomentar o relacionamento e o conhecimento intergeracional. A par do projeto Tio e do projeto Viver foi desenvolvido o “projeto Net@avó”, com o objetivo de fomentar a intergeracionalidade, enquanto forma de favorecer a solidariedade e aprendizagem entre as gerações (Marques & Pereira, 2009).

O “Projeto Viver”, também desenvolvido em vários países da Europa entre o ano de 2001 e 2004. O objetivo principal assenta na promoção de atividades culturais e educativas que reforçam a partilha de valores e conhecimentos entre as gerações, e ainda a defesa dos interesses da população idosa. A iniciativa do “Projeto Viver” culminou na elaboração do “Manual de Boas Práticas Intergeracionais”, em colaboração com parceiros nacionais. Para os autores do projeto, o tema da intergeracionalidade no contexto português é visto em duas perspetivas, a primeira promove o contato entre filhos adultos e pais idosos, e a segunda promove o contato entre netos e avós (Segurança Social, 2017).

Chamberlain, Fetterman, e Maher (1994, citados por Duarte, 2009) argumentam que a educação sobre o envelhecimento deveria ser uma das prioridades para os profissionais que trabalham com crianças, pois as atitudes dos mais jovens em relação ao envelhecimento, e à pessoa idosa são associadas positivamente com experiências intergeracionais. As interações entre crianças e idosos, classificadas como positivas e negativas, foram observadas durante

atividades intergeracionais no início, meio e fim dos três meses de observações que se sucederam. Foi possível verificar a predominância de um padrão mais positivo de interação, à medida que o tempo avançava, isto é, quanto mais interação houver entre este grupo, designadamente o tempo de duração for maior, existe a probabilidade de as crianças não criarem estereótipos negativos face aos idosos, mas sim vê-los como alguém que é importante e útil.

No seu estudo a autora Tavares (2010) faz referência a um conjunto de programas e referencia alguns autores (Marreel, 2009; Kaplan, 2001; Pessoa, 2009; Limacher, 2009; Mesquida, 2008; Albuérne & Juanco, 2002; Marques & Pereira 2009; Pinto et al., 2009; e Afonso, Branco, Esgalhado, Simões e Pereira, 2010) ao nível nacional e internacional, descrevem brevemente o que se pretendia realizar e os objetivos a serem concretizados em cada um dos programas. Na tabela 2, apresento uma síntese dos doze programas intergeracionais identificados por Tavares (2010):

**Tabela 2:** Programas intergeracionais

<b>Designação do Projeto</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Aplicação</b>	<b>Local</b>	<b>Autor</b>
<b>Plantação em Grassmoor</b>	O objectivo é reduzir a criminalidade ao mesmo tempo que se proporciona a interacção entre gerações, e a promoção da saúde e bem-estar, visto que as crianças levam os frutos e vegetais para as suas casas e escola promovendo uma alimentação saudável.	É um projeto de base intergeracional comunitário, no qual jovens e idosos trabalham juntos no cultivo de frutos e vegetais.	Inglaterra	Marreel, 2009

<b>Wildfriends</b>	A “Wildfriends” é uma organização constituída por jovens e idosos com o intuito de protegerem animais selvagens. É um P.I. no âmbito da educação ambiental patrocinado pelo Centro de Vida Selvagem da Universidade do Novo México.	Os jovens e idosos lutam por uma causa ambiental, há um objectivo comum que une estes dois grupos proporcionando-se um programa interessante.	México	Kaplan, 2001
<b>Informática na Terceira Idade</b>	O programa consiste num curso de informática para pessoas de 60 ou mais anos de idade, e é dado por crianças com idades compreendidas entre os 10 e 16 anos, orientadas por um professor. Cada idoso tem a orientação de uma criança, e irá partilhar com ela as suas dificuldades,	O Projeto tem como objectivo promover e valorizar as pessoas mais velhas e a sua integração com outras gerações a partir do domínio das novas tecnologias.	Brasil	Pessoa, 2009

	doenças, necessidades, criando-se uma relação entre os dois			
<b>Juventude com impacto</b>	O projeto é um programa desenvolvido na Suíça cuja participação da comunidade é essencial, visto que promove a adaptação dos jovens na população, incentivando o seu bem-estar e saúde, assim como a sua identificação com a própria comunidade local e ainda as relações entre gerações	Tem como objetivo promover adaptação dos jovens na comunidade	Suíça	Limacher,2009
<b>Gent Gran, Gent Petita</b>	Este projeto foi desenvolvido nas ilhas Baleares, em Espanha. Foi desenvolvido em dois contextos: (1) colégio das crianças; (2) residência dos idosos. Numa primeira fase os idosos deslocam-se	É um projeto que pretende facilitar o conhecimento mútuo entre gerações, incentivando o diálogo, a valorização e o respeito entre crianças e idosos.	Espanha	Mesquida,2008

	<p>ao colégio, visitando a sala de actividades e dinamizando uma actividade previamente escolhida e planeada por eles. Na segunda fase as crianças visitam a residência dos idosos e participam na rotina diária dos idosos que os visitaram na primeira fase do projeto</p>			
<p><b>Trabalham os juntos, aprendemos juntos</b></p>	<p>O projeto foi desenvolvido em Espanha, em que juntou crianças da escola primária e idosos de um centro de dia (Albuerne &amp; Juanco, 2002). Este projeto teve como cenários o centro de dia e a escola primária, decorrendo, no primeiro, três ateliês (manualidade , gastronomia</p>	<p>Promover a solidariedade e convívio intergeracional.</p>	<p>Espanha</p>	<p>Albuerne &amp; Juanco, 2002</p>

	e cozinha) e, no segundo, eram colocadas em prática as salas activas, nas quais os idosos exponham para as crianças vários temas.			
<b>Vovóteca</b>	Foram realizados debates, reuniões, workshops, ateliês, espectáculos, exposições e tempos de encontro (esta última acção é dirigida aos técnicos e auxiliares envolvidos no projeto) fomentando sempre a partilha de saberes entre os idosos e as crianças	O objectivo de criar espaços onde os idosos possam partilhar a sua sabedoria com os outros, recuperando-se tradições (jogos, canções, lengalengas, brinquedos).	Portugal	Marques & Pereira, 2009
<b>Projeto Viver</b>	É um projeto co-financiado pela iniciativa EQUAL1 e que envolveu várias entidades criando uma rede de trabalho local. O projeto	O “Projeto Viver” tem como objectivo principal a formação de animadores intergeracionais.	Portugal	Afonso, Branco, Esgalhado; Simões e Pereira, 2010

	<p>intervém não só a nível da formação, mas também apoia empresas com intervenção na área social na organização e gestão dos projetos (Pinto et al., 2009). Foi desenvolvido noutros países da Europa de 2001 a 2004, sendo considerado pela União Europeia como uma “Boa prática”.</p>			
<b>Projeto TIO</b>	<p>É um projeto que funciona através de uma plataforma online, contendo toda a informação necessária e útil para e sobre as pessoas mais velhas.</p>	<p>Estimular a solidariedade social e a intergeracionalidade.</p>	<p>Portugal</p>	<p>Afonso, Branco, ES galhado, Simões e Pereira, 2010</p>

Fonte: Adaptado de Tavares, 2010, pp 11-17

Os programas que associam os idosos à escola e à comunidade, e lhes dão oportunidade de compartilharem o seu tempo, habilidades e experiências com as crianças e jovens, tornam-se um valioso recurso para a escola e para a comunidade. O papel do idoso é o de mentor, tutor, cuidador, amigo maduro ou educador. Os participantes incluem idosos que sejam ou não reformados, que com frequência compartilham um interesse comum, como um assunto académico específico ou um passatempo, com os jovens. As gerações mais novas podem ser de qualquer idade, inclusive estudantes do ensino superior.

A fragilidade das relações intergeracionais, não é uma perda da qualidade dos afetos devido à crise da estrutura familiar, mas sim à falta de pessoas para construir ou reconstruir continuamente essas relações, como é obrigatório em todos os fenómenos sociais (Pereira, 2012).

Os resultados deste tipo de programas incluem maior sucesso académico para os jovens, como maior motivação para aprender, maior auto-estima e melhor auto-imagem, maior consciência sobre a carreira a seguir e disposição para o conhecimento de habilidades e experiências de vida e cultura das pessoas mais velhas. De acordo com Lima (2007), os programas intergeracionais são uma das alternativas interessantes para promover uma percepção positiva do envelhecimento.

Em Portugal, ainda há muito a conquistar na área da intergeracionalidade visto que Afonso, Branco, Esgalhado, Simões e Pereira (2010) fizeram um levantamento, e chegaram à conclusão que existem poucos documentos publicados sobre o tema e, no que diz respeito a iniciativas há alguns projetos a decorrer com bastante qualidade. Assim, é urgente desenvolver conceitos e aprofundar o conhecimento acerca do impacto das relações intergeracionais. Os programas intergeracionais, ao promoverem a convivência intergeracional e a colaboração entre gerações, se forem adequadamente formulados e implementados, podem ter um grande benefício para as pessoas participantes, para as comunidades e em última instância para a sociedade.

## II. Metodologia da Investigação

O processo de investigação engloba três fases, a fase conceptual, a metodológica e a empírica. A fase conceptual refere-se a um processo, a uma forma ordenada de formular ideias, de as documentar em torno de um assunto preciso, com vista a chegar a uma concepção clara e organizada do objeto do estudo (Giddens, 1999). Esta fase dá início quando o investigador trabalha uma ideia para orientar a investigação.

Esta fase é fulcral, visto que a análise de uma situação problemática necessita de uma questão de investigação bem delimitada. É necessário a escolha de um desenho apropriado para o estudo que se pretende. O investigador define a população e o tipo de instrumento adequado à recolha de dados. Na fase metodológica, o investigador determina os métodos que utilizará para obter as respostas às questões de investigação, ou às hipóteses colocadas. Por último, a fase empírica que inclui a recolha de dados no campo, seguida da organização e do tratamento dos dados.

**Tabela 3:** Etapas do processo de investigação.

<b>Fase Conceptual</b>	<b>Fase Metodológica</b>	<b>Fase Empírica</b>
Escolher e formular um problema de investigação;	Escolher um desenho de investigação;	Recolher os dados;
Rever a literatura pertinente;	Definir a população e a amostra;	Analisar os dados;
Elaborar um quadro de referência;	Definir as variáveis;	Interpretar os resultados;
Enunciar o objetivo, as questões de investigação ou as hipóteses.	Escolher os métodos de recolha e de análise dos dados.	Comunicar os resultados.

**Fonte:** Marie-Fabienne Fortin, 1999, pp.38

Nos estudos quantitativos, segundo Fortin (2009), parte-se de uma teoria e procura-se verificar, se é aplicada noutros estudos realizados. Segundo Grawtitz (1993, citado por Sousa & Baptista, 2011:53) os métodos são “ um conjunto concertado de operações que são realizadas para atingir um ou mais objetivos, um corpo de princípios que presidem a toda a investigação organizada, um conjunto de normas que permitem seleccionar e coordenar técnicas “.

## 1. Objetivos do estudo

O trabalho projeto “ As representações sociais dos estudantes do ensino secundário do concelho de Almeida acerca da população idosa “ surge do interesse em perceber quais as representações que os jovens possuem sobre as pessoas mais velhas, bem como as relações intergeracionais possam existir entre eles. Assim é necessário compreender quais são as representações / imagens que os jovens têm sobre a população idosa, pois eles irão ser também os seus cuidadores no futuro.

Este tema surgiu de uma ideia que tive antes de iniciar o mestrado, contudo à medida que foi passando o tempo, outras ideias surgiram, mas que não faziam tanto sentido. Surgiu então a ideia da construção deste tema para o trabalho projeto, pelo facto de em outras unidades curriculares já ter sido abordada, e a forma como foi desenvolvido determinou então a direção da minha escolha.

A escolha deste tema está relacionada com o interesse em analisar e compreender as atitudes e opiniões que os jovens do secundário têm acerca dos idosos, bem como conhecer os estereótipos que possuem acerca desta população. Assim o trabalho foi pensado para ser aplicado aos alunos do ensino secundário (10<sup>o</sup> ao 12<sup>o</sup> ano), de modo a serem questionados sobre a representação social sobre a velhice e o envelhecimento, bem como conhecer a importância da relação que os jovens do ensino secundário do concelho de Almeida, têm com os seus avós. O tipo de relação com os avós diz-nos muito sobre o tipo de representação que os jovens têm sobre os idosos.

Pretendeu-se avaliar, se o conhecimento que têm sobre a velhice, prende-se a uma imagem positiva ou negativa, e verificar então se isso pode estar relacionado com o tipo de relação que estabelecem com os seus avós.

Por último, o estudo deve conduzir à criação de um projeto de intervenção, que tem por base as relações intergeracionais, que se possa contribuir para alterar a visão negativa que possa existir sobre os mais velhos.

Desta forma, através da aplicação de um inquérito por questionário do tipo misto (engloba respostas abertas e fechadas), pretendia-se saber qual a imagem/ representação que os jovens do ensino secundário têm sobre os mais velhos, perceber até que ponto a relação com os seus avós pode ou não, influenciar esta representação.

Assim, os objetivos que norteiam este trabalho projeto são:

Objetivos gerais

- Identificar a percepção que os estudantes do ensino secundário do concelho de Almeida têm acerca da população idosa;

- Conhecer a importância da relação que os jovens do ensino secundário do concelho de Almeida têm com os seus avós.

#### Objetivos específicos

- Analisar a perspectiva dos estudantes do ensino secundário acerca da população idosa;
- Identificar os estereótipos que existem por parte dos estudantes sobre os idosos;
- Analisar as relações dos estudantes com os seus avós;
- Conhecer o modo como esta relação pode influenciar a sua percepção sobre os idosos;
- Conhecer e compreender a visão que os estudantes têm do seu envelhecimento.

## 2. Instrumento de recolha de dados

### 2.1 Instrumento

O presente projeto é de natureza quantitativa e foi utilizado um inquérito por questionário do tipo misto (respostas abertas e fechadas), com o intuito de analisar e compreender a visão dos estudantes sobre a população idosa. Segundo Fortin (2009) o inquérito por questionário não é mais, do que um conjunto de enunciados e/ou questões que permitem recolher informações junto dos sujeitos a serem alvo do estudo.

A escolha do tipo de instrumento de recolha de dados teve por base os objetivos delineados para o estudo, o tipo de população alvo a ser estudada, maior facilidade do tratamento de dados que irei obter, obtenção de respostas claras e objetivas, e, por último, o tempo despendido na aplicação do instrumento.

A construção do instrumento de recolha de dados foi efectuada com base em alguma bibliografia consultada para a construção do estudo, em questionários utilizados em pesquisas feitas no âmbito da temática, designadamente de autores como António (2010), Rodrigues, (2014), Santana, (2015), e Carvalho (2014), como também recorri à consulta de um instrumento realizado pela mestranda e por outras colegas de mestrado no 1º ano deste mesmo curso de Mestrado em Gerontologia Social, foi elaborado para uma unidade curricular de 1º semestre

sobre a de tecnologia da informação e comunicação em idosos “TIC”. Este questionário, permitiu uma primeira abordagem ao tema como também a primeira organização das questões de forma sistemática e clara, de modo a facilitar a sua compreensão como também a consulta de outros autores delineou a fase final do questionário.

Segundo Meksenas (2008:179) a aplicação de um questionário centra-se em quatro propósitos “ estimar certas grandezas absolutas; estimar grandezas relativas; descrever uma população ou subpopulação; e verificar as hipóteses “.

Existem vários tipos de questionário segundo Sousa & Baptista (2011), o questionário aberto, fechado e misto. O questionário fechado tem na sua construção questões de resposta fechada, que permite obter respostas que possibilitam a comparação com outros instrumentos de recolha de dados. Este instrumento facilita o tratamento e análise da informação obtida, exigindo menos tempo, o questionário misto, tal como o nome indica é um tipo de questionário que apresenta questões de diferentes tipos, neste ponto pretendo assim elaborar algumas questões acerca da sua opinião sobre os idosos, a visão que possuem e como se veem no futuro como idosos. O instrumento escolhido foi inquirido por questionário do tipo misto construído pela mestrandia, visto se adequar melhor ao objetivos delineados no início do estudo.

Podemos apontar algumas vantagens deste instrumento, nomeadamente a maior sistematização dos resultados, a facilidade de análise, a redução do tempo necessário para análise e tratamento, é menos dispendioso e atinge um grande número de pessoas. Apresenta também algumas desvantagens designadamente a dificuldade de concepção, pode haver uma taxa de não respostas elevada, a dificuldade na compreensão da caligrafia dos respondentes. (Sousa & Baptista, 2011).

O instrumento de recolha de dados utilizado neste trabalho é do tipo misto, como já foi referido anteriormente, pois engloba questões abertas (dar o contributo o inquirido) e fechadas (sim ou não), e foi realizado aos alunos do ensino secundário do Agrupamento de Escolas de Almeida. O questionário está dividido em quatro grupos.

O grupo pergunta sobre as características sociodemográficas dos inquiridos, isto é, ao sexo, idade, ano, turma, curso e estabelecimento de ensino. No grupo II aborda-se a questão das representações sociais sobre os idosos e conta com um total de 12 questões, tais como: a partir de que idade consideras uma pessoa idosa?; Como identificas uma pessoa idosa?; Qual a tua atitude quando vês uma pessoa idosa ?; Na tua opinião quais consideras serem as principais perdas da velhice? ; Qual o significado que têm as pessoas mais velhas para ti?; Na tua opinião, como são vistos os idosos na nossa sociedade?; Concordas que os jovens devem conviver e envolver-se mais com as pessoas idosas ?; Achas que a relação entre os jovens e os idosos trás benefícios para ambas as gerações?; Quais os

benefícios das relações intergeracionais?; Consideras que o contacto entre idosos e jovens, pode reduzir o isolamento das pessoas mais velhas?; Na tua escola existe algum tipo de atividade e /ou projeto que envolva as pessoas idosas?; e a última questão, Gostarias de desenvolver algum tipo de atividade com os idosos?. O grupo III está relacionado com a relação com os avós, isto é o modo como os jovens veem os seus avós e o contributo que pode ter esta população para os jovens, e conta com 9 questões: Atualmente, algum dos teus avós está vivo?; Como classificas a tua relação afectiva com os teus avós?; Já alguma vez viveste e/ ou vives com os teus avós?; Em que tipo de situações costumavas conviver com os teus avós?; Atualmente, onde vivem os teus avós?; Qual a proximidade residencial dos teus avós?; Com que regularidade estás pessoalmente com os teus avós?; Quais os meios de comunicação que usas para estabeleceres contacto com os teus avós?, e, por último, Na tua opinião a participação ativa dos netos na vida dos avós é importante, visto contribuir para que se sintam valorizados, amados e úteis para os netos?. Por fim, o grupo IV está relacionado com a percepção que os jovens têm enquanto futuros idosos, e conta com 5 questões: O que significa para ti a palavra “ idoso “?; Alguma vez te imaginaste e/ou reflectiste, como serias em idoso?; Como te imaginas quando fores idoso?;Tens receio e/ou medo do processo de envelhecimento, por habitualmente estar associado á proximidade da morte?; e por último Achas que a opinião que se tem hoje na sociedade sobre os idosos, será a mesma quando tu próprio estiveres no processo de envelhecimento? . Na aplicação dos inquéritos por questionário aos alunos, a mestrandia não esteve presente, devido á maior facilidade de distribuição por parte dos directores de turma de cada turma, tornando o processo mais rápido e facilitado.

## 2.2 Pré-teste

Na primeira redacção do inquérito por questionário, isto é, aquando da formulação das questões e da ordem estabelecida, é fundamental garantir que é de facto aplicável e que responde às problemáticas colocadas pelo investigador. Para verificar estes aspectos deve proceder-se à fase do pré-teste. O pré-teste ao questionário consiste, assim num conjunto de verificações feitas, de forma a confirmar que ele é realmente aplicável com êxito, no que diz respeito a dar uma resposta efectiva aos problemas levantados pelo investigador (Sousa & Baptista, 2011). A reacção dos inquiridos no processo do pré-teste deverá ser tida em conta, para que seja possível eliminar ou reduzir o número de elementos que conduza a uma baixa taxa de respostas (Sousa & Baptista, 2011).

O pré-teste do inquérito por questionário permitiu verificar que todos os inquiridos compreenderam as questões da mesma forma, se a lista de opções de

respostas às questões fechadas se todas as alternativas eram possíveis, se existe um elevado grau de aceitação às questões colocadas para que não haja nenhuma pergunta cuja resposta seja recusada, a ordem das questões não deverá causar “saltos abruptos “ de um assunto para outro, e se a linguagem utilizada não à muito complexa pois deverá ser compreensível e acessível aos inquiridos.

O processo de pré-teste incluiu duas fases, a de verificação das perguntas individuais, e a verificação do questionário como um todo no que diz respeito às condições de aplicação (Sousa & Baptista, 2011). A verificação das perguntas individuais pode ser executada com a colaboração de um pequeno número de pessoas. Os inquiridos devem ter características semelhantes à população que vai ser usada para a aplicação do questionário definitivo. Estes procedimentos têm em vista, lançar-se a fase definitiva da recolha de dados, evitando que a mesma seja prejudicada por algum erro grave que coloque em causa todo o instrumento e as respetivas conclusões do estudo.

Para a validação do instrumento de trabalho foi realizado um pré-teste no Agrupamento de Almeida, isto é, na escola de Almeida com alunos da mesma faixa etária dos que participaram no estudo, mas que não faziam parte população inquirida. Participaram no pré-teste 10 alunos do 10º ano do curso profissional de agro-pecuária, com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos de idade, sendo cinco do sexo feminino e outros 5 do sexo masculino.

No pré-teste esteve presente a mestranda juntamente com a professora que naquele dia leccionava a aula (9 de janeiro de 2017) aos alunos do curso referido. Depois dos alunos responderem ao questionário, a mestranda colocou algumas questões sobre o seu preenchimento, de forma a entender e analisar se existiram ou não dificuldades de compreensão das questões que o integram. Assim foi perguntado o seguinte: Foi fácil entender e compreender o questionário no global?; Precisaram de ajuda da professora para compreender algumas das questões?; Retiravam alguma das questões colocadas ? ; Qual das questões foi mais difícil de compreender ?; Quanto tempo demoraram a preencher o questionário?; e Na sua globalidade concordam e/ou acham que o questionário está bem estruturado e organizado ?.

Os alunos consideraram que na sua globalidade o questionário fora de fácil compreensão e leitura ao nível das questões apresentadas, estava bem estruturado e organizado não sendo necessário mudar a ordem dos grupos nem das questões, bem como nas questões fechadas as opções estariam de acordo com a pergunta. Acrescentaram ainda que não retirariam nenhuma pergunta do questionário. Ao nível do tempo de preenchimento demoraram entre 10 a 15 minutos, o que se encontra dentro do limite de tempo estabelecido pela mestranda tal como consta do cabeçalho do questionário.

Há que ressaltar que após a análise das respostas dadas nos questionários preenchidos, se verificou que a maioria dos alunos, na questão 4.1 do grupo IV,

não respeitou a indicação de darem quatro palavras para o significado de idoso. Também na pergunta 2.12 do grupo II, relativo às atividades que gostariam de desenvolver com os idosos, alguns alunos responderam apenas que sim, não dando exemplos de duas atividades, sendo que apenas 3 dos alunos responderam que não gostariam de desenvolver atividades com os idosos. Estes aspetos foram depois tidos em conta aquando da aplicação à população alvo do estudo, de modo a alertar os alunos para a necessidade de um correto preenchimento destes itens, pelo que foi entregue um aviso aos directores de turma juntos com os questionários.

### 2.3. Aplicação

A aplicação do instrumento decorreu no mês de janeiro de 2017 aos alunos do ensino secundário do Agrupamento de escolas de Almeida. A recolha dos dados não foi elaborada pela mestrandia, visto que seria mais rápido e com menos tempo despendido face ao processo. Os questionários foram assim aplicados pelos respetivos directores de turma de cada turma do Agrupamento, a quem previamente foi explicado qual o objetivo e a forma como deveriam proceder na entrega dos questionários aos alunos pelo vice-presidente do Agrupamento.

O concelho de Almeida é um dos 14 concelhos que compõem o distrito da Guarda. Conta com um total de 16 freguesias e algumas anexas: Almeida; Vilar Formoso; Castelo Bom e Aldeia de São Sebastião; Freineda; Freixo; Malhada Sorda; Nave de Haver e Poço Velho; S. Pedro do Rio Seco; Vale da Mula; Amoreira, Parada e Cabreira; Azinhal, Peva e Valverde; Castelo Mendo, Ade, Monteperobolso e Mesquitela; Junça e Naves; Leomil, Mido, Senouras e Aldeia Nova; Malpartida e Vale Coelha; Miuzela e Porto de Ovelha (Câmara Municipal de Almeida, 2017). No concelho de Almeida há 13 freguesias com menos de 100 habitantes e destas, cinco têm menos de 50 residentes, com uma população que na faixa etária dos 65 + anos de idade conta no total com 2 673 indivíduos.

Segundo os dados mais recentes do Pordata, em 2014 o concelho tinha 518,2 idosos por cada 100 jovens, os jovens representam apenas 6,9% da população total e os idosos 35,5%, o que demonstra que é um concelho com uma estrutura etária bastante envelhecida.

Nas figuras 4 e 5 abaixo descritas, podemos constatar o progressivo aumento do envelhecimento da população do concelho de Almeida, isto é, o crescimento da percentagem da população idosa sobre a população total do concelho. Pode-se verificar que quer o índice de dependência de idosos, quer o índice de envelhecimento registaram um enorme aumento face ao ano de 1960. No ano de 2011 o índice de dependência de idosos registava 67,2 (índice de dependência de

idosos) e o índice de envelhecimento com 451,5 o que mostra a necessidade de se ter uma especial atenção pela população idosa por parte das instituições, quer da câmaras e das juntas de freguesia.

Rácio - %

Territórios	Índice de dependência de idosos				
	Anos	1960	1981	2001	2011
Almeida		16,3	33,6	50,3	67,2

**Figura 4:** Índice de dependência de idosos do concelho de Almeida Índice de envelhecimento do concelho de Almeida. Fonte: Pordata. Recuperado a 23 de novembro de 2016 através de <http://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

Rácio - %

Territórios	Índice de envelhecimento				
	Anos	1960	1981	2001	2011
Almeida		30,9	90,4	271,0	451,5

**Figura 5:** Índice de envelhecimento do concelho de Almeida. Fonte: Pordata. Recuperado a 23 de novembro de 2016 através de <http://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

### 3. Caraterização da população

O presente estudo foi realizado em contexto escolar em duas escolas do concelho de Almeida, (localizadas em Almeida e Vilar Formoso) pertencentes ao distrito da Guarda. A população inquirida foi constituída por todos os alunos do 10º ao 12º ano de escolaridade que aceitaram responder ao inquérito por questionário. A delineação da população do estudo teve em conta alguns critérios de inclusão: ter entre 15 e 18 anos de idade, não pertencer a nenhum curso profissional, e pertencer ao Agrupamento de escolas de Almeida.

Para que fosse possível realizar o estudo em causa, foi feito um contacto pessoal com o Agrupamento de Escolas de Almeida, com o vice-presidente, e depois realizado um requerimento de pedido de autorização (Apêndice I) ao presidente. Na reunião com o vice-presidente, foi perguntado quantos alunos tinha cada escola ao nível do ensino secundário, e respetivas turmas. No total, este agrupamento conta com 91 alunos distribuídos por seis turmas. Nesta investigação participaram 80 alunos (tabela 4), já que 11 alunos não tiveram o termo de autorização dos respetivos encarregados de educação para participarem no estudo.

Tabela 4: Número de alunos por turmas

Turmas	10 <sup>º</sup> A	10 <sup>º</sup> B	11 <sup>º</sup> A	11 <sup>º</sup> B*	12 <sup>º</sup> B	12 <sup>º</sup> C*	Total
Número de alunos	20	14	14	12	11	9	80

\*Turmas da Escola Básica e Secundária de Vilar Formoso

Através da observação dos dados da tabela 5, pode verificar-se que na Escola Básica e Secundária de Vilar Formoso na turma de 11<sup>º</sup>B tem o mesmo número de alunos de ambos os sexos, no 12<sup>º</sup>C o sexo masculino predomina com 5 alunos (55,56%). Na outra escola, Escola Básica e Secundária Dr. José Casimiro Matias (Almeida) no 10<sup>º</sup>A a maioria (11 alunos) são rapazes com 55%, no 10<sup>º</sup> B também predomina o sexo masculino (9 alunos) com 64,3%, no 11<sup>º</sup>A predomina o sexo feminino (11 alunos) com 78,6%, e por último no 12<sup>º</sup>B é constituído apenas pelo sexo feminino (100%).

Tabela 5: Sexo dos alunos por anos de escolaridade e por escola

Sexo/ Anos	Escola Básica e Secundária Dr. José Casimiro Matias (Almeida)				Escola Básica e Secundária de Vilar Formoso	
	10 <sup>º</sup> A	10 <sup>º</sup> B	11 <sup>º</sup> A	12 <sup>º</sup> B	11 <sup>º</sup> B	12 <sup>º</sup> C
<b>Feminino</b>	9 Alunos (45%)	5 Alunos (35,7%)	11 Alunos (78,6%)	11 Alunos (100%)	6 Alunos (50%)	4 Alunos (44,5%)
<b>Masculino</b>	11 Alunos (55%)	9 Alunos (64,3%)	3 Alunos (21,4%)	0 Alunos	6 Alunos (50%)	5 Alunos (55,6%)
<b>Total</b>	<b>20</b> Alunos (100%)	<b>14</b> Alunos (100%)	<b>14</b> Alunos (100%)	<b>11</b> Alunos (100%)	<b>12</b> Alunos (100%)	<b>9</b> Alunos (100%)

As idades dos alunos variam entre os 15 e 18 anos das seis turmas do Agrupamento de Escolas de Almeida. No 10º ano varia entre os 15 e 18 anos de idade, no 11º ano entre os 16 e 17 anos de idade, e no 12º ano predominam os 17 anos de idade (tabela 6).

**Tabela 6:** Idades dos alunos por anos

<b>Anos/ Idade</b>	<b>15 Anos</b>	<b>16 Anos</b>	<b>17 Anos</b>	<b>18 Anos</b>	<b>Total</b>
<b>10ªA</b>	15 (75%)	2 (10%)	2 (10%)	1 (5%)	<b>20</b>
<b>10ªB</b>	7 (50%)	5 (35,8%)	2 (14,2%)	0%	<b>14</b>
<b>11ªA</b>	0%	14 (100%)	0%	0%	<b>14</b>
<b>11ªB</b>	0%	10 (83,3%)	2 (16,7%)	0%	<b>12</b>
<b>12ªB</b>	0%	0%	11 (100%)	0%	<b>11</b>
<b>12ªC</b>	0%	0%	9 (100%)	0%	<b>9</b>

## 4. Resultados

As primeiras perguntas do questionário realizadas aos alunos, tinham como intuito conhecer qual a representação social que têm acerca da população idosa, sendo por isso relevante saber a partir de que idade os inquiridos consideram uma pessoa idosa. Após a análise dos gráficos 1 e 2 pode-se perceber, que na escola de Almeida prevaleceu os 65 e mais anos de idade seguindo-se dos 75 e mais anos de idade, enquanto na escola de Vilar Formoso referiram, os 65 e mais anos de idade e os 80 e mais anos de idade. A opção dos 55 e mais anos não foi escolhida por nenhuma das escolas.

Gráfico 1: Idade da pessoa idosa (Almeida)

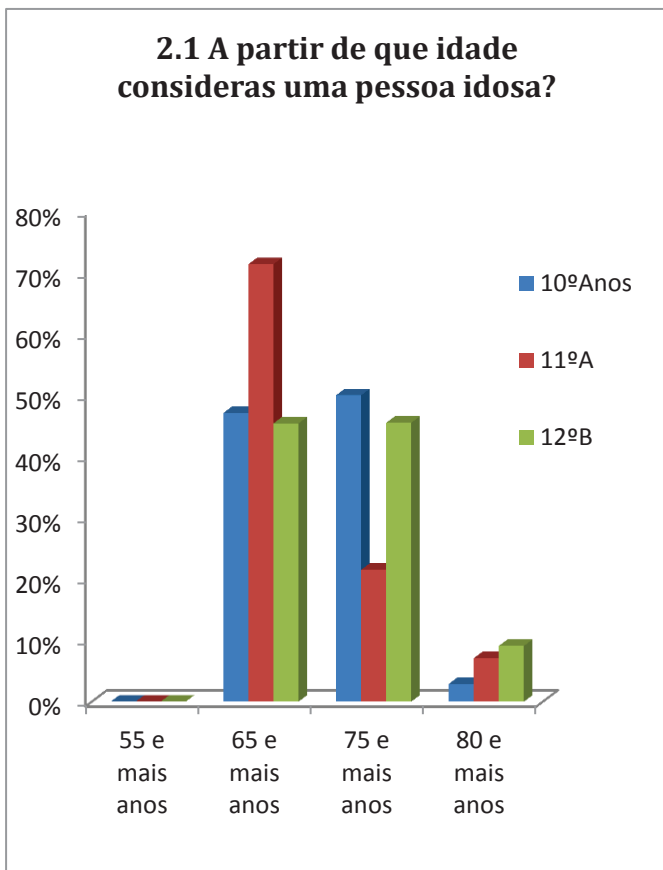


Gráfico 2: Idade da pessoa idosa (Vilar Formoso)

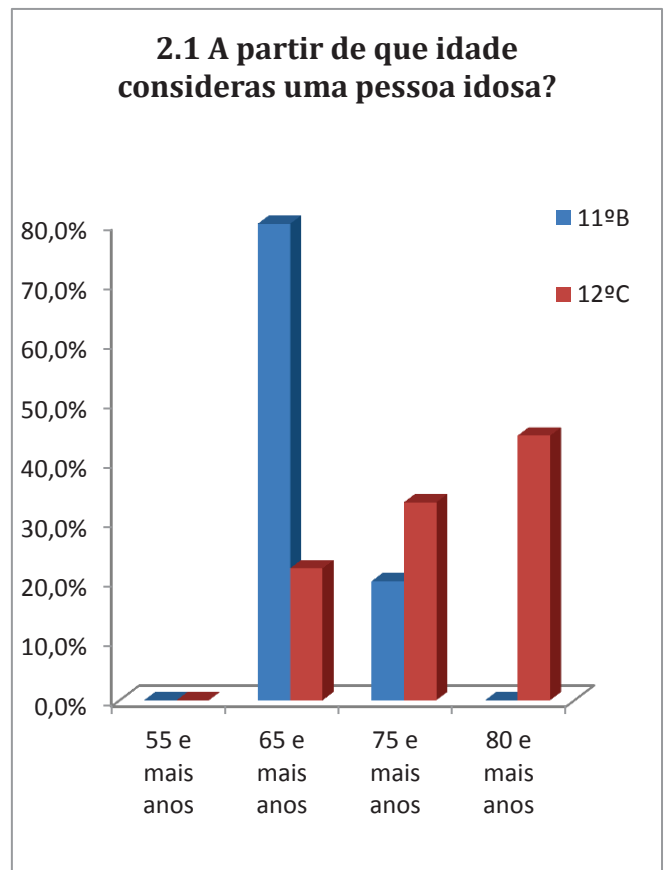


Gráfico 3: Identificação da pessoa idosa (Almeida)

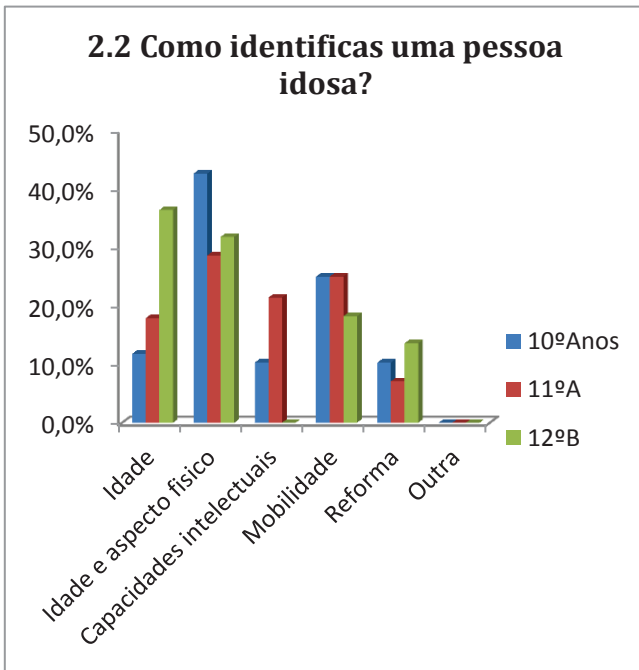
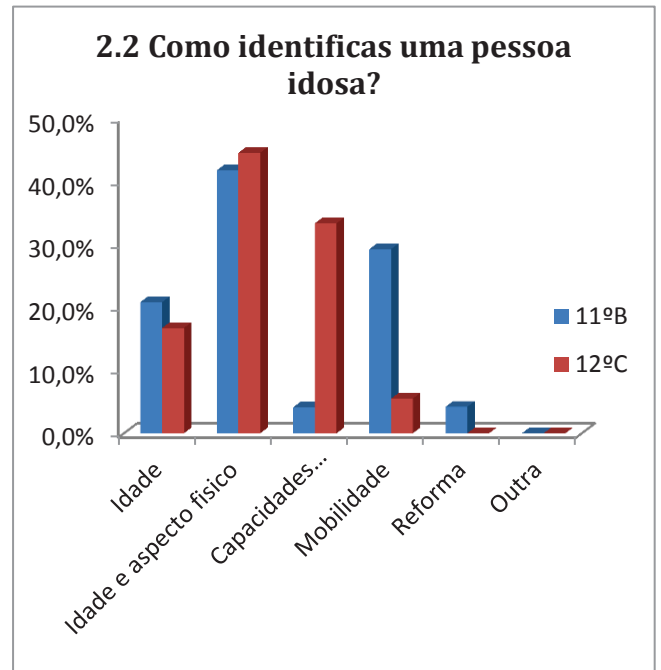


Gráfico 4: Identificação da pessoa idosa (Vilar Formoso)



Os alunos foram também questionados acerca dos diversos factores que poderão estar na origem da identificação de uma pessoa idosa, tendo sido solicitado que assinalassem duas opções nesta pergunta. As duas opções mais escolhidas pelos alunos de Almeida foi a idade/ aspecto físico e mobilidade, ainda em Vilar Formoso a opção idade/aspecto físico também foi escolhida seguindo-se as capacidades intelectuais. As opções menos escolhidas pelos alunos foi a reforma (gráficos 3 e 4).

Gráfico 5: Atitude sobre a pessoa idosa (Almeida)

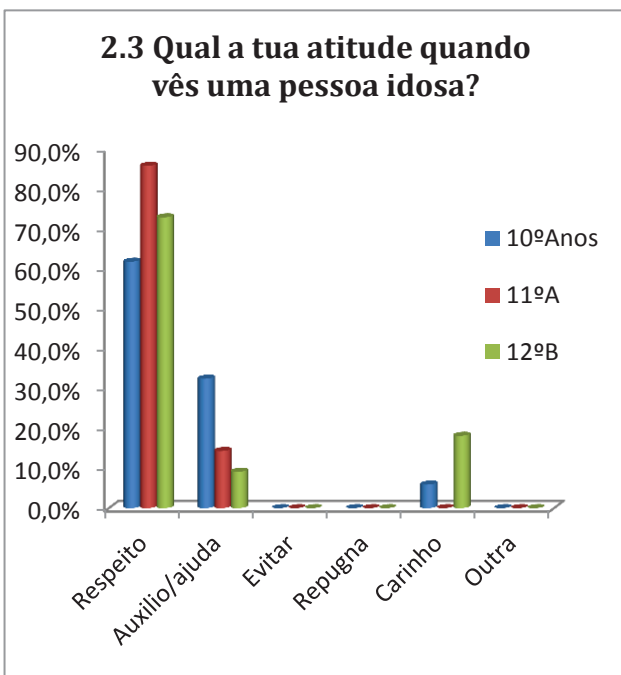
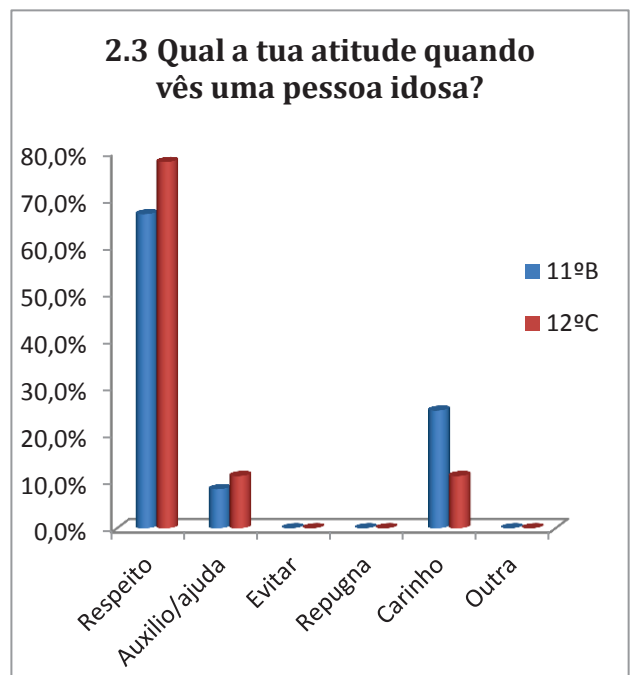


Gráfico 6: Atitude sobre a pessoa idosa (Vilar Formoso)



Nesta questão relativa à atitude quando os jovens vêem uma pessoa idosa, no que diz respeito às questões mais escolhidas foram o respeito e auxílio/ajuda em Almeida e, respeito e carinho na escola de Vilar Formoso. O que vem demonstrar que os jovens de hoje tem muito respeito, e não repugna e evitamento face aos idosos, já que estas duas opções obtiveram 0 % nas suas escolhas (gráficos 5 e 6).

Gráfico 7: Perdas da velhice (Almeida)

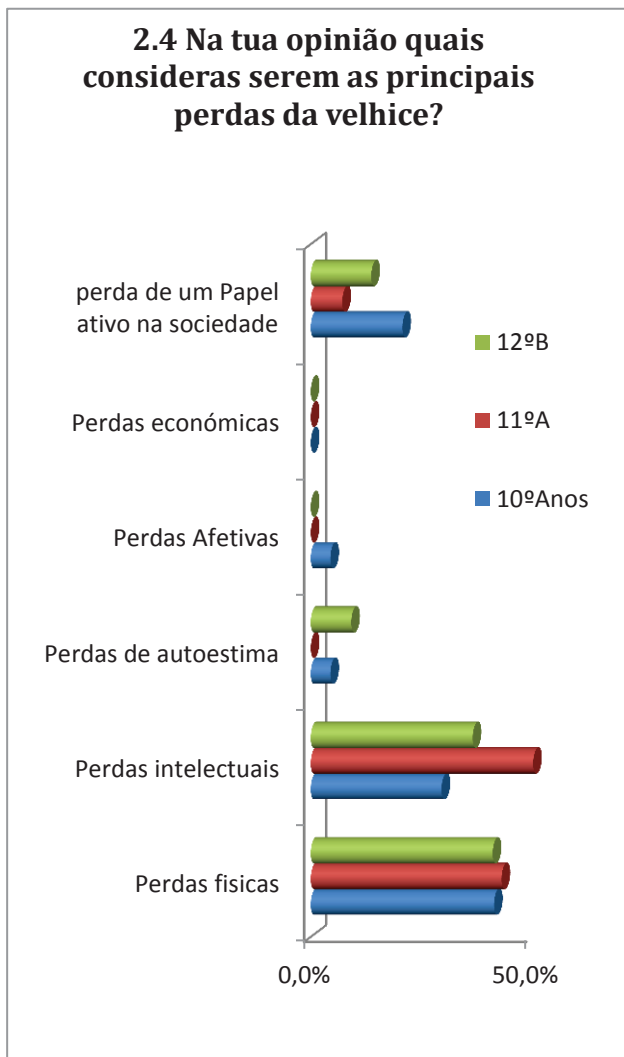
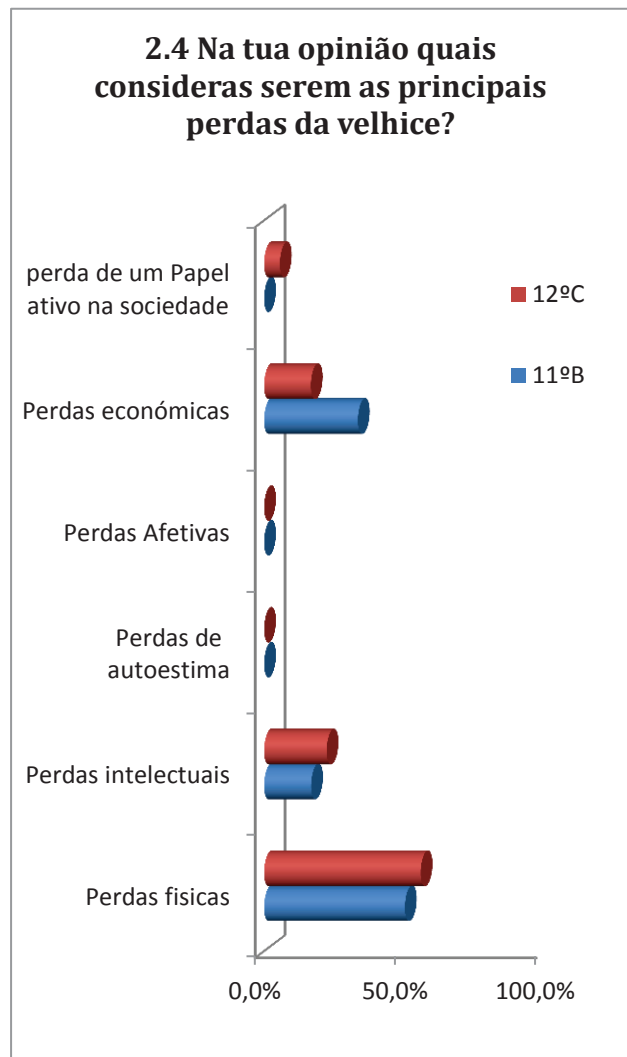


Gráfico 8: Perdas da velhice (Vilar Formoso)

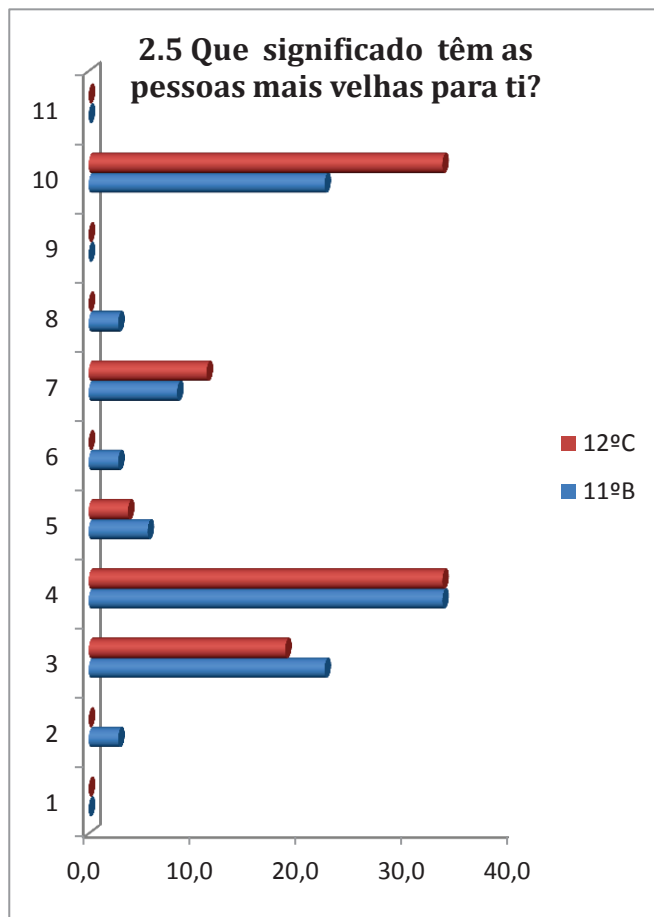
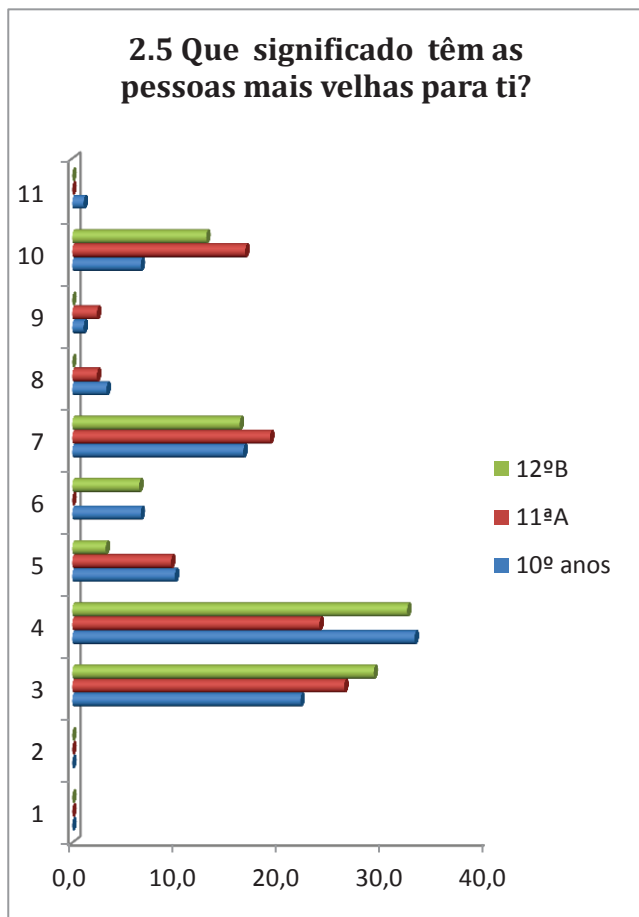


Posteriormente foi perguntado aos alunos, qual consideram serem as principais perdas da velhice, em que tinham de assinalar duas opções nesta pergunta. Após a análise nos gráficos 7 e 8 verifica-se que, nas duas escolas as respostas foram muito idênticas. Na escola de Almeida identificaram como as principais perdas, as perdas físicas e intelectuais, e em Vilar Formoso as perdas físicas e económicas, que ocorrem com a entrada da velhice. Contudo a opção,

perda de um papel ativo na sociedade registou uma percentagem significativa nas 6 turmas do agrupamento.

Gráfico 9: Significado dos idosos (Almeida)

Gráfico 10: Significado dos idosos (Vilar Formoso)



**Legenda:** 1- Nada importantes; 2- Importantes; 3- Peso na economia do país; 4-Carga familiar; 5-Pessoas agradáveis e bem-dispostas; 6- Inativas; 7- Doentes e frágeis; 8-Portadoras de sabedoria e experiência de vida; 9- Carinhosas, 10- Senis; 11- Inúteis

No contexto do estudo e tendo em conta o aumento do número de pessoas idosas na sociedade, perguntou-se aos jovens qual o significado que têm para si as pessoas mais velhas. Através da análise dos gráficos 9 e 10, os alunos (Almeida e Vilar Formoso) responderam que a população idosa significa carinho, portadoras de sabedoria e experiência, pessoas agradáveis e bem dispostas, e que são importantes, contudo os aspetos negativos tais como doentes e frágeis, inativas e carga familiar obtiveram uma pequena percentagem. O que vem demonstrar a importância dos idosos na vida dos mais jovens, não existindo quase nenhuns preconceitos e estereótipos negativos.

Gráfico 11: Idosos na sociedade (Almeida)

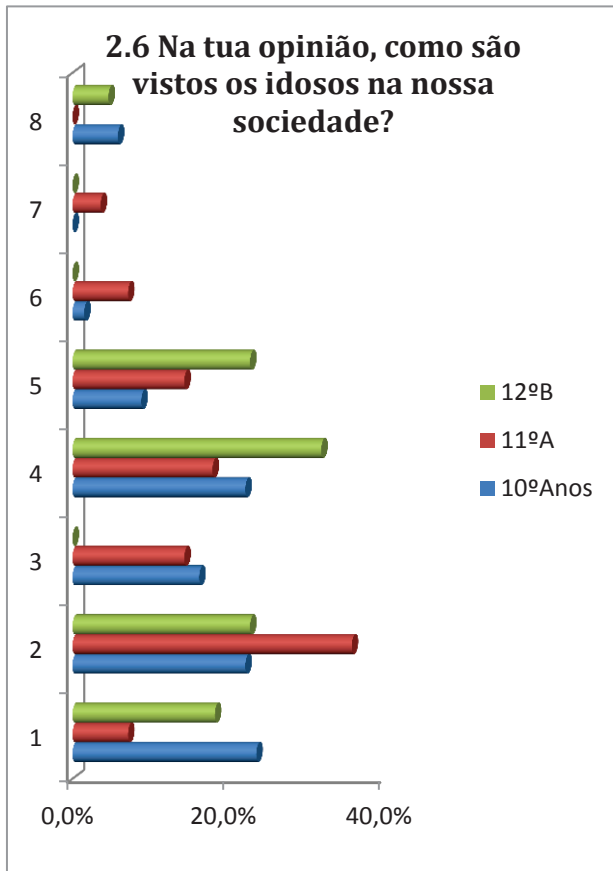
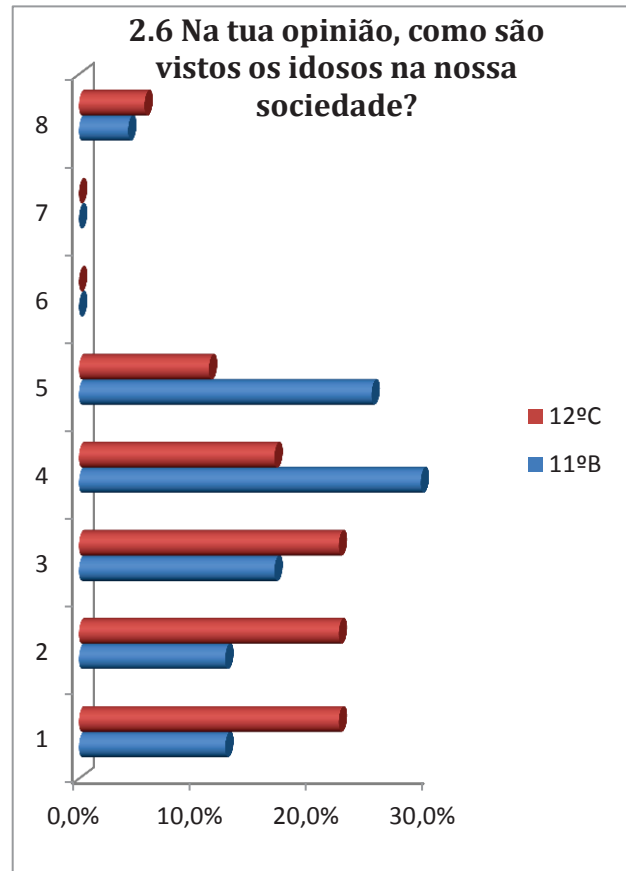


Gráfico 12: Idosos na sociedade (Vilar Formoso)



**Legenda:** 1- Egoístas e rabugentos; 2- Ajudam a economia do país; 3- Ativos na sociedade; 4- Sabedoria e experiência de vida; 5- Doentes e frágeis; 6- Carga familiar; 7-Peso/fardo; 8- Inúteis

Na questão 2.6 foi perguntado aos alunos, como os idosos são vistos na nossa sociedade, visto que muitas das vezes são alvo de preconceitos e estereótipos negativos por parte da população, não lhe dando a devida importância e colocando-os à margem da sociedade. Foi pedido que assinalassem duas opções de resposta, sendo que as respostas que predominaram foram doentes e frágeis, peso/ fardo, sabedoria e experiência, e carga familiar. As menos escolhidas foram ajudar a economia do país, egoístas e rabugentos, e ativos na sociedade. Contudo na escola de Vilar Formoso as opções ajudam a economia do país e ativos na sociedade obtiveram 0 % (gráficos 11 e 12).

Numa outra questão (2.7) questionou-se sobre se os jovens concordavam, em se envolver e conviver com as pessoas mais idosas, em que responderam concordar, contudo 8,3% na turma 11ºB da escola de Vilar Formoso respondeu em não concordar se envolver e conviver com os mais idosos. De seguida, quis-se saber se a relação entre os jovens e os idosos tem benefícios para ambas as gerações, isto porque a relação entre estas duas gerações nem sempre é muito fomentada e estimulada na sociedade. Verificou-se que, os alunos na maioria

(100%) responderam em concordar, que o convívio intergeracional trás benefícios para os jovens e idosos

Gráfico 13: Benefícios das relações intergeracionais (Almeida)

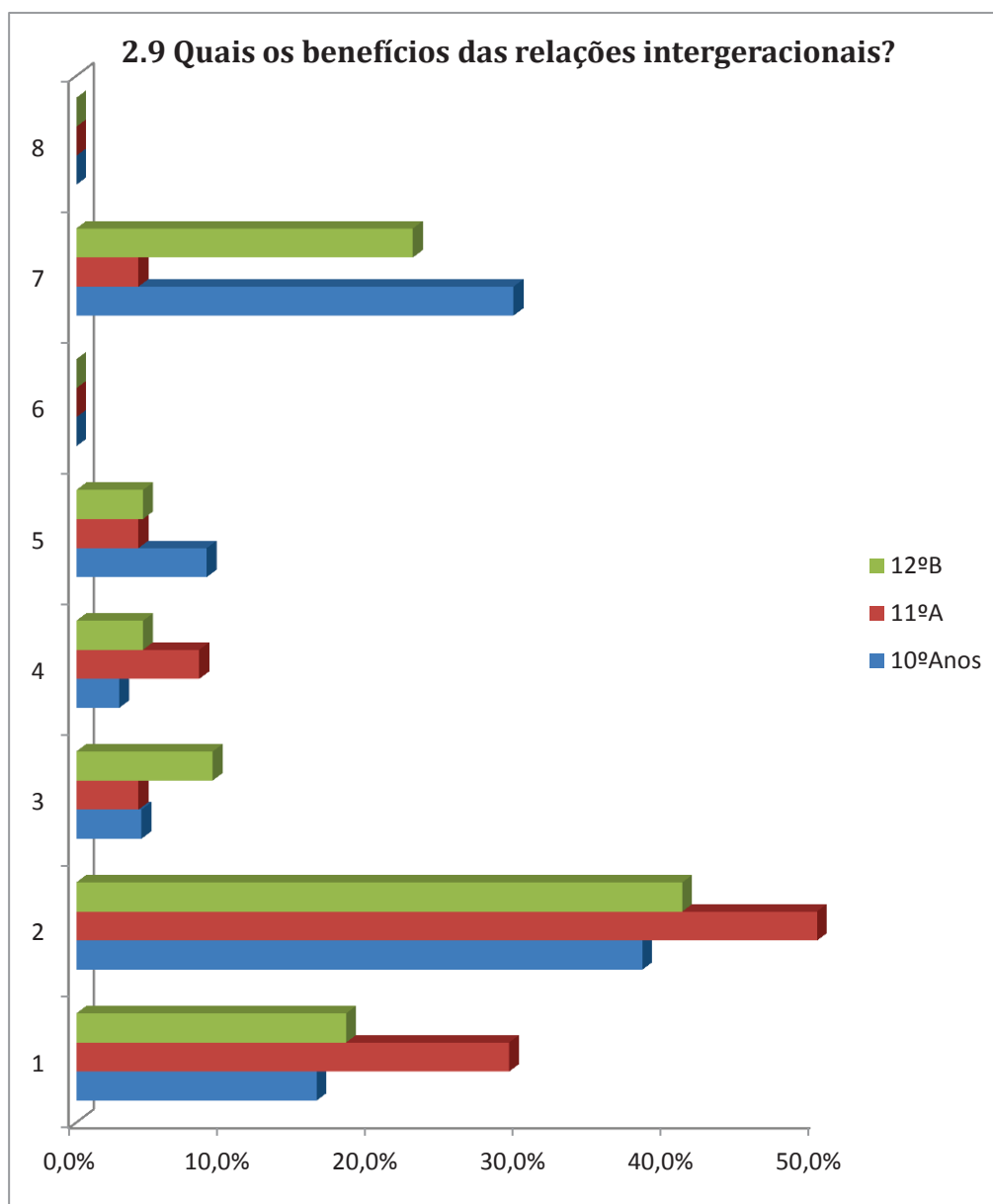
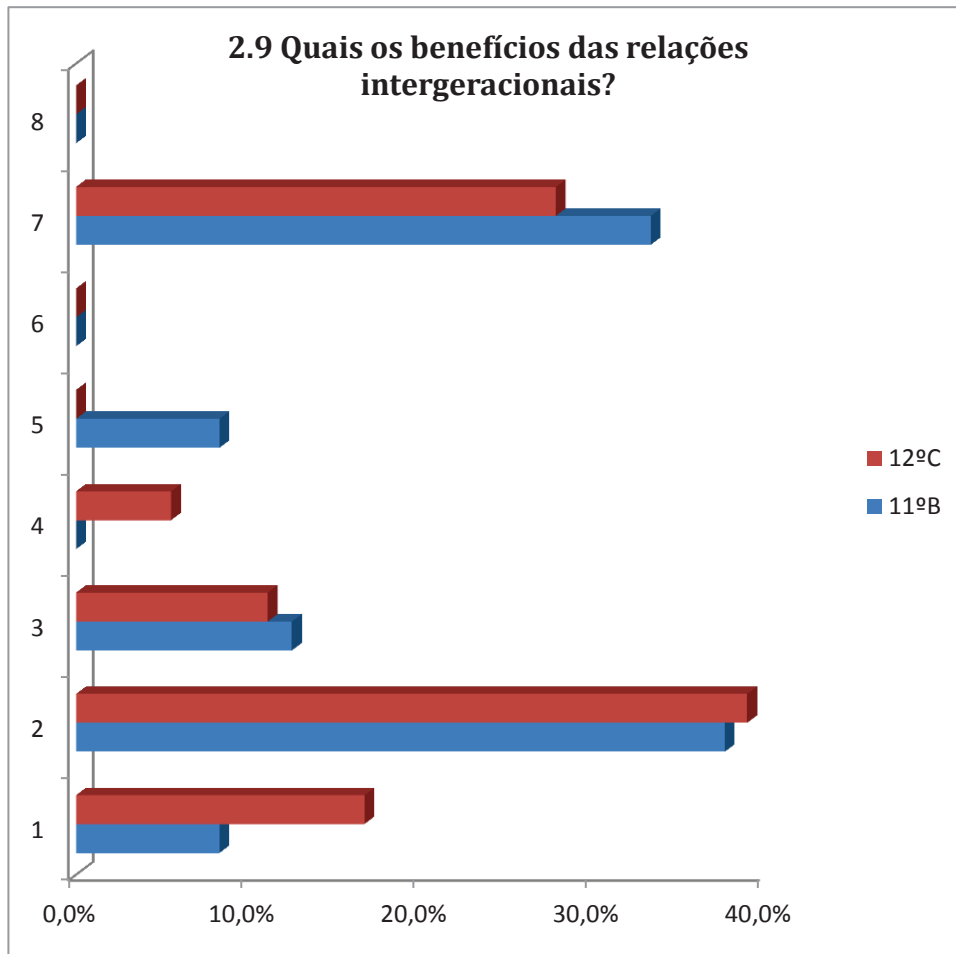


Gráfico 14: Benefícios das relações intergeracionais (Vilar Formoso)



**Legenda:** 1- Outra; 2-Diminuição do risco de isolamento e solidão nos idosos; 3-Diminuição do risco de insucesso escolar; 4-Imagem mais positiva dos jovens sobre os idosos; 5- Maior contacto com as pessoas idosas, 6-Importância na educação intergeracional;7-Transmissão de memórias e experiências; 8- Solidariedade entre gerações

Posteriormente na questão 2.9 perguntou-se aos jovens quais seriam os benefícios das relações intergeracionais, em que as respostas que obtiveram maior percentagem (gráficos 12 e 13) foi a transmissão de memórias e experiências, diminuição do risco de isolamento e solidão em idosos, e a solidariedade entre gerações, as que obtiveram menor percentagem foram o maior contato com as pessoas idosas e diminuição do risco de insucesso escolar.

De seguida perguntou-se (questão 2.10) aos jovens, se o contacto entre os jovens e os idosos pode reduzir o isolamento das pessoas mais velhas, em que a maioria nas duas escolas (100%) responderam positivamente, assim o papel dos jovens na vida dos mais velhos é fundamental para quebrar a sua rotina e fazer-lhe companhia.

A pergunta 2.11 está relacionada com os objetivos do presente estudo e com o projeto de intervenção construído a ser desenvolvido duas nas escolas, isto é,

procurava-se saber se existia algum tipo de atividade/ projeto que envolvesse a população idosa e os jovens. Nas escolas portuguesas não é muito frequente a criação deste tipo de projetos, pelo que é necessário o incentivo à criação e desenvolvimento de projetos com idosos. Todos os alunos das duas escolas responderam não existir qualquer tipo de projeto que envolva a população idosa e os jovens. Assim o projeto de intervenção criado no ponto III, é fundamental para a continuação e construção de uma visão e imagem mais positiva sobre os idosos.

Gráfico 15: Atividade/ projeto (Almeida)

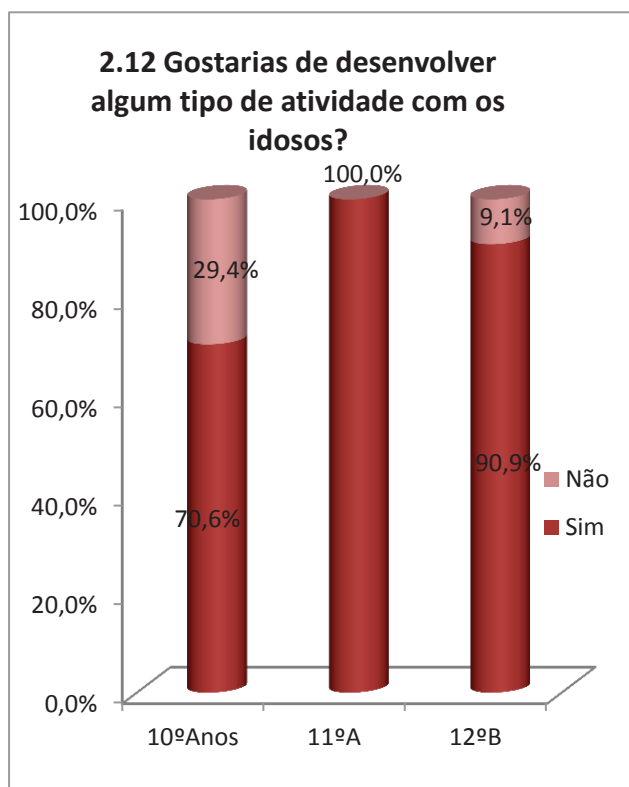
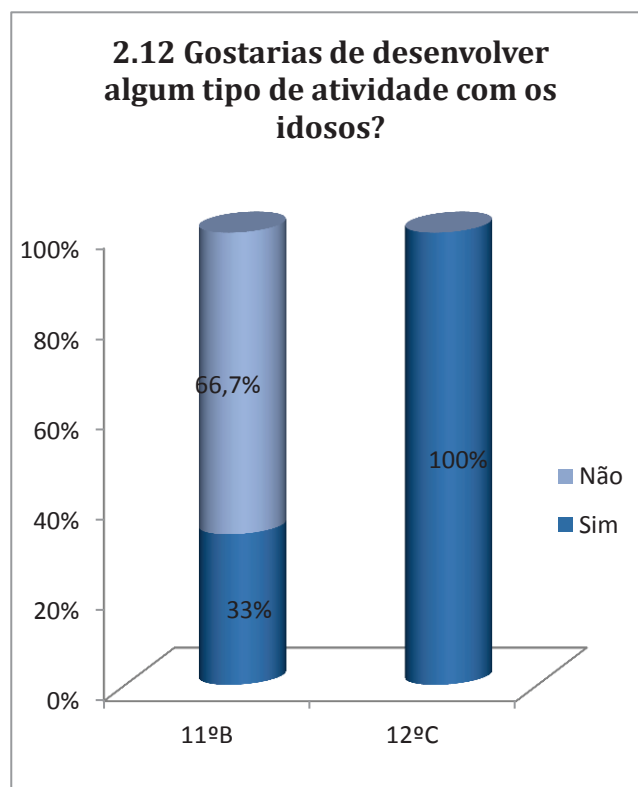
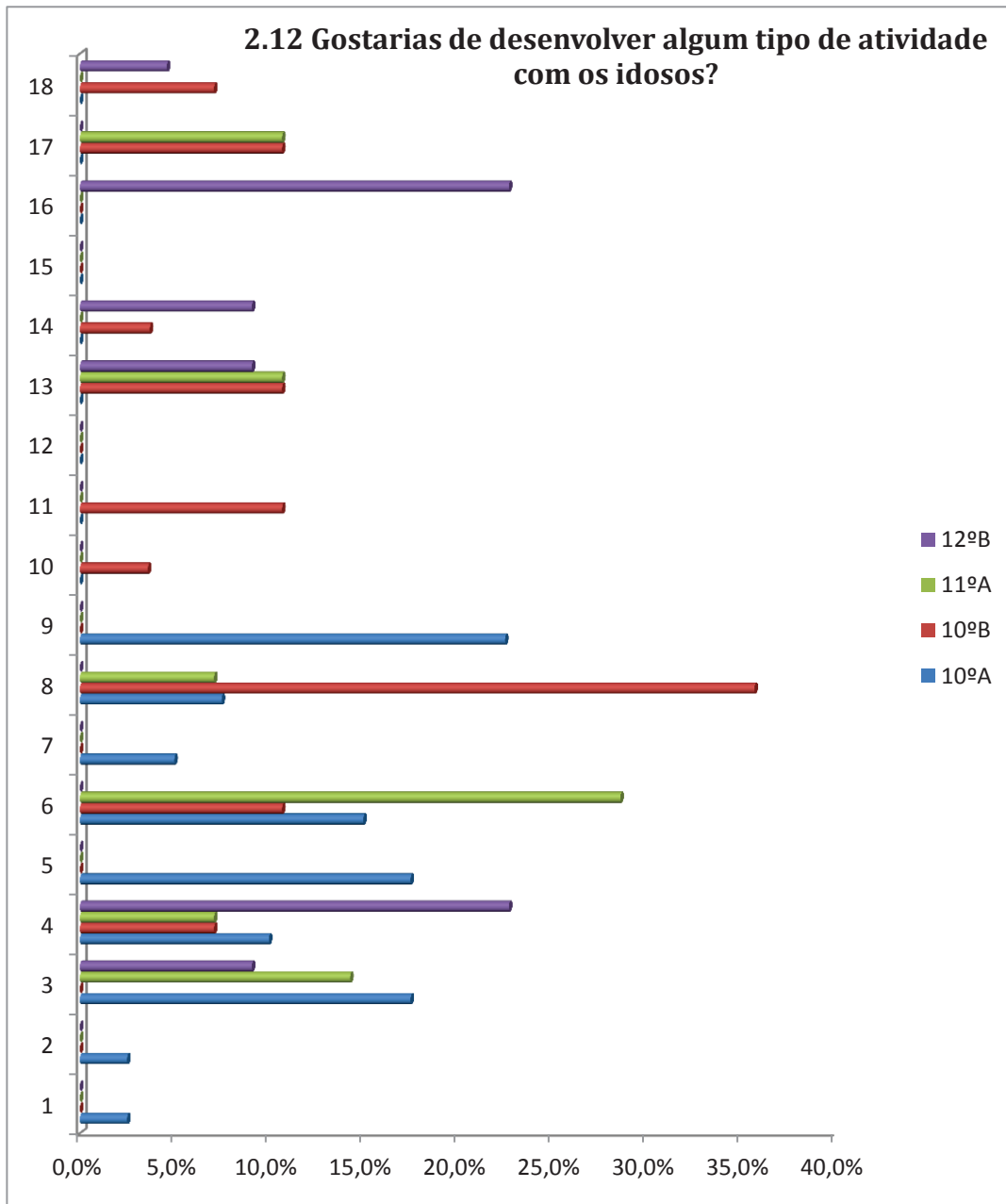


Gráfico 16: Atividade/ projeto (Vilar Formoso)



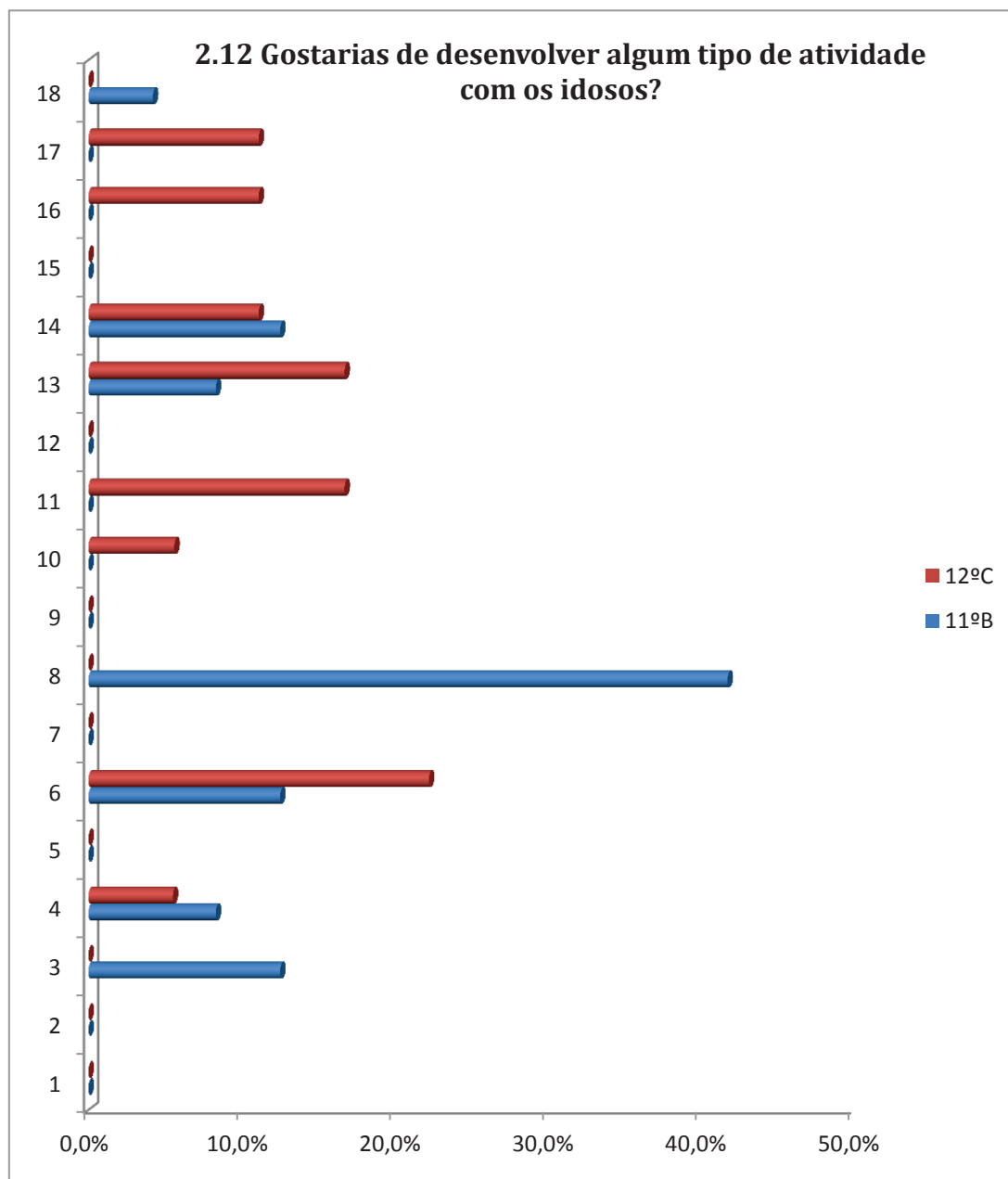
Posteriormente feita a pergunta anterior sobre se existia ou não algum projeto que envolvesse os idosos em que a resposta fora negativa, coloquei a questão 2.12 em que se pergunta aos jovens se gostariam de desenvolver algum tipo de atividade, pedindo-lhes para enumerar duas atividades que gostassem de desenvolver com os mais idosos ou com os avós dentro ou fora do contexto escolar. Contudo no 11ºB (66,7%) respondeu que não gostaria de desenvolver atividades com idosos, tal como nos 10ºanos (29,4 %) e 12ºB (2,9%) manifestaram não ter interesse em desenvolver atividades com idosos (gráficos 15 e 16).

Gráfico 17: Atividades com idosos (Almeida)



**Legenda:** 1- Teatro; 2- Aulas de Tic; 3- Troca de experiências; 4- Dança; 5- Atividades físicas; 6- Experiências didáticas; 7- Convívio; 8-Canções antigas; 9-Jardinagem; 10- Aprendizagem de jogos; 11- Contadores de histórias; 12- Convívio em lares; 13- Jogos didáticos e tradicionais; 14- Voluntariado em lares; 15- Passeio; 16- Convívio; 17- Conhecer melhor a geração mais jovem; 18- Ajuda nas AVD'S

Gráfico 18: Atividades com idosos (Vilar Formoso)



**Legenda:** 1-Teatro; 2- Aulas de Tic; 3- Troca de experiências; 5- Dança; 6- Visitas a lares; 7- Experiências didáticas; 8- Jardinagem; 9- Canções antigas; 10-Aprendizagem de jogos antigos; 11- Contadores de histórias; 12-Convívio em lares; 13- Jogos tradicionais e didáticos; 14- Voluntariado; 15-Passeio; 16-Convívio; 17-Conhecer melhor a geração mais jovem; 18- Ajuda nas AVD's

Posteriormente pediu-se aos alunos que indicassem as atividades que gostariam de vir a desenvolver com a população idosa. As respostas foram variadas, tendo sido as mais referidas em Almeida: troca de experiências, contador de histórias, jogos didáticos e tradicionais, passeio e jardinagem, em Vilar Formoso: visitas a lares, jardinagem, contador de histórias e jogos didáticos e tradicionais. As menos referidas: o teatro, cantigas / cantar com idosos, ajudar nas AVD'S e conhecer melhor a geração mais jovem, aprendizagem de jogos antigos, experiencias didáticas (gráficos 16 e 17).

Gráfico 19: Avós vivos (Almeida)

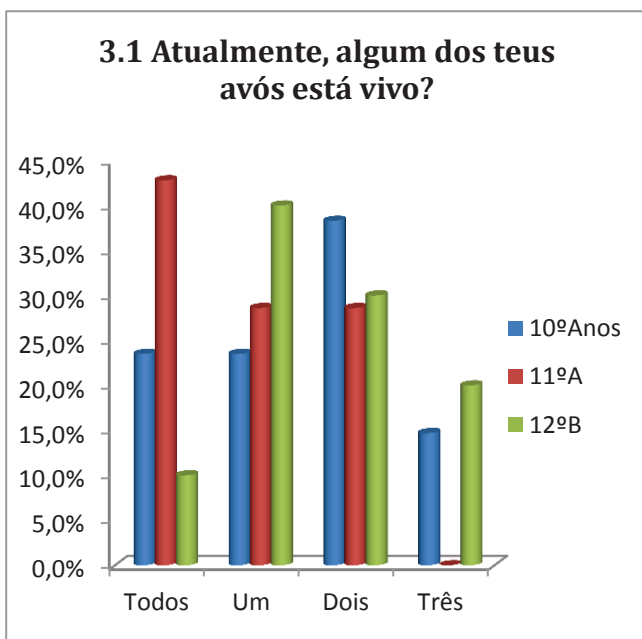
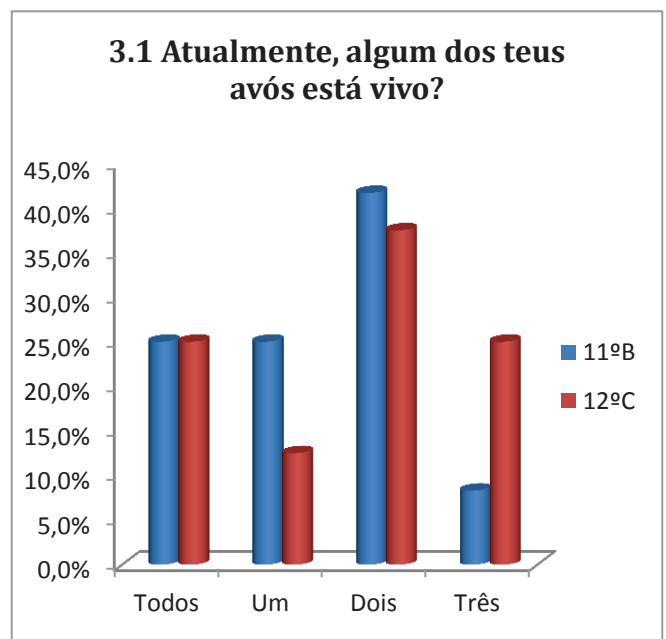


Gráfico 20: Avós vivos (Vilar Formoso)



No que diz respeito à relação com os avós, a primeira pergunta foca-se nos alunos que ainda têm avós vivos., isto é, foi perguntado quantos avós ainda tinham vivos. Em Almeida a maioria os alunos tem todos os avós vivos, seguido de um e dois avós e os três, com uma menor percentagem, em Vilar Formoso sobressaiu os dois avós vivos, seguindo-se todos e um, e os três obteve menor percentagem. As seguintes perguntas seguintes focam-se nesses alunos que responderam que ainda tinham algum dos avós vivos. No total dos 80 alunos, dois deles não tinham nenhum dos avós vivos (11ºB e 12ºC). Assim podesse analisar o tipo de relação que tem com os seus avós, de forma a verificar se a visão que tem das pessoas mais velhas é influenciada pelo tipo de relação que tem com os avós (gráficos 19 e 20).

Gráfico 21: Relação com os avós 10ºAnos

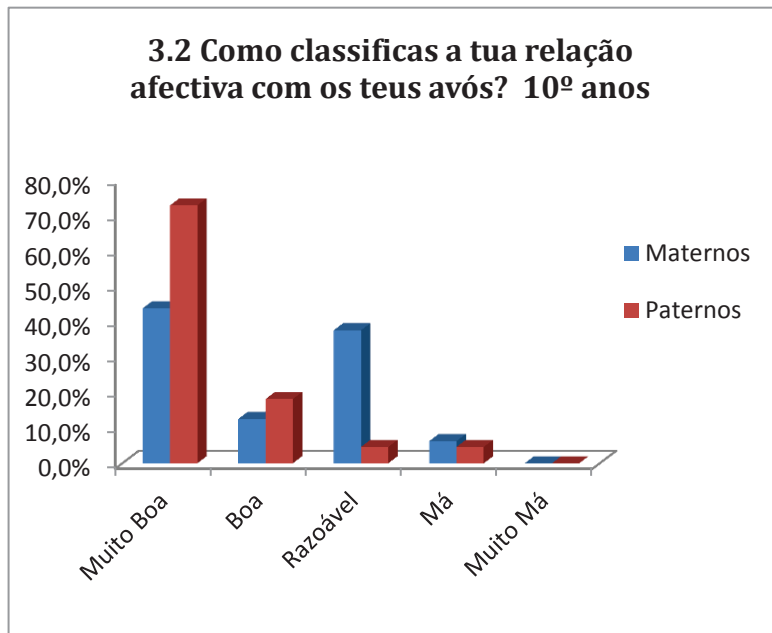


Gráfico 22: Relação com os avós 11ºA

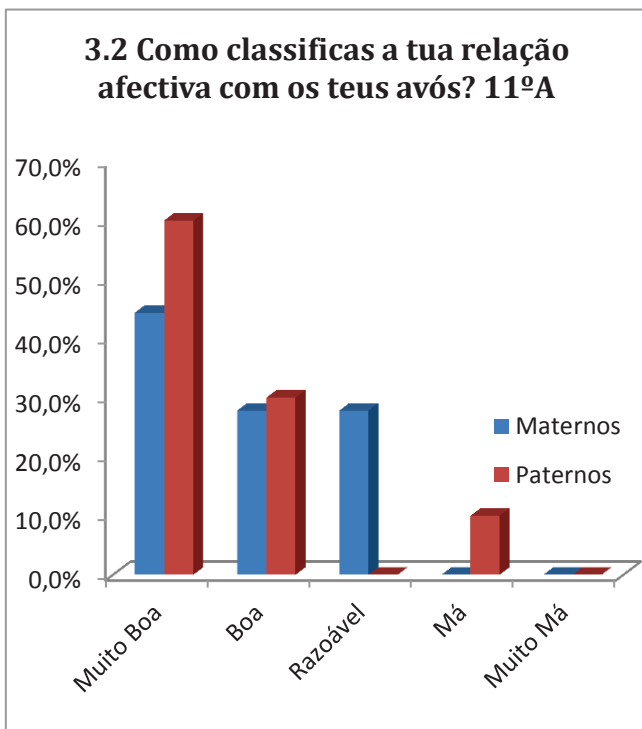


Gráfico 23: Relação com os avós 11ºB

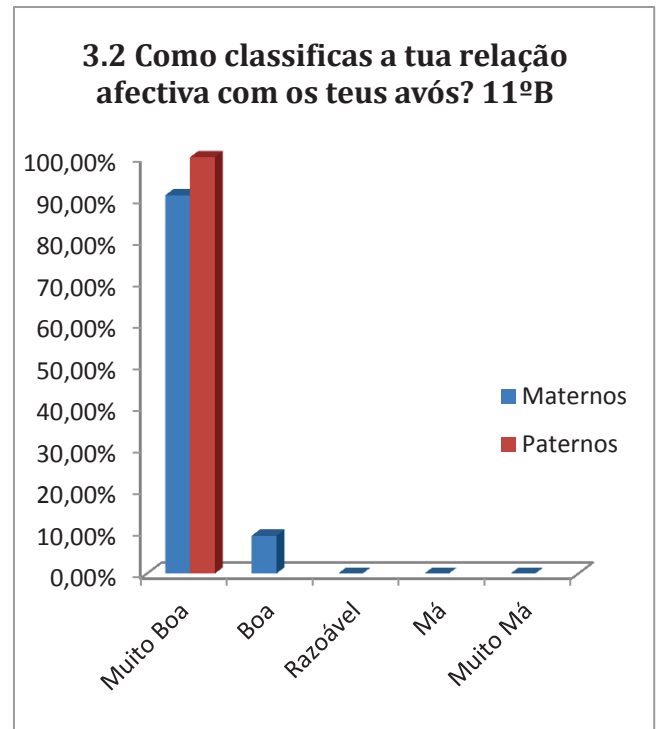


Gráfico 24: Relação com os avós 12ºB

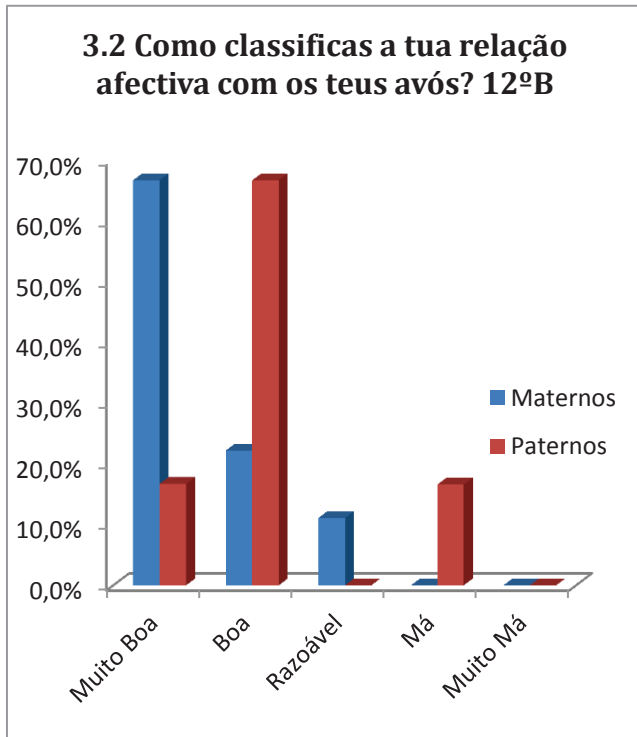
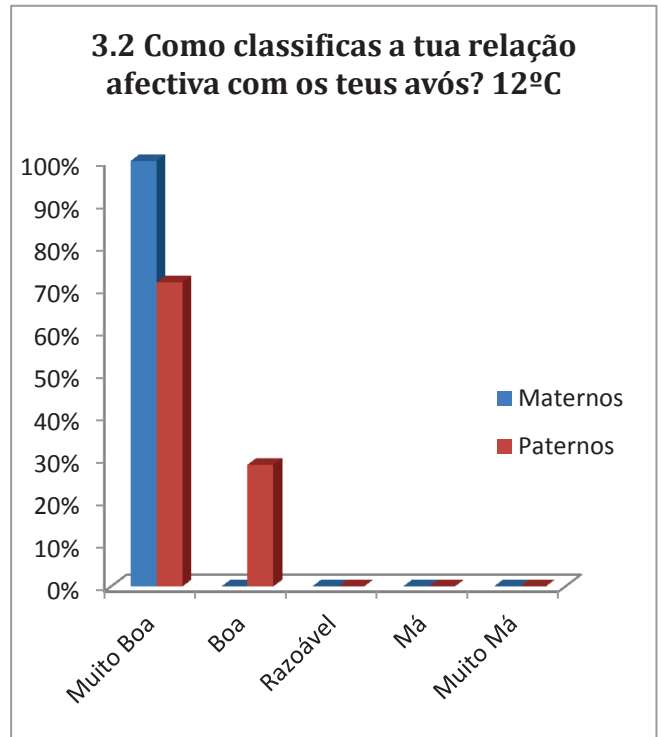


Gráfico 25: Relação com os avós 12ºC



Na questão (3.2) perguntou-se como classifica a relação afectiva com os seus avós, os alunos das duas escolas classifica-a como muito boa e boa, sendo que a relação com os avós paternos é mais forte do que com os maternos. Esta pergunta foi realizada no questionário, de forma a entender como o tipo de relação com os avós pode ou não influenciar a visão acerca dos mais velhos (gráficos 20 ao 25).

Gráfico 26: Viveste com os teus avós (Almeida)

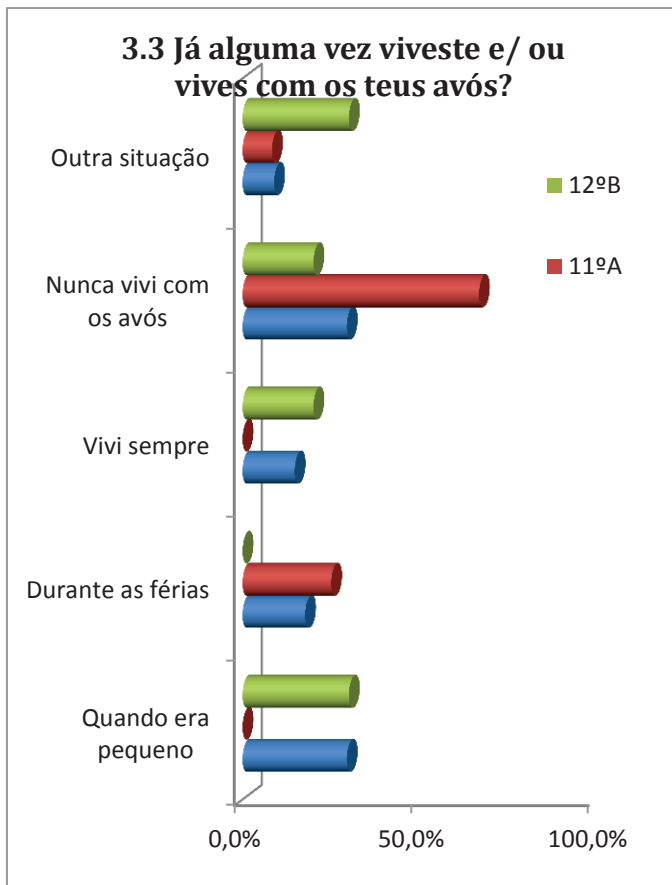
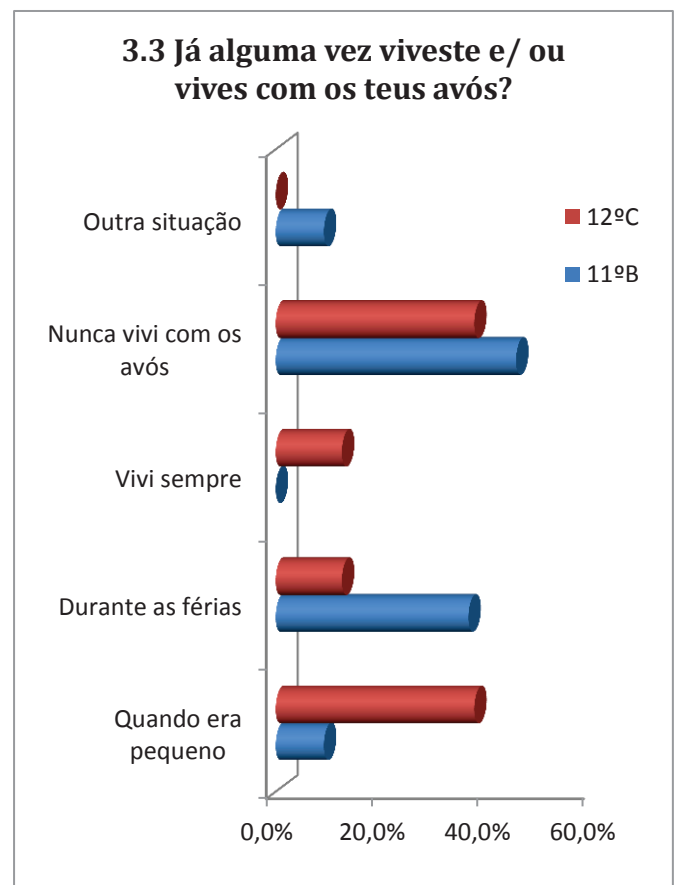


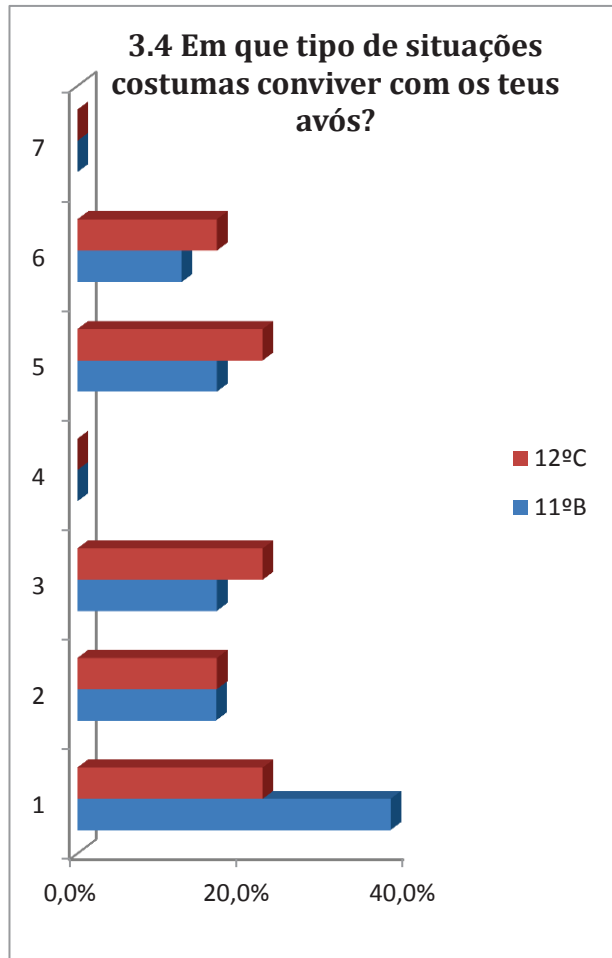
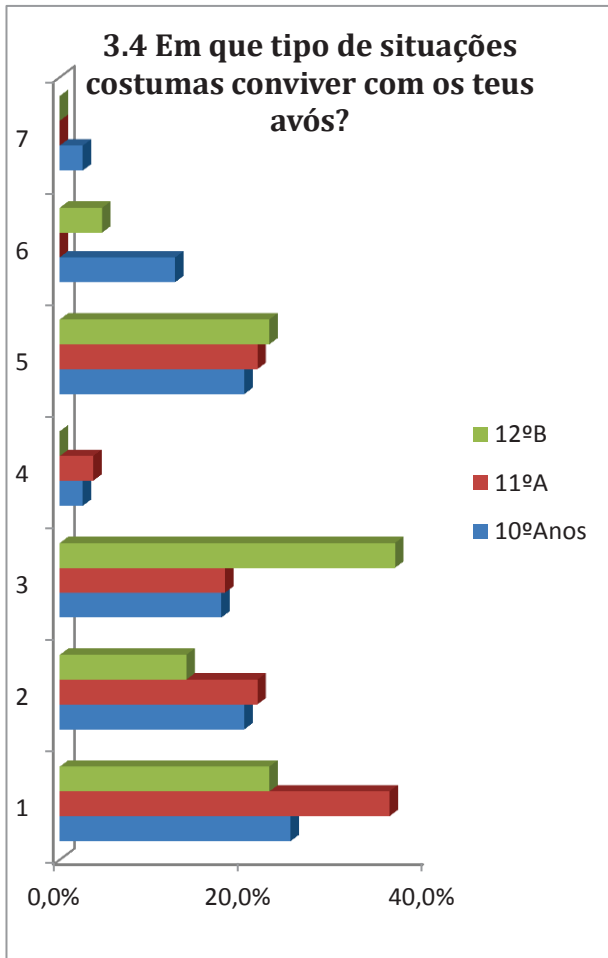
Gráfico 27: Viveste com os teus avós (Vilar Formoso)



Posteriormente, perguntou-se se alguma vez os alunos já viveram com os seus avós, o que pode influenciar, ou não, a visão que têm sobre os idosos. As respostas que predominam nas duas escolas: nunca vivi com os meus seus avós e vivi durante as férias e quando era pequeno. Poucos alunos vivem com os seus avós. A opção “outra situação” diz respeito: vivi com a minha avó materna, até ela falecer; passava alguns fins-de-semana, com os meus avós; vivi com a minha avó materna, quando a minha mãe esteve internada; vivi durante dois meses com os meus avós maternos; desde dos meus oito anos de idade que os meus avós paternos, vivem comigo; os meus avós maternos vivem comigo (gráficos 26 e 27).

Gráfico 28: Situações de convívio (Almeida)

Gráfico 29: Situações de convívio (Vilar Formoso)

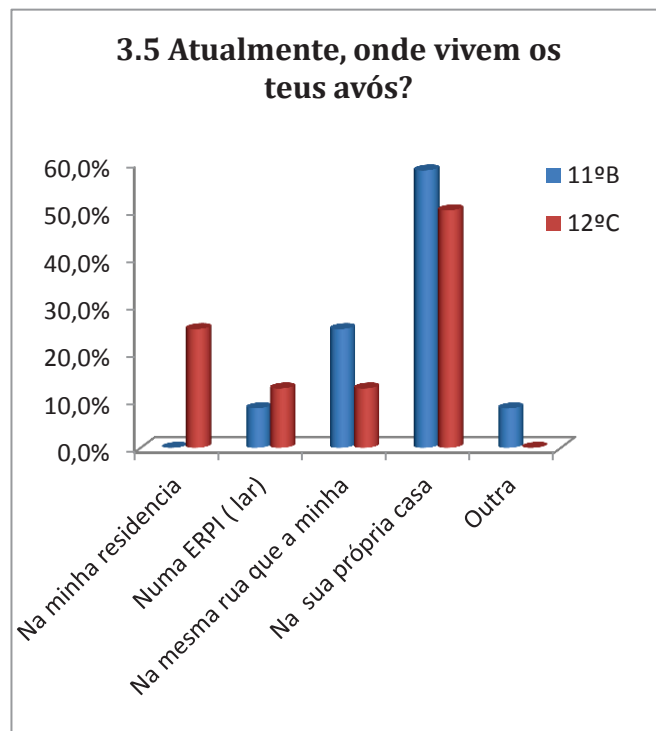
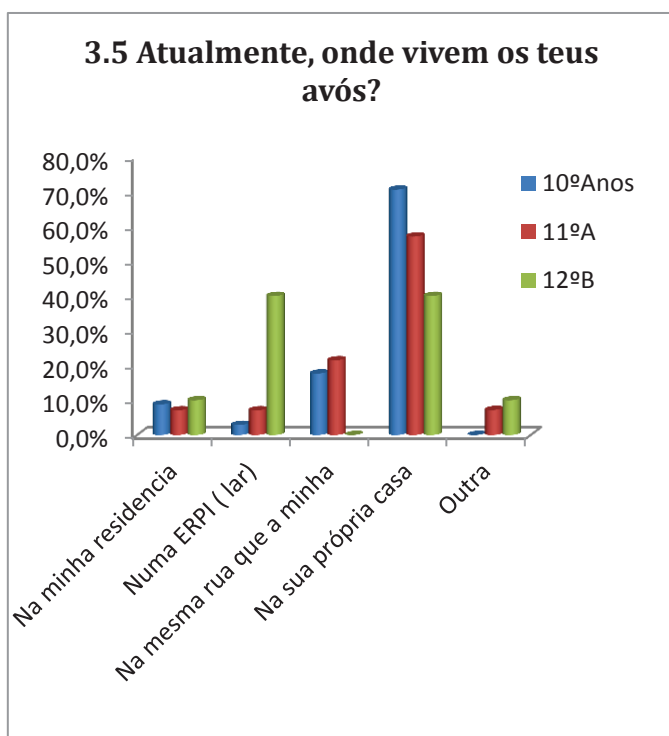


**Legenda:** 1- Nunca estou com os avós; 2- Em tempo de férias; 3- Quando te apetece e/ou tens tempo; 4- Situações de doença; 5- Visitas de fim-de-semana; 6- Festividades de aniversários; 7- Festividades Natalícias

As situações em que os jovens respondentes convivem principalmente com os avós, são as visitas de fim-de-semana, festividades natalícias, e as menos referidas são em situações de doença, e nunca estou com os meus avós, como se pode observar nos gráficos 28 e 29.

Gráfico 30: Onde vivem os avós (Almeida)

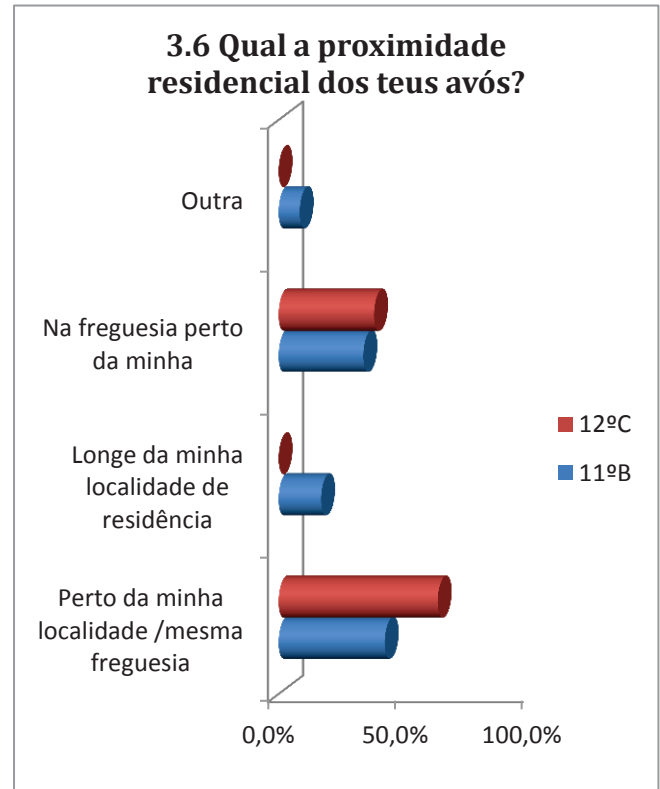
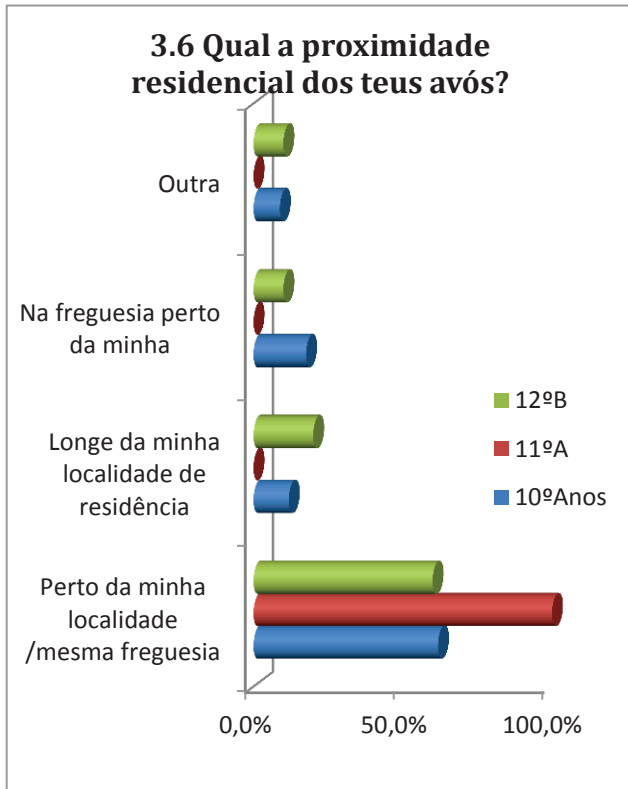
Gráfico 31: Onde vivem os avós ( Vilar Formoso)



Na pergunta 3.5 (gráficos 30 e 31) perguntou-se onde habitualmente vivem os seus avós, de modo a entender se vivem perto dos netos ou longe. Na maioria das escolas responderam que os avós vivem na sua própria casa, na mesma rua que a minha e numa ERPI, e com menor percentagem na minha residência, o que demonstra a forma autónoma e independente dos seus avós. Houve duas situações que referiram que um dos seus avós maternos vive em casa de um filho (tios).

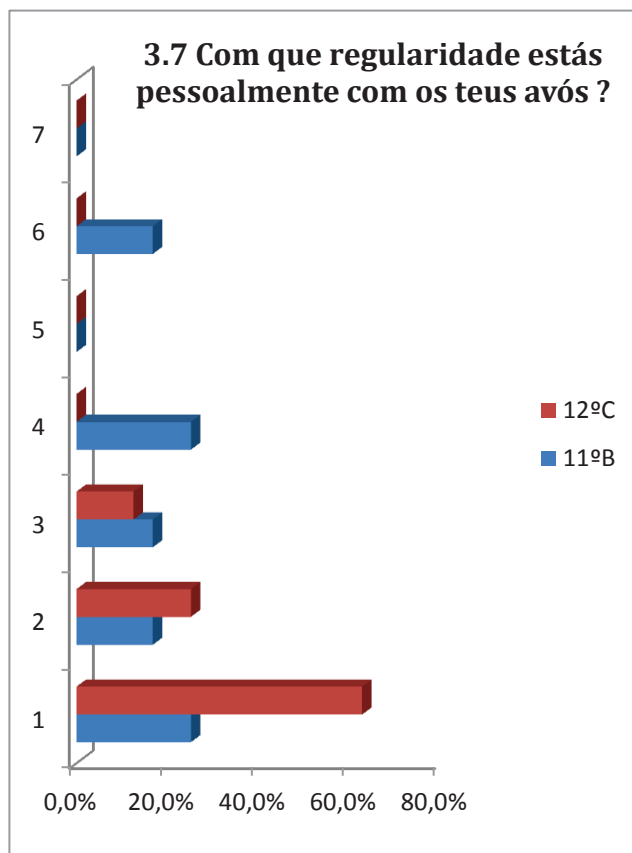
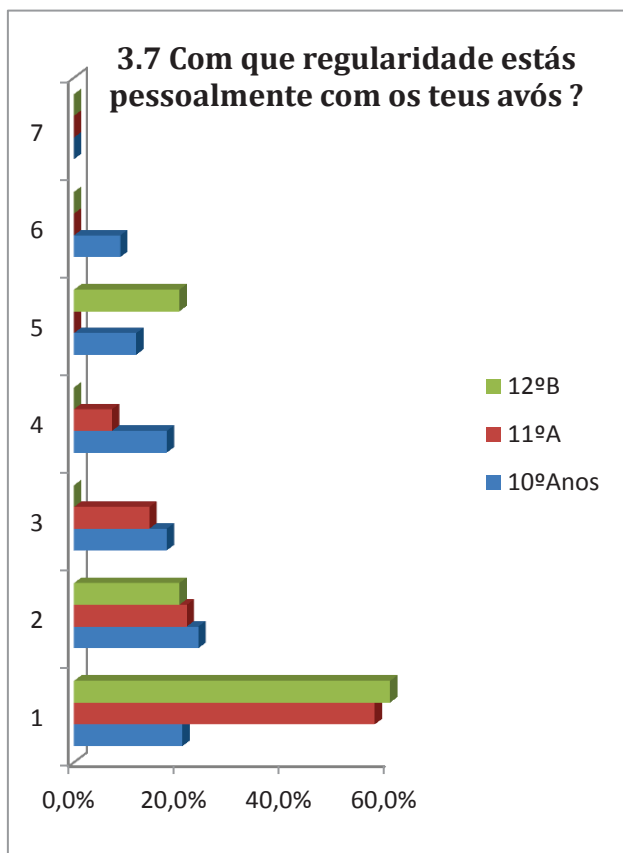
Gráfico 32: Proximidade residencial (Almeida)

Gráfico 33: Proximidade residencial (Vilar Formoso)



De seguida perguntou-se qual a proximidade residencial que os avós têm dos seus netos, que poderá vir a influenciar o tipo de relação intergeracional (avós/netos). Os alunos responderam a primeira opção, perto da localidade/mesma freguesia dos seus netos, e com menor percentagem, na freguesia perto da minha. A resposta “outra” que diz respeito aos avós maternos viverem fora do país, na mesma casa que a minha, os meus avós maternos vivem comigo e uns avós vivem longe e outros perto da minha localidade (gráficos 33 e 34).

**Gráfico 34: Pessoalmente com os avós (Almeida) Gráfico 35: Pessoalmente com os avós (Vilar Formoso)**



**Legenda:** 1-Nunca,2- Anualmente; 3-Pelo menos uma vez por mês; 4- Várias vezes por mês; 5-Pelo menos uma vez por semana; 6- Várias vezes por mês; 7- Todos os dias

Na questão 3.7 foi perguntado, a regularidade com que estão pessoalmente com os seus avós, em que responderam, todos os dias, várias vezes por semana e pelo menos uma vez por semana, sendo que as menos referidas: nunca, anualmente e pelo menos uma vez por mês (Vilar Formoso) e várias vezes por mês como observamos nos gráficos 34 e 35.

Gráfico 36: Meios de comunicação (Almeida)

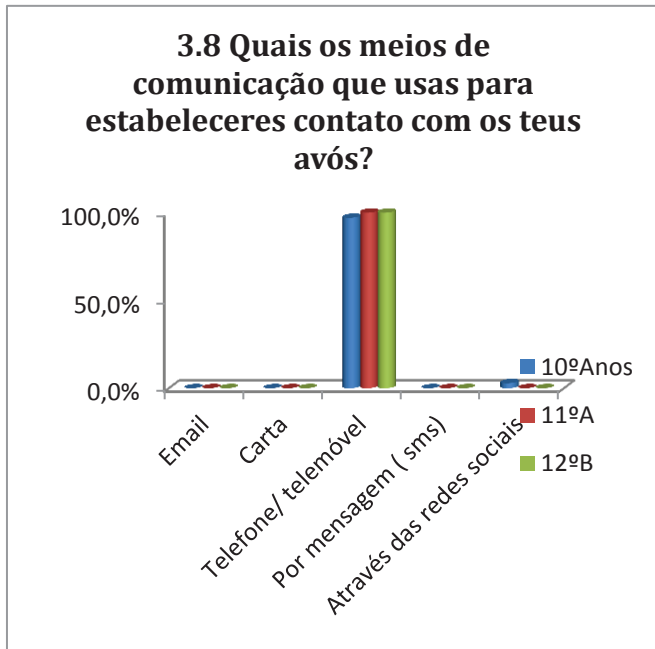
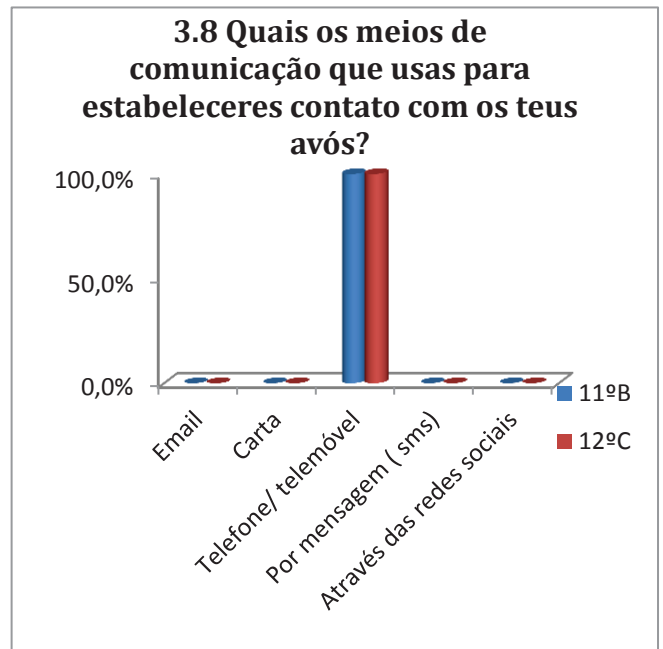
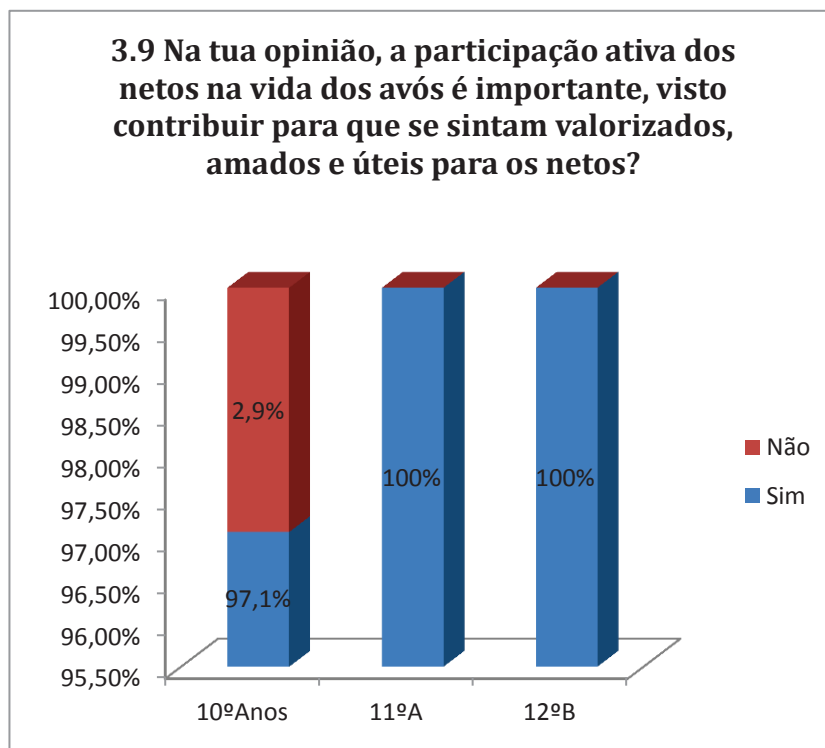


Gráfico 37: Meios de comunicação (Vilar Formoso)



Também se perguntou qual o meio de comunicação que os alunos usam para estabelecerem contacto com os seus avós, em que na maioria das duas escolas respondeu através do telefone/telemóvel, e em segundo lugar as redes sociais (2,9%) na escola de Almeida, em que as restantes não obtiveram nenhuma percentagem (gráficos 36 e 37).

Gráfico 38: Valorização dos avós (Almeida)



Na última pergunta deste grupo III, perguntou-se qual seria a opinião dos jovens relativamente à participação ativa dos netos na vida dos avós (gráfico 38), de modo a que estes se sintam amados, valorizados e úteis para os netos. A maioria dos alunos deu uma resposta positiva, demonstrando a importância dos netos na vida dos avós e vice-versa e 2,9 % nos 10<sup>º</sup>anos deram resposta negativa. Na escola de Vilar Formoso, todos os alunos das duas turmas do 11<sup>º</sup>B e 12<sup>º</sup>C (21 alunos) reponderam positivamente à questão, revelando que a participação ativa dos netos na vida dos avós, os ajuda a sentirem valorizados, amados e úteis para os seus netos.

Gráfico 39: Palavra “idoso” 10<sup>º</sup>A

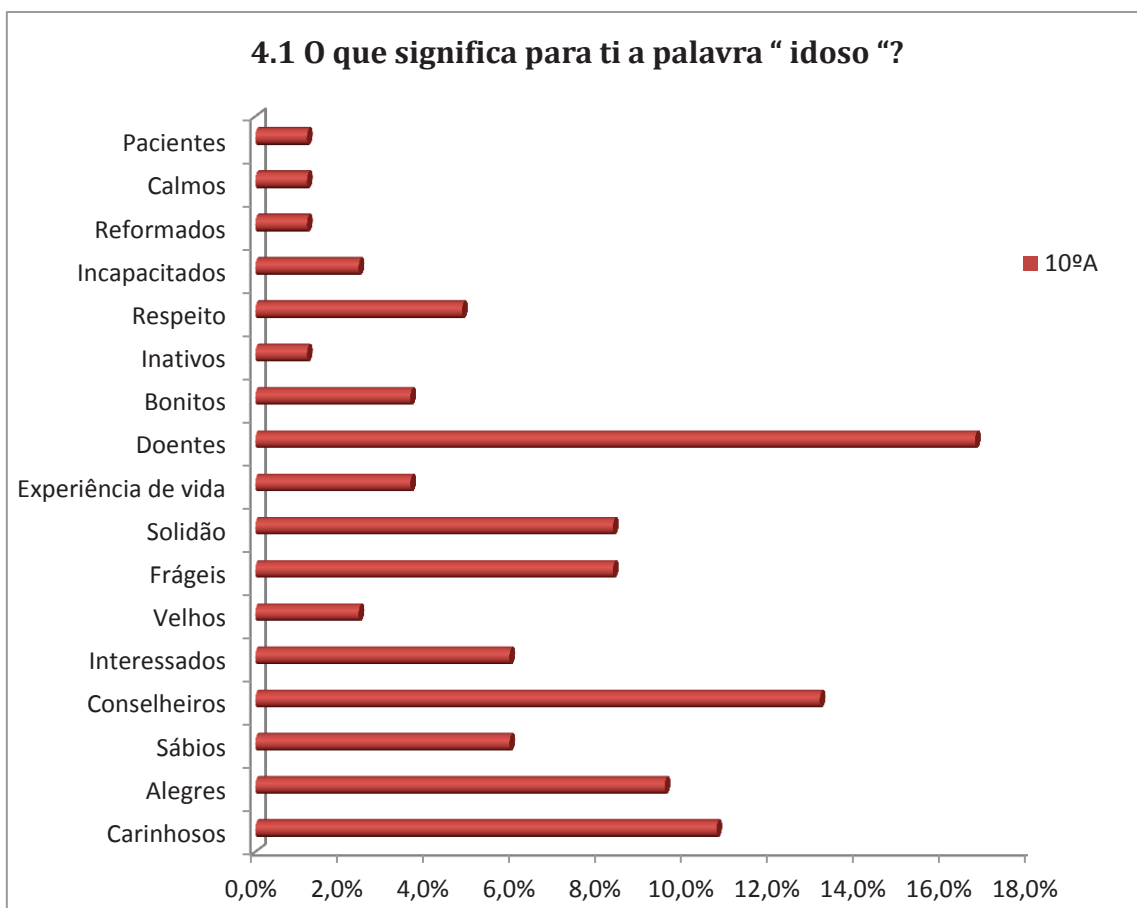


Gráfico 40: Palavra “idoso” 10ºB

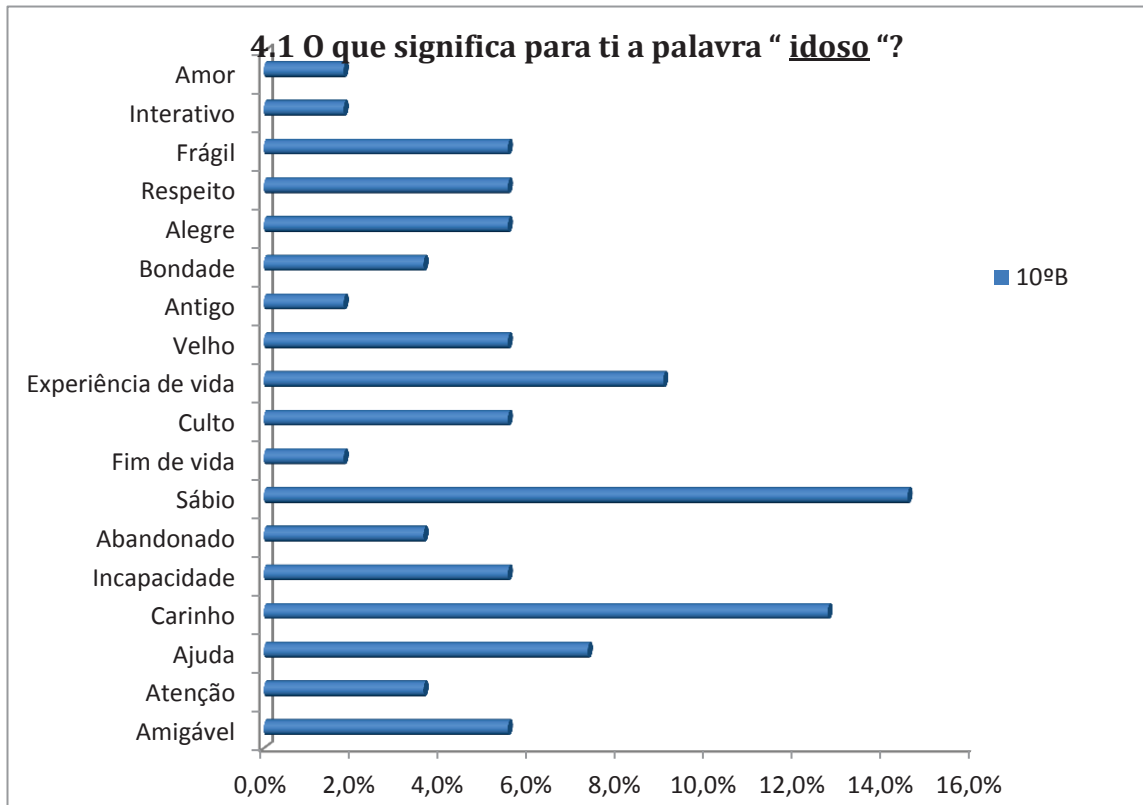


Gráfico 41: Palavra “idoso” 11ºA

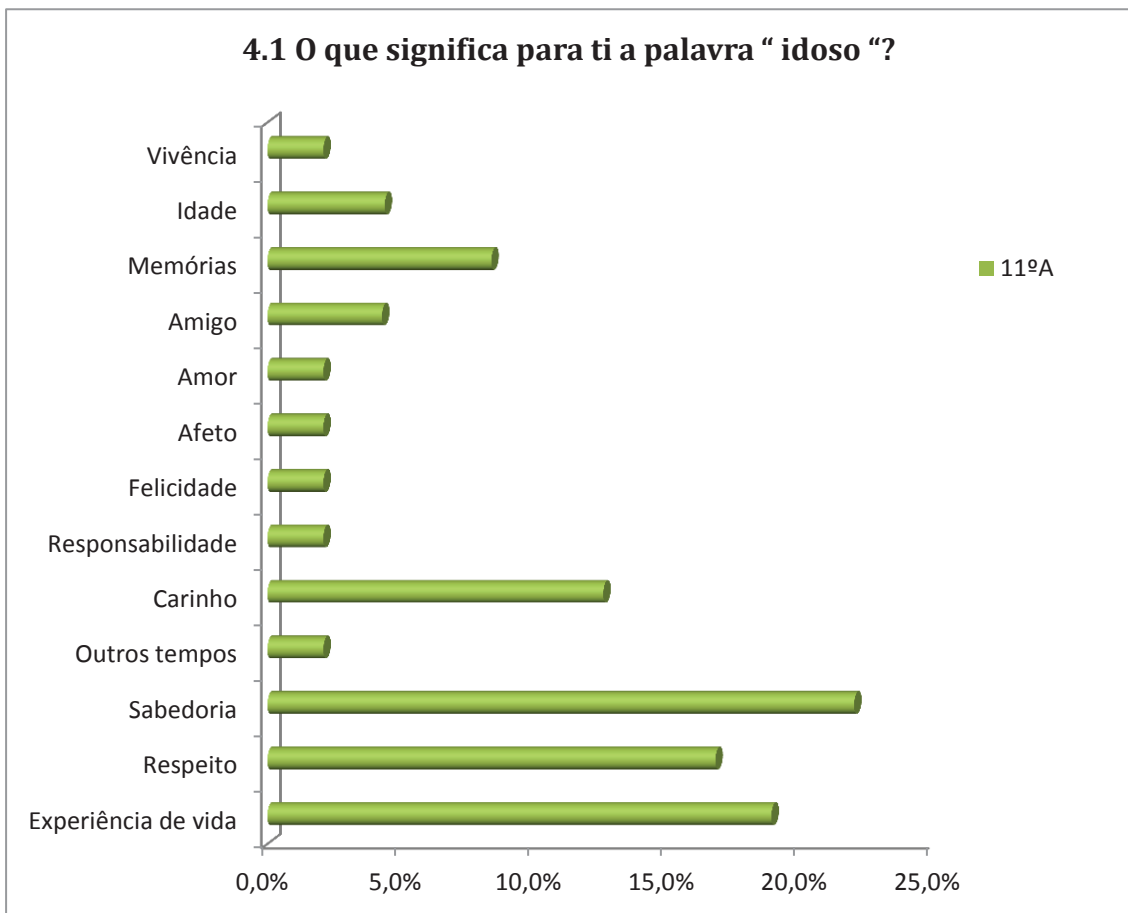


Gráfico 42: Palavra " idoso " 11ºB

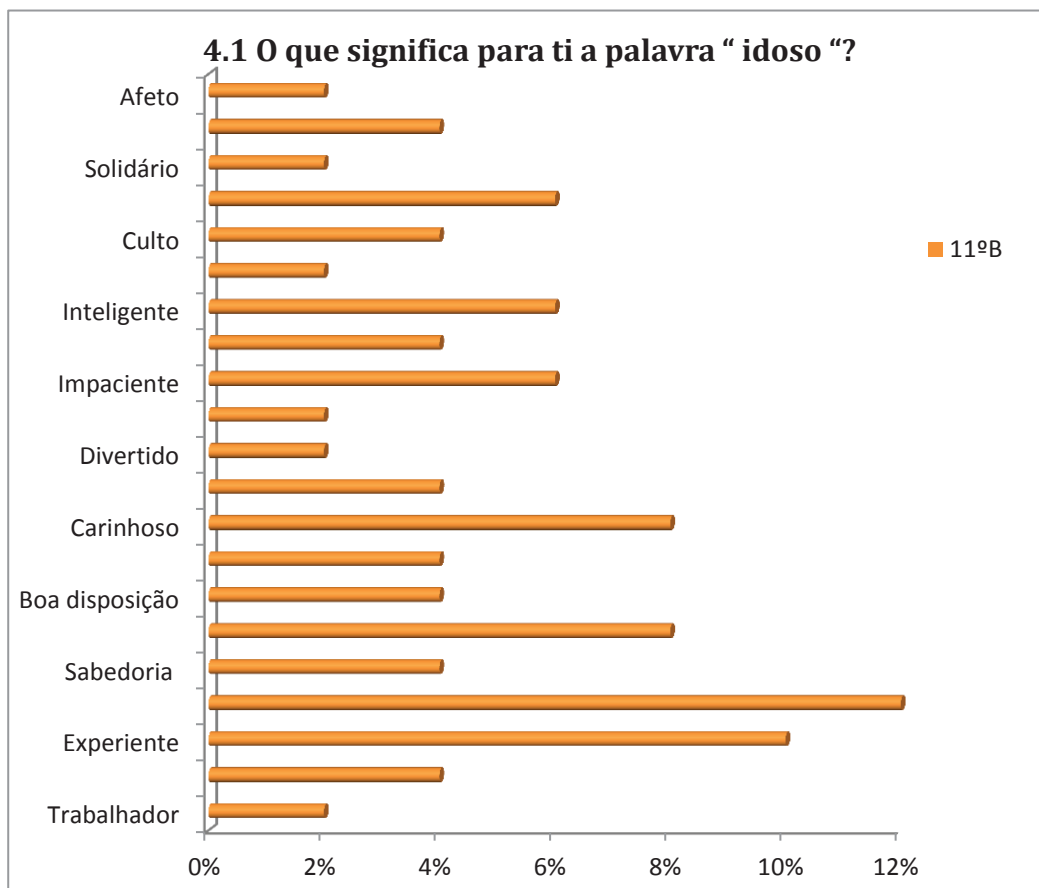


Gráfico 43: Palavra "idoso" 12ºB

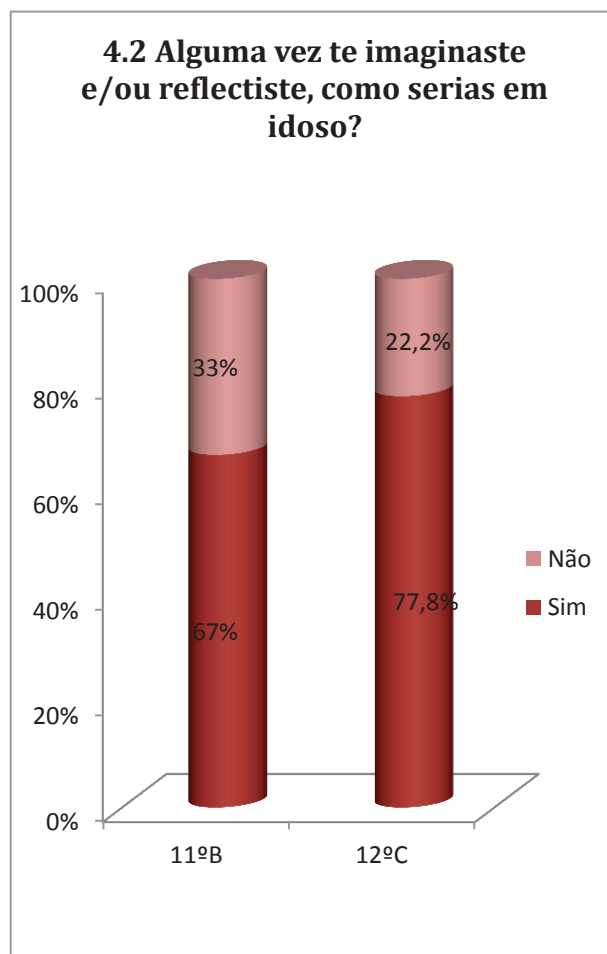
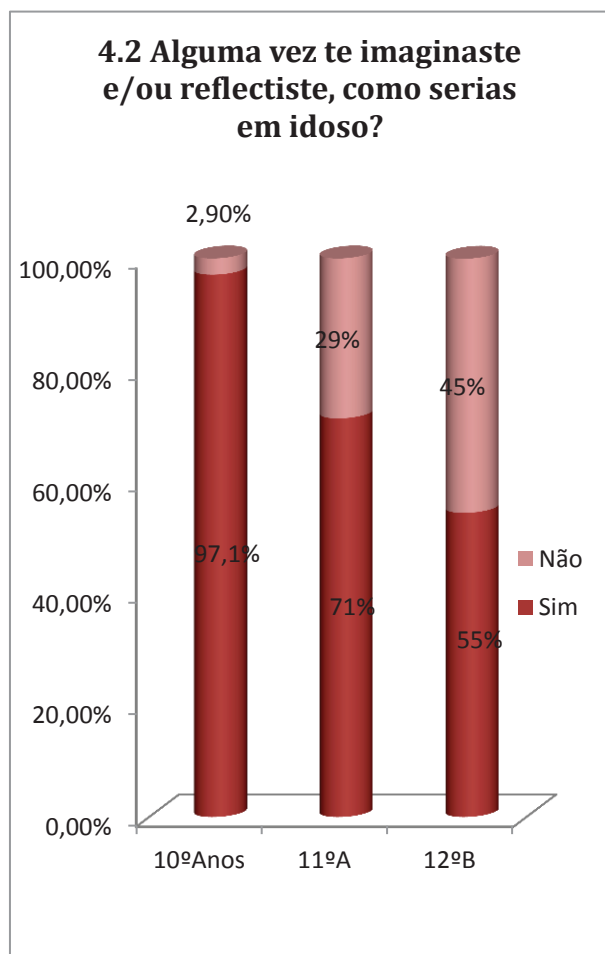


Gráfico 44: Palavra “idoso” 12°C



No grupo IV, a primeira questão colocada está relacionada com o significado da palavra “ idoso ” para os mais jovens, isto é, através de quatro palavras pedidas para caracterizar os idosos, pode-se observar assim o tipo de visão que os jovens têm sobre os mais velhos. No 10º A as palavras mais escolhidas: doentes, conselheiros, carinhosos e alegres, as menos escolhidas: pacientes, calmos, reformados e inactivos. No 10ºB as palavras foram sábios, carinho, experiencia e ajuda, as menos: amor, interactivo, antigo, fim de vida. No 11ºA foram: sabedoria, experiencia de vida, respeito e carinho, as menos: vivência, amor, afeto, felicidade, responsabilidade, e outros tempos. No 11ºB foram: sábio, experiente, carinho, fragilidade, e as menos: afeto, solidário, tempo, consciente, divertido e trabalhador. No 12ºB foram: sabedoria, experiencia, carinho, as menos escolhidas: solidário, sábio, respeito, humilde, desvalorizado. Por último no 12ºC foram: sabedoria, experiência de vida, culto, as menos: amigo, importante, paciente, velho, simpático, felicidade, trabalhou muito, falta de memória, respeito e tempo livre. (gráficos 39 ao 44).

**Gráfico 45: Imaginação em idoso (Almeida)**    **Gráfico 46: Imaginação em idoso (Vilar Formoso)**



A segunda questão deste grupo, procurou-se saber se os alunos alguma vez se imaginaram ou reflectiram como seriam em idosos, isto é, como pensam que seriam quando entrasse no processo de envelhecimento. No 10ºanos (97,1%), 11ªA (71%), 12ªB (55%) de Almeida, já se imaginaram em idoso, em Vilar Formoso, no 11ºB (67%, e no 12ºC (77,8%) também já se imaginaram (gráficos 45 e 46).

Gráfico 47: Como serás em idoso (Almeida)

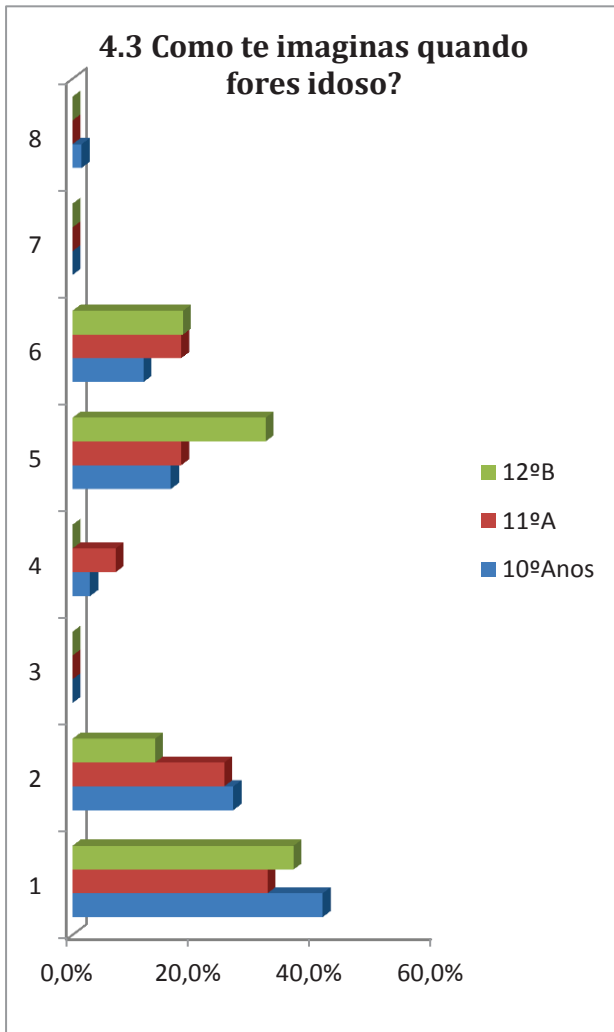
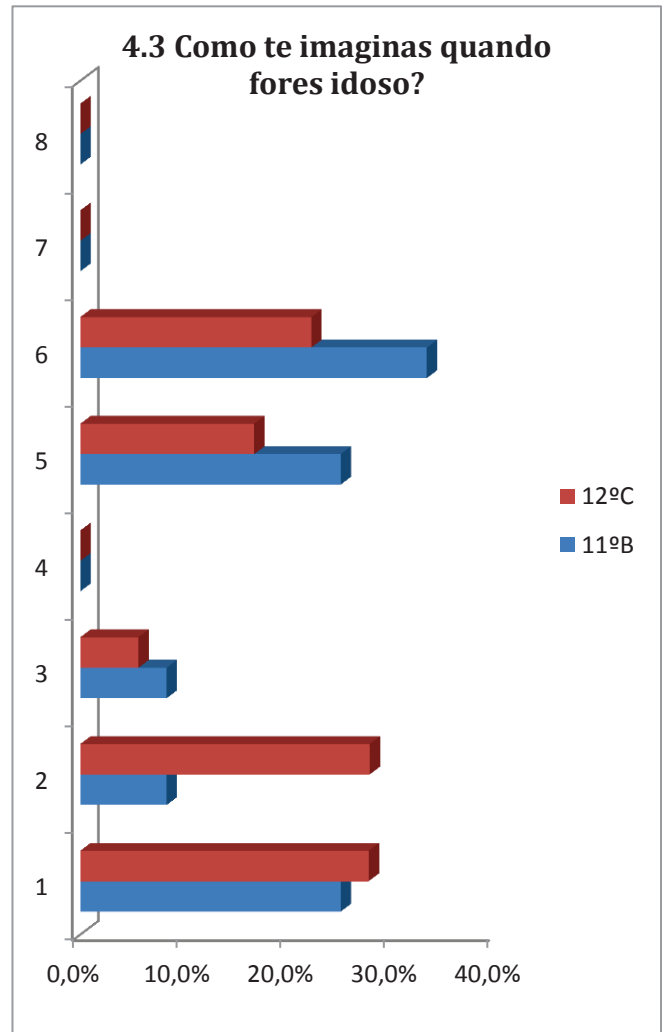


Gráfico 48: Como serás em idoso (Vilar Formoso)



**Legenda:** 1- Outra; 2- Frequentar universidades seniores; 3- Ajudar a família; 4- Solidário com os outros; 5- Rabugentos e mal-humorados; 6-Inativos; Participativo em atividades; 8- Ativo

Os educandos foram levados a se imaginarem na sua velhice, com o intuito de se perceber a imagem que eles próprios têm de si mesmos, e de como seriam em idosos, se vão referir uma velhice positiva (ex.: ativos, participativos, solidários, ajudar a família) ou uma velhice mais negativa. Através da observação dos gráficos (47 e 48) é possível verificar que na sua maioria os alunos responderam: ativos, ajudar a família e solidários com os outros, as menos: frequentar universidades seniores, inativos e rabugentas e mal-humorados. Os jovens através das suas respostas, verifica-se que imaginam a sua velhice de uma forma muito positiva

Gráfico 49: Medo e receio de ser idoso (Almeida)

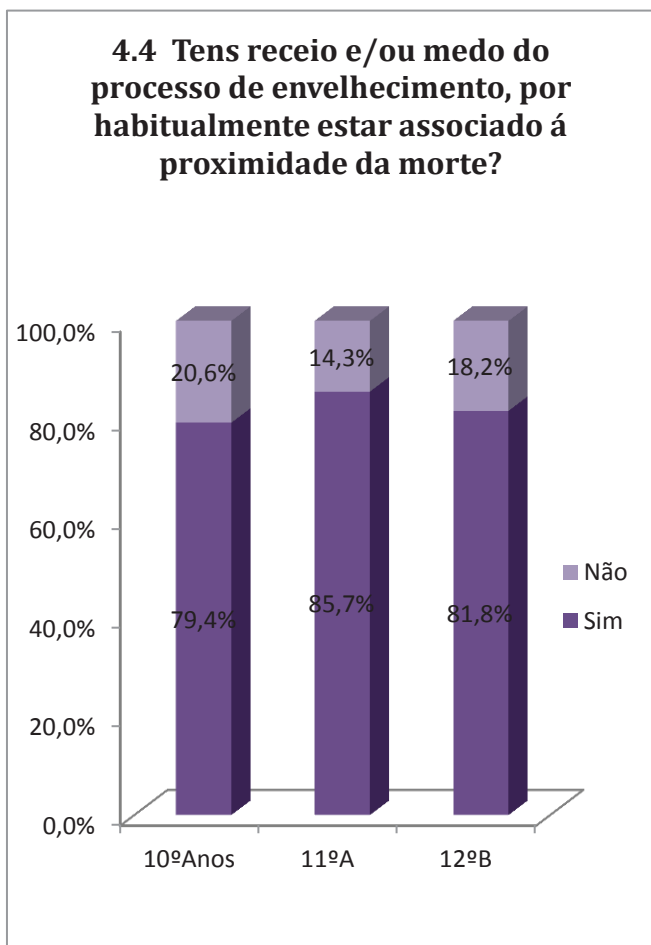
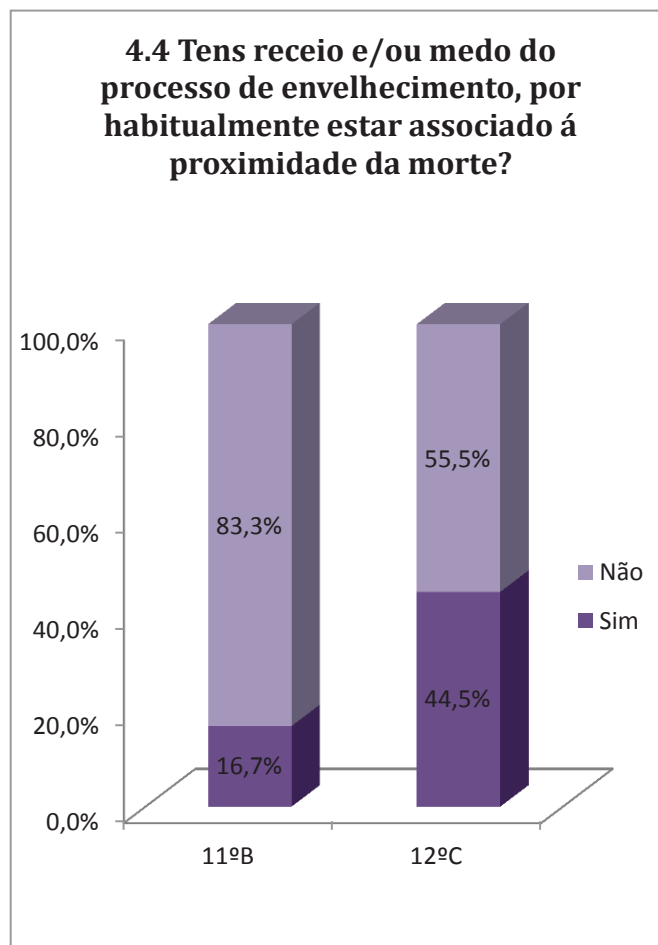


Gráfico 50: Medo e receio de ser idoso (Vilar Formoso)



A penúltima questão procurou-se saber se os jovens têm receio e/ ou medo do processo de envelhecimento, por habitualmente estar associado à proximidade da morte. Na sua maioria os alunos (79,4%; 85,7%; 81,8%) respondeu que têm medo e/ou receio do processo de envelhecimento, contudo no 11ºB (83,3%) e 12ºC (55,5%) não têm medo e/ou receio (gráficos 49 e 50).

Gráfico 51: Processo envelhecimento (Almeida)

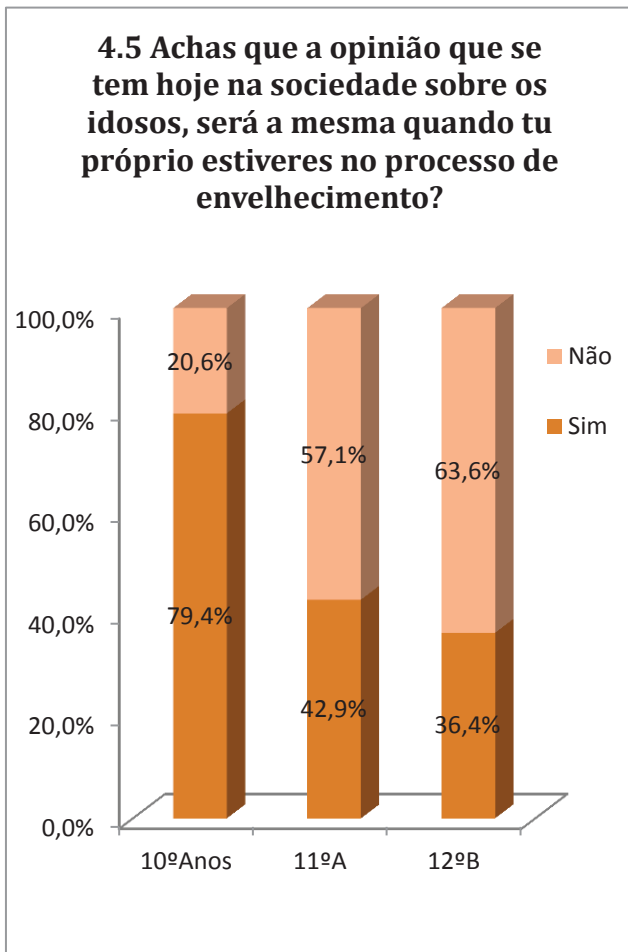
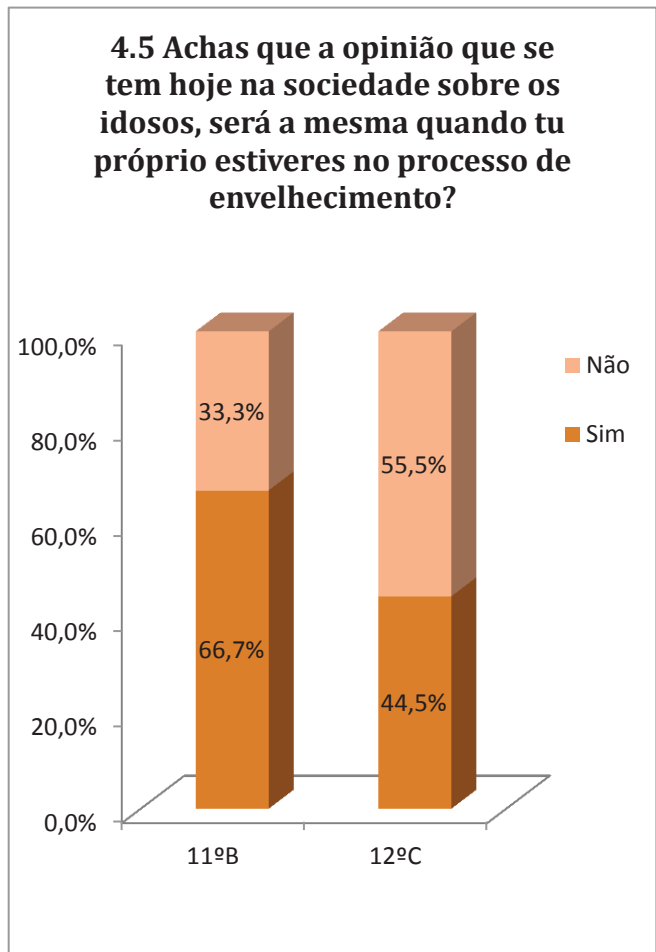


Gráfico 52: Processo envelhecimento (Vilar Formoso)



A última questão colocada no inquérito por questionário está relacionada com a visão e opinião que a sociedade terá no futuro sobre as pessoas mais velhas. Pretende-se saber se na opinião dos mais jovens, a sociedade continuará a ter uma perspectiva mais estereotipada e preconceituosa dos idosos, ou se será mais positiva. Os alunos dos 10ºAnos e 11ºB responderam que será a mesma opinião que a sociedade terá dos mais velhos no futuro, talvez seja mais positiva do que hoje em dia, contudo no 11ªA (57,1%), 12ºB (63,6%) e no 12ºC (55,5%) respondeu que a sociedade não manterá a mesma opinião sobre os idosos (gráficos 51 e 52).

## 5. Discussão dos Resultados

A aplicação dos inquéritos por questionário aos alunos do ensino secundário das duas escolas do Agrupamento de Almeida, permitiu chegar a conclusões pertinentes sobre as representações sociais dos jovens acerca da população idosa bem como a relação com os seus avós. Além destes pontos foi abordado no último grupo do questionário, a percepção que os jovens têm sobre o seu próprio envelhecimento.

Os resultados revelaram-se bastantes positivos face às representações sociais que os jovens têm sobre os idosos, bem como a relação com os seus avós é bastante positiva. Podemos, por isso, inferir que a visão que se tem da população idosa pode estar relacionada com o tipo de relação e de proximidade que têm com os avós. Quanto à visão que os jovens têm enquanto futuros idosos, a maioria refere que tem receio e/ou medo do processo de envelhecimento.

O inquérito por questionário começa por questionar os alunos do ensino secundário, a partir de que idade se considera uma pessoa idosa. Na escola de Almeida prevaleceu os 65 e mais anos de idade seguindo-se os 75 e mais anos de idade, enquanto na escola de Vilar Formoso referiram, os 65 e mais anos de idade e os 80 e mais anos de idade. A opção dos 55 e mais anos não foi escolhida por nenhuma das escolas. A Organização Mundial da Saúde (2002) define idoso a partir da idade cronológica, ou seja, uma pessoa idosa é aquela com 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento, e, com 65 anos ou mais nos países desenvolvidos, como é o caso de Portugal. É importante reconhecer que a idade cronológica, não é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento. Existem diferenças significativas relacionadas com o estado de saúde, participação e níveis de independência entre pessoas que possuem a mesma idade.

Um inquérito realizado em 28 países, mostrou que os noruegueses e os suecos consideram uma pessoa jovem até aos 34 anos e idosa a partir dos 62 anos, na Grécia e no Chipre uma pessoa é jovem até aos 51 anos, e idosa aos 67/68 anos de idade. Os portugueses aproximam-se do padrão norueguês e do sueco, em que a partir dos 65 anos de idade, a pessoa é considerada idosa. (Marques, 2011).

Portugal apresenta de acordo com os últimos censos de 2011, uma tendência de crescimento da população idosa e de envelhecimento da sociedade, que se evidencia há alguns anos, com uma percentagem da população com 65 e mais anos na ordem dos 19% (Leite, 2014).

No que diz respeito à identificação de uma pessoa idosa, as duas opções mais escolhidas pelos alunos de Almeida foi a idade/ aspecto físico e mobilidade, ainda em Vilar Formoso a opção idade/aspecto físico também foi escolhida seguindo-se as capacidades intelectuais. As opções menos escolhidas pelos alunos foi a

reforma, o que significará a existência de uma certa consideração aquando estão na presença de uma pessoa mais velha.

No que diz respeito às perdas mais significativas da velhice, na escola de Almeida identificaram como as principais perdas, as perdas físicas e intelectuais, e em Vilar Formoso as perdas físicas e económicas, que ocorrem com a entrada da velhice. Contudo a opção, perda de um papel ativo na sociedade registou uma percentagem significativa nas 6 turmas do agrupamento. O factor biológico é apontado pelos jovens, na construção da sua imagem do que acreditam ser velho, em que a doença ainda é vista como um dos problemas mais comuns, existindo assim a perda de várias funções, principalmente das funções físicas, intelectuais e motoras (Freitas & Ferreira, 2013).

Quanto ao significado que as pessoas idosas têm para estes jovens, as respostas foram muito positivas, em que, os alunos responderam que a população idosa significa carinho, portadoras de sabedoria e experiência e que são importantes, contudo os aspetos negativos tais como doentes e frágeis, inativas e carga familiar obtiveram uma pequena percentagem. De acordo com Ribeiro (2007, citado por Carneiro et al., 2012), existem algumas imagens da velhice e do envelhecimento identificadas em alguns estudos, designadamente na categoria de imagens positivas em que se inserem a amabilidade e amizade, serenidade, sabedoria, felicidade e sociabilidade, avós, guardiões das tradições familiares. Quanto às negativas são nomeadamente a solidão e tristeza, insegurança, doença, assexualidade, pobreza, dependência e incapacidade, aproximação da morte, homogeneidade, vítimas de crime, aspeto físico, aborrecido e antiquado, incapacidade de aprender e espirituais. Em estudos mais recentes, coexistem imagens positivas e neutras, que vão de encontro aos resultados aqui encontrados nas escolas onde realizámos esta pesquisa. Contudo, neste caso dos alunos do Agrupamento de Escolas de Almeida, a imagem positiva sobressai face às mais negativas, de notando-se uma mudança de atitude acerca do significado e representação que os idosos têm para os jovens.

Relativamente à questão sobre a perceção que a sociedade tem dos mais velhos, houve uma semelhança de resultados nas duas escolas do Agrupamento de Escolas de Almeida. As respostas que predominaram foram doentes e frágeis, peso/ fardo, sabedoria e experiência, e carga familiar. As menos escolhidas foram ajudar a economia do país, egoístas e rabugentos, e ativos na sociedade. Contudo na escola de Vilar Formoso as opções ajudam a economia do país e ativos na sociedade obtiveram 0 %.

Segundo Tukman & Lorge (2007, citados por Neves, 2012), em investigações antigas a imagem da velhice e do envelhecimento é predominantemente negativa.

Os idosos são vistos como conservadores, descuidados, pobres e deprimidos, e estas imagens são partilhadas por todas as faixas etárias / grupos sociais, sobretudo as mais adultas. Segundo a média de entrevistados na EU, cerca de 4%

pensa que os idosos constituem um “ fardo” para a sociedade, sendo que a resposta em Portugal situa-se nos 88%, facto que se deve ter em conta no que diz respeito à imagem que os idosos representam na sociedade portuguesa (Carneiro, Chau, Soares, Fialho e Sacadura,2012). Em termos sociais existe uma representação social que incorpora traços negativos, tais como a “incompetência”, “ doentes “, “coitados “, “ velhos “, “incapazes “, “esquecidos “, “ lentos “, “ sós” , entre outras.

De seguida perguntou-se se a relação entre os jovens e os idosos traz benefícios para ambas as gerações. Os alunos inquiridos responderam de forma positiva, concordando que traz benefícios. Na questão seguinte, quis-se saber se a relação entre os jovens e os idosos tem benefícios para ambas as gerações, isto porque a relação entre estas duas gerações nem sempre é muito fomentada e estimulada na sociedade. Verificou-se que, todos os alunos (100%) responderam que concordavam, que o convívio intergeracional trás benefícios para os jovens e os idosos. Todas as opções de escolha desta questão, dizem respeito a alguns dos benefícios que os programas intergeracionais trazem para estas duas gerações.

Numa sociedade onde a maior parte da população está envelhecida, importa averiguar se os jovens concordam com o convívio e o envolvimento com as pessoas mais velhas. Os jovens concordam com o convívio intergeracional, contudo 8,3% na turma 11<sup>º</sup>B da escola de Vilar Formoso respondeu não concordar envolver-se e conviver com os mais idosos. O conceito de solidariedade entre gerações aparece pela primeira vez nos anos 90, no Ano Internacional da Pessoa Idosa, onde se chamou a atenção para as relações intergeracionais, para a importância de uma sociedade para todas as idades, tendo em vista a preparação de desafios das décadas seguintes sobre o envelhecimento. O convívio intergeracional é visto como um aspeto importante, o que origina uma mudança no modo de pensar da sociedade como dos mais jovens

Sabe-se que os alunos consideram que a relação intergeracional traz benefícios para ambas as gerações, assim colocou-se a questão de se o contacto entre os jovens e os idosos poder reduzir o isolamento nos idosos. Todos alunos afirmaram que concorda que a relação intergeracional pode reduzir o risco de isolamento dos idosos. Permite que o idoso ultrapasse o isolamento e valorize a sua autoestima, através do contacto com os mais jovens.

Posteriormente perguntou-se, se na escola existia algum projeto e/ou atividade que envolvesse a população mais idosa, tendo-se verificado a inexistência de qualquer tipo de projeto e/ ou atividade intergeracional. De seguida perguntou-se aos jovens se gostariam de desenvolver algum tipo de atividade, pedindo-lhes para enumerar duas atividades que gostassem de desenvolver com os mais idosos ou com os avós dentro ou fora do contexto escolar. No 11<sup>º</sup>B, 66,7% respondeu que não gostaria de desenvolver atividades com idosos, tal como nos 10<sup>º</sup>anos (29,4 %) e 12<sup>º</sup>B (2,9%) manifestaram não ter

interesse em desenvolver atividades com idosos, contudo os alunos do 11<sup>º</sup>A (Almeida) e 12<sup>º</sup>C (Vilar Formoso) todos os alunos disseram que gostariam de desenvolver este tipo de atividades (gráficos 15 e 16).

Posto isto, os alunos enumeraram duas atividades que gostavam de vir a desenvolver com os idosos na sua escola ou fora do contexto escolar. As respostas foram variadas e idênticas ao mesmo tempo em cada turma, assim as atividades mais referidas em Almeida: troca de experiências, contador de histórias, jogos didáticos e tradicionais, passeio e jardinagem, em Almeida: visitas a lares, convívio, contador de histórias e jogos didáticos e tradicionais. As menos referidas: o teatro, cantigas / cantar com idosos, ajudar nas AVD'S e conhecer melhor a geração mais jovem, aprendizagem de jogos antigos, experiências didáticas.

O estudo de Palmeirão & Menezes (2009:28), chama-nos a atenção para a importância da educação intergeracional e para necessidade de se continuar a desenvolver programas intergeracionais nas escolas, visto que a “imagem cognitiva, afetiva e comportamental é significativamente alterada” (Middlecamp e Gross, 2002, citados por Palmeirão & Menezes sd:28). Marx, Pannell, Parpura-Gill e Cohen-Mansfiel, 2004), referidos pelas mesmas autoras, defendem que esta relação entre gerações contribui para diminuir o risco de insucesso escolar. Num trabalho datado de 2004, Dorfman, Murty, Ingram, Evans e Power (2004, citados por Palmeirão & Menezes, 2009), no âmbito do programa "Association for Gerontology in Higher Education", referem que qualquer que seja o nível escolar, a educação intergeracional provoca uma mudança de atitudes sobre a velhice e o envelhecimento.

As atividades a propôr têm como objetivo a aproximação e o convívio intergeracional entre os jovens e os idosos, pelo que à partida as atividades mais referidas pelos alunos serão bem-sucedidas. A promoção da percepção positiva acerca do envelhecimento é feita através, dos designados programas intergeracionais, criados para propiciar uma relação entre gerações. Estes programas englobam atividades interactivas, que fornecem uma boa estrutura para entender como as diversas gerações podem representar um papel importante, no sentido de mudar o comportamento compartilhado (Lima, 2007).

A educação intergeracional além de estar inserida nos programas intergeracionais, é usada como um método pedagógico, em contextos e espaços que reúnam diferentes gerações, como por exemplo aulas cada vez mais multigeracionais. (Boas et al., 2016).

Assim o primeiro e segundo objetivos específicos do estudo foram comprovados principalmente através das questões 2.3, 2.5 e 2.8 do grupo II, como também será avaliado através da questão 4.1 do último grupo do questionário, onde se pede para os alunos definirem o significado da palavra idoso (**Anexo I**). Os estereótipos e preconceitos que os jovens têm sobre a

população idosa revelaram-se muito positivos e satisfatórios, ao contrário do que alguma literatura faz referência em alguns casos.

Noutro tema abordado, a relação com os seus avós no grupo III, é de igual modo importante averiguar se os alunos têm uma boa relação com avós, de modo a perceber se a boa relação poderá estar relacionada com a visão positiva que têm sobre os idosos, que é um dos objetivos específicos do estudo.

Primeiramente, apurou-se saber quantos alunos atualmente tinham os seus avós vivos, em que aqueles que não tinham nenhum vivo passariam diretamente para o grupo IV. No total dos 80 alunos apenas dois não tinham nenhum dos avós vivos. Em Almeida a maioria os alunos tem todos os avós vivos, seguido de um e dois avós e os três, com uma menor percentagem, em Vilar Formoso sobressaiu os dois avós vivos, seguindo-se todos e um, e os três obteve menor percentagem.

Antes da análise das questões deste grupo, importa salientar as representações sociais dos dois alunos, que não têm nenhum dos avós vivos, de modo a entender qual a sua visão sobre a população mais idosa.

No que diz respeito ao significado das pessoas idosas, as respostas revelam-se muito positivas (carinhosas, portadoras de sabedoria e experiência de vida, e importantes). Nas questões 2.7, 2.8, 2.10 e 2.12 as respostas foram positivas, em que revela a existência do interesse por partes dos jovens, no envolvimento e convívio com a população mais idosa, perante isto na questão 4.1 vem confirmar a visão com quase nenhum tipo preconceito sobre os idosos.

A visão da sua própria velhice, revela que os jovens já se imaginaram como seriam em idosos, em que se veem como ativos, participativos e ajudar a família, ainda referiram terem medo e/ ou receio do seu processo de envelhecimento, como também dizem que a opinião e visão da sociedade sobre os idosos será a mesma de hoje no futuro. Assim não foram encontradas qualquer tipo de diferenças, no que concerne às representações sociais dos jovens que não têm nenhum dos avós vivos e daqueles que ainda os têm vivos.

No que diz respeito ao tipo de relação com os avós, as respostas foram muito positivas, em que a classificaram a relação como muito boa e boa, sobressaindo uma ligação mais forte aos avós paternos. Existem vários factores que influenciam as relações entre avós e netos, por exemplo a distância, sendo que os avós que vivem mais perto visitam os netos com mais frequência (Dias & Silva, 2003).

Num outro estudo realizado por Hartshorne & Manaster (1982, citados por António, 2010), entrevistaram 178 adolescentes sobre o tipo de relações que tinham com os avós, verificou-se neste estudo, que as avós maternas eram vistas como as mais importantes de todos os avós. Mais de metade dos inquiridos adolescentes revelou que os avós são importantes e que os apreciam. Num outro estudo feito por Matthews e Sprey (1985, citados por António, 2010), para

acrescentar ao estudo anterior, foram questionados 132 jovens adolescentes acerca da relação com cada um dos avós, verificou-se que as relações são influenciadas pela proximidade física e pela relação que os pais estabelecem com os seus progenitores. Contudo neste estudo não se verifica essa ligação mais forte aos avós maternos, mas aos paternos.

Os dados obtidos nas questões 2.3, 2.5 e 2.7 estão relacionados com a relação que os jovens mantêm com os seus avós abordada na questão 3.2. A atitude dos jovens quando vêem uma pessoa idosa é de respeito, o significado que os avós têm os jovens é de carinho, considerando que são portadores de sabedoria e experiência e importantes, e, ainda, o facto de concordarem com o contacto e envolvimento com os as pessoas idosas demonstra a influência que o tipo de relação que têm com os seus avós, influencia a visão que têm sobre os idosos.

Relativamente às crenças dos adolescentes sobre os idosos, ao contrário do observado em diferentes estudos consultados na parte teórica, os resultados não parecem vincular crenças negativas sobre os idosos. As dimensões positivas sobre os idosos, estão associadas às dimensões positivas das relações netos-avós, o que sugere existir melhor relação com os avós, e ainda estão associadas a crenças mais positivas relativamente aos mais velhos.

No estudo de Kite & Johnson (1988, citado por Reis,2015), analisaram as relações entre avós-netos, em particular os efeitos do contato em relação ao preconceito para com os idosos. O contacto com os avós influencia as atitudes para com os idosos. As pessoas que desenvolvem relações entre avós-netos mais positivas, tendem a ter atitudes mais positivas para com os idosos. Esta associação é moderada pelo relevo do grupo, ou seja, à medida que os jovens têm mais idade, o contacto com os avós irá generalizar mais depressa as atitudes dos netos para com os idosos. A maioria dos jovens neste estudo de Kite e Johnson (1988) apresenta um contato intergeracional muito baixo com a população idosa.

Com o intuito de averiguar se alguma vez já viveram ou vivem com os avós, as respostas que predominaram nas duas escolas: “nunca vivi com os meus seus avós” e “vivi durante as férias e quando era pequeno”. Poucos alunos revelaram viver com os seus avós Na opção “outra”, alguns alunos referiu já ter vivido com a avó materna até ela falecer, passar alguns fins-de-semana, viveu com a avó materna quando a mãe esteve internada, viveu durante dois meses com os avós maternos, desde os oito anos de idade que os avós paternos vivem com o jovem, e por último, os avós maternos vivem com o jovem na sua própria casa. A boa relação e o convívio intergeracional com os avós estão expressas, no facto de a maioria já ter vivido com os avós quando eram pequenos ou pelo simples facto de viverem com eles durante as férias escolares bem como a inclusão de outras situações muito positivas.

Neste seguimento quis-se saber em que tipo de situações costumam conviver com os avós, que logo à partida demonstra o tipo de relação que mantêm com eles.

As visitas de fim-de-semana, festividades natalícias foram as situações mais referidas, e as menos referidas são em situações de doença, e nunca estou com os meus avós. Na maioria das escolas responderam que os avós vivem na sua própria casa, na mesma rua que o aluno e numa ERPI, e , com menor percentagem, “na minha residência”, o que demonstra a forma autónoma e independente dos seus avós. Houve duas situações que referiram que um dos seus avós maternos vive em casa de um filho (tios).

O facto de os avós habitarem nas suas próprias residências é sinónimo de independência para as suas atividades, e que ainda possuem boas capacidades a nível físico e psicológico. De seguida perguntou-se qual a proximidade residencial que os avós têm dos seus netos, que poderá vir a influenciar o tipo de relação intergeracional (avós/netos). Os alunos responderam a primeira opção, perto da localidade/mesma freguesia dos seus netos, e com menor percentagem, na freguesia perto da minha e longe da minha localidade/ residência. A resposta “outra” que diz respeito aos avós maternos viverem fora do país, na mesma casa que o aluno, os meus avós maternos vivem comigo e uns avós vivem longe e outros perto da minha localidade Neste estudo as relações entre avós e netos diferenciam-se de acordo com a proximidade. (Oliveira & Pinho, 2015). Tal como já foi referido existem vários factores que influenciam as relações entre avós e netos, por exemplo a distância, sendo que os avós que vivem mais perto visitam os netos com mais frequência (Dias & Silva, 2003), e neste estudo como se poderá observar mais à frente a maioria dos avós vive perto do local de residência dos seus netos.

A proximidade de residência dos avós e o facto de ainda residirem nas suas próprias habitações, é um factor a ter-se em conta para o tipo de relação que estabelecem com os netos. Esta proximidade promove um maior contato e convívio intergeracional com os avós. Promove o contato pessoal com maior frequência com os avós, pelo que na questão seguinte perguntou-se com que frequência estás pessoalmente com os avós, todos os dias, várias vezes por semana e pelo menos uma vez por semana, sendo que as menos referidas: nunca, anualmente e pelo menos uma vez por mês (Vilar Formoso) e várias vezes por mês.

No que se refere ao tipo de meio de comunicação que usam para estabelecer contato com os avós os alunos na totalidade, ou quase, referiram o telefone/ telemóvel e, na escola de Almeida as redes sociais (2,9%). Os alunos concordam com a participação ativa dos netos na vida dos avós, que contribuí para que se sintam valorizados, amados e úteis, contudo 2,9 % nos 10ºanos deram resposta negativa. Na escola de Vilar Formoso, todos os alunos das duas turmas do 11ºB e 12ºC ( 21 alunos) reponderam positivamente à questão, revelando que a participação ativa dos netos na vida dos avós, os ajuda a sentirem valorizados, amados e úteis para os seus netos.

A literatura tem destacado o duplo contributo dos avós no desenvolvimento dos netos: direto, enquanto parceiros interativos, prestadores de cuidados primários, companheiros confidentes, prestadores de apoio emocional, transmissores do legado familiar e nacional, e fornecedores de estimulação cognitiva e afetiva; e indireto, enquanto fontes de apoio social e material aos pais (Reis,2015).

Os netos são muito importantes para os avós, tal como os avós são para os netos. Alguns dos avós que foram entrevistados no estudo de Sequeira (2014), cuidam dos netos a tempo inteiro ou quando necessário, e desempenham atividades em conjunto. Os avós consideram que os netos são importantes para se manterem ativos e vivos, aqui se denota a importância do papel dos netos nas vidas dos avós. (Sequeira,2014)

Assim o terceiro objetivo proposto do presente estudo está explícito, no que diz respeito ao analisar as relações dos estudantes com os seus avós e o modo como esta relação pode influenciar a percepção sobre os idosos, foi verificado através das questões 3.2, 3.3, 3.6 e 3.9.

O último objetivo proposto tem como intuito conhecer e compreender a visão que os estudantes têm do seu próprio envelhecimento, de modo a entender como os jovens de hoje em dia projectam o seu envelhecimento e a entrada na velhice. A primeira questão colocada teve como intuito conhecer qual o significado da palavra “ idoso”, que dá assim a visão de como os jovens vêem os idosos de hoje, como também nos permite analisar que tipos de representação social associam à população idosa.

A questão está relacionada com as representações sociais dos jovens acerca da população idosa, mas por opção da mestranda foi inserida no grupo IV sobre o processo do próprio envelhecimento dos jovens. A decisão de colocar esta questão neste grupo, prende-se com o facto de averiguar o modo como os jovens descrevem a palavra “idoso” nos diz muito como eles próprios se projectam como futuros idosos na sociedade. Aqui neste ponto pode colocar-se a hipótese de estar inserida em algumas respostas, as representações que vigoram na sociedade sobre a população idosa, visto que alguns autores fazem referência a este facto, que a sociedade passa aos mais jovens as atitudes preconceituosas e estereotipadas. A imagem que os jovens fazem dos idosos está vinculada à identidade estipulada socialmente, em que o idoso é percebido pelas suas características gerais e coletivas, nas quais a maior parte delas são negativas, não são vistos como indivíduos únicos e possuidores de oportunidades e conhecimento.

Os jovens através das suas respostas demonstraram existir poucos preconceitos negativos ao referir quatro palavras que caracterizem o idoso, no 10º A as palavras mais escolhidas: doentes, conselheiros, carinhosos e alegres; as menos escolhidas: pacientes, calmos, reformados e inactivos. No 10ºB as palavras

foram sábios, carinho, experiencia e ajuda; as menos: amor, interactivo, antigo, fim de vida. No 11<sup>º</sup>A foram: sabedoria, experiencia de vida, respeito e carinho; as menos: vivência, amor, afeto, felicidade, responsabilidade, e outros tempos. No 11<sup>º</sup>B foram: sábio, experiente, carinho, fragilidade; e as menos: afeto, solidário, tempo, consciente, divertido e trabalhador. No 12<sup>º</sup>B foram: sabedoria, experiencia, carinho; as menos escolhidas: solidário, sábio, respeito, humilde, desvalorizado. Por último no 12<sup>º</sup>C foram: sabedoria, experiência de vida, culto, as menos: amigo, importante, paciente, velho, simpático, felicidade, trabalhou muito, falta de memória, respeito e tempo livre.

Contudo, as palavras como fim de vida, inactivos, antigo, desvalorizado, velho, falta de memória foram as palavras menos proferidas e estão associadas a imagens negativas sobre a velhice, mas apesar disso a maioria das palavras proferidas no seu global são muito positivas, o que demonstra uma mudança de visão sobre a população mais velha, e o caminho da valorização e integração do idoso na sociedade.

Os idosos são vistos como pessoas “experientes e sábios”, características encontradas em duas pesquisas de Martinez (2007, Oliveira, 2009 citados por Caldas & Thomaz, 2010). Mas apesar de quase todos os jovens atribuírem esses dois aspectos positivos à velhice, defendem que é possível ser feliz nesta etapa da vida, a imagem que eles têm do idoso é marcada principalmente por aspectos negativos, como os preconceitos, a desvalorização social, os maus tratos, as limitações biológicas e as diferenças culturais. Este facto fica evidente quando os próprios jovens imaginam a sua própria velhice, e se deparam com um misto de sentimentos como de desconforto, dificuldades de se verem em tal situação, mistério e tristeza (Caldas & Thomaz, 2010).

A imagem do idoso era de alguém que tinha muito a contribuir, ocupava um lugar de respeito na sociedade e na família, possuidor de histórias, transmissor de memórias e lembranças, porém esta imagem modificou-se ao longo do tempo (Caldas & Tomaz, 2010).

De seguida foram questionados sobre a hipótese de alguma vez terem reflectido ou imaginado de como seriam em idoso, em que no 10<sup>º</sup>anos (97,1%), 11<sup>º</sup>A (71%), 12<sup>ª</sup>B (55%) de Almeida, já se imaginaram em idoso, assim como em Vilar Formoso, no 11<sup>º</sup>B (67%) e no 12<sup>º</sup>C (77,8%) também já se imaginaram como idosos. Esta questão demonstra a preocupação dos jovens relativamente à sua velhice, pois o facto de já se terem imaginado ou reflectido vem confirmar a sua preocupação e ansiedade pela sua própria velhice.

No seguimento da questão anterior, perguntou-se como se imaginavam em idoso, em que é possível verificar que os alunos responderam: ativos, ajudar a família e solidários com os outros; as menos escolhidas: frequentar universidades seniores, inactivos e rabugentos e mal-humorados. Este facto evidencia que quando os jovens imaginam a sua própria velhice, e se deparam com um misto de

sentimentos como de desconforto, dificuldades de se verem em tal situação, mistério e tristeza (Caldas & Thomaz, 2010).

Posteriormente abordou-se na questão o receio e/ou medo do processo de envelhecimento, isto porque, este processo é a última etapa do ciclo vital do ser humano e está próximo da morte e do surgimento de algumas doenças e perdas. Na sua maioria (79,4%; 85,7%; 81,8%) os alunos responderam que têm medo e/ou receio do processo de envelhecimento, contudo no 11ºB (83,3%) e 12ºC (55,5%) não têm medo e/ou receio

Na última questão, questionou-se os alunos sobre a opinião que hoje a sociedade tem sobre os mais velhos, se seria a mesma quando eles próprios fossem idosos, aqui as respostas dividiram-se. Na opinião dos alunos, a visão que a sociedade terá sobre os idosos não será a mesma, que dos 10ºAnos e 11ºB responderam que será a mesma opinião que a sociedade terá dos mais velhos no futuro, enquanto que no 11ºA (57,1%), 12ºB (63,6%) e no 12ºC (55,5%) consideram que talvez seja mais positiva do que hoje em dia.

Segundo Tukman & Lorge (2007, citados por Neves, 2012), referem que em investigações antigas a imagem da velhice e do envelhecimento é predominantemente negativa, os idosos são vistos como conservadores, descuidados, pobres e deprimidos, e estas imagens são partilhadas por todas as faixas etárias / grupos sociais. Pelo contrário, em estudos recentes, coexistem imagens positivas, negativas e neutras, denotando-se alguma inconsistência e variabilidade nos resultados. Assim o último objetivo foi concretizado, ao se entender qual a visão que os jovens têm do seu processo de envelhecimento, que se revela bastante positivo.

Como referimos, o perfil global dos alunos do agrupamento de escolas de Almeida, constituído por 91 alunos no total, dos quais apenas 80 participaram neste estudo, caracteriza-se por uma média de idade varia entre os 15 e 18 anos de idade. A representação social que os jovens têm acerca da população idosa, revelou-se bastante positiva, o que demonstra uma atitude menos preconceituosa e estereotipada dos mais jovens face aos idosos. Esta mudança tem de imperar na população mais jovem, para que no futuro estas atitudes negativas sejam minimizadas da sociedade.

No que diz respeito à relação com os seus avós, a relação é muito próxima e bastante positiva, pelo que poderá ter influência no tipo de visão sobre a população idosa, por último os jovens sobre a percepção enquanto futuros idosos releva uma atitude bastante ativa e positiva, e uma preocupação ao já se terem imaginado ou ter medo e receio do processo de envelhecimento.

### III. Projeto de Intervenção

O conceito de intergeracionalidade significa falar em espaços de diálogo, e troca de experiências entre as gerações, que favorece o enriquecimento mútuo para ambas as partes. A família é o local primordial das trocas intergeracionais, onde as gerações se encontram e interagem de forma intensa (Rodrigues, 2012).

Uma das formas de promover uma perceção positiva sobre a velhice e o envelhecimento são os designados Programas Intergeracionais, criados para proporcionar uma relação entre os jovens e os idosos. Esta relação pode alterar a visão mais negativa e preconceituosa que os jovens possam ter sobre os mais velhos.

Estes programas têm como objetivo principal, a construção de uma ponte entre idosos e jovens, que inclui atividades para estimular a interação entre os dois grupos etários. A ideia é que os jovens possam contribuir para melhorar a qualidade de vida dos mais idosos. Muitos são os estudos que demonstram que os programas intergeracionais contribuem para um envelhecimento mais bem-sucedido (Rodrigues, 2012).

Deste ponto de vista seria primordial iniciar a intervenção junto da comunidade escolar, mais propriamente junto da direção, dos professores e assistentes operacionais, visto que os jovens defendem que deve ser abordado o processo de envelhecimento e a velhice no contexto escolar. Na verdade, vem explícito nos inquéritos por questionário que foram aplicados, a inexistência de atividades intergeracionais nas duas escolas. Assim, posso afirmar que as escolas alvo do estudo, não incentivam e/ou promovem atividades onde os idosos participem juntos dos jovens do ensino secundário.

As atividades promovidas entre os jovens e os idosos, teria como principal finalidade desmistificar alguns estereótipos e preconceitos que persistem relativamente às pessoas mais idosas, mudar algumas atitudes menos positivas perante os mais velhos, e incentivar os alunos ao contacto com os idosos, mostrando-lhes os benefícios e as oportunidades ao manterem contacto com realidades diferentes das quais não estão habituados.

Apenas alguns dos programas e estudos consultados, fazem referência a algumas visitas de alunos mais novos, sobretudo do ensino básico ou do jardim-de-infância a lares de idosos, poucos são os estudos que referem que são os idosos a deslocarem-se às escolas para realizarem algumas atividades com os mais jovens.

É fundamental que haja a tal solidariedade entre gerações, de modo a que os estereótipos, mitos, imagens e preconceitos existentes sejam quebrados e haja espaço para uma nova visão sobre esta população que embora envelhecida, é

muito enriquecedora e, já deu o seu contributo e continua a dar para a economia do país. Neste sentido existe uma emergência que justifica a necessidade de educar para uma fase da vida que está a sofrer profundas mudanças, para as quais nós temos de preparar e saber aproveitar da melhor maneira (Andrade, 2002 citada por Rodrigues, 2012).

Segundo Yeo (2007:20) existem oito princípios básicos das práticas intergeracionais, designadamente os benefícios mútuos e recíprocos, participativos (envolvimento dos participantes no projeto), baseadas em mais-valias (ajudar as gerações a descobrir novas forças), bem planeadas (o princípio de um bom programa é o planeamento, para o seu sucesso), fundada em bases culturais (diversidade e riqueza cultural), reforçam laços na comunidade e promovem uma cidadania ativa (ligação das pessoas através de laços entre elas), desafiam a gerontologia (encontro entre as gerações, de modo a evitar as atitudes preconceituosas existentes na sociedade), e, por, último são interdisciplinares (envolvimento de vários técnicos de áreas distintas no projeto).

O projeto é um avanço antecipado das ações a realizar para conseguir determinados objetivos. Apresenta uma unidade própria, na medida em que, tenta atingir determinados objetivos cujo alcance efetivo, requer uma estrutura interna que lhe permita alcançá-los (Serrano, 2008). Os projetos sociais orientam-se para a resolução de problemas, com o fim de tentar satisfazer as necessidades básicas dos indivíduos. Todos os projetos contêm um plano de avaliação, que está associado à função do desenho do projeto, e é acompanhado de mecanismos de autocontrolo que permitem, de forma rigorosa conhecer os resultados e os efeitos da intervenção (Guerra, 2002). Após e no decorrer do projeto deve fazer-se uma avaliação, de modo a verificar se os objetivos estão a ser concretizados, bem como se o projeto está a ser benéfico ou não, porque o seu sucesso terá de ser conseguido.

Para Espinoza Vergara (1986, citado por Serrano, 2008:25) “ a formulação do projeto consiste na identificação precisa do mesmo, especificando os seus objetivos, metas, calendário de execução e recursos”.

No decorrer da revisão da literatura e da aplicação do instrumento de recolha de dados, o inquérito por questionário, foi detectado a quase inexistência de iniciativas de atividades que envolvem os mais jovens e a população idosa como já foi referido anteriormente. Assim neste seguimento, proponho um conjunto de oito atividades a desenvolver no próximo ano lectivo 2017/2018 no Agrupamento de Escolas de Almeida, que englobam os jovens, idosos da comunidade e os avós.

O objetivo principal deste projeto de intervenção prende-se em fomentar e implementar atividades intergeracionais entre os jovens do secundário do concelho de Almeida e a população idosa.

### 3.1 Natureza do Projeto

A Organização Mundial de Saúde (2002) define envelhecimento ativo como o processo pelo qual se optimizam as oportunidades do bem-estar físico, social e mental durante toda a vida com o objetivo de aumentar a esperança de vida saudável, a produtividade e a qualidade de vida na velhice.

A natureza do projeto teve origem na inexistência de atividades intergeracionais no Agrupamento de Escolas de Almeida, observado através das respostas dadas às questões 2.11 e 2.12 no inquérito por questionário aplicado aos inquiridos, bem como através visualização do site de ambas as escolas e pelo conhecimento do vice-presidente.

Os jovens demonstraram interesse na realização de atividades que envolvessem a população idosa e os próprios jovens, também enumeram um conjunto de atividades que teve em conta para a proposta das atividades neste projeto. Posteriormente, fiz uma análise de todas as atividades referidas e escolhi aquelas que tinham interesse e fizesse sentido de serem desenvolvidas nas escolas.

O problema reside no facto da não existência de atividades intergeracionais, que podem auxiliar na mudança da visão que os jovens possuem sobre as pessoas mais velhas, assim existe a prioridade de se criar um conjunto de atividades que envolvem estas duas gerações.

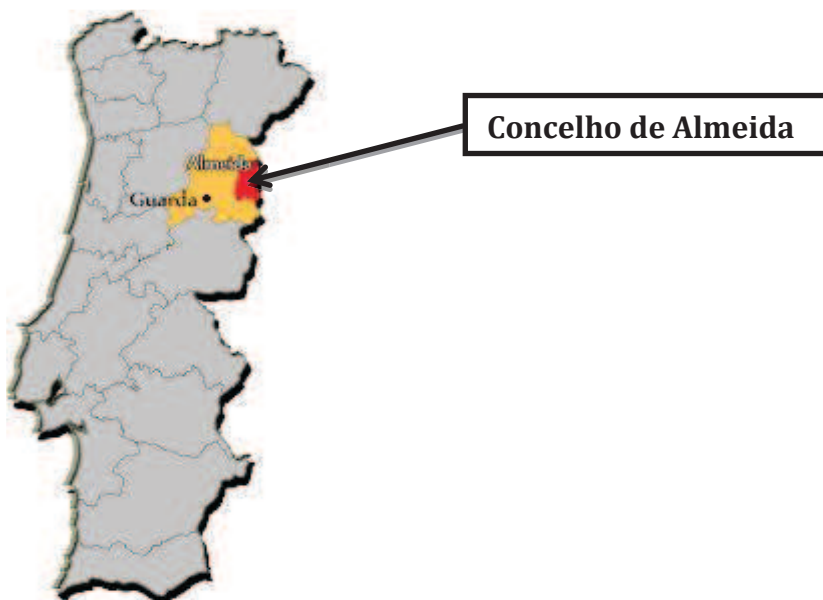
Este projeto é a solução mais adequada para a resolução deste problema, na medida em que, a existência de estereótipos e preconceitos negativos por parte dos mais jovens na sociedade, é necessário incentivar e fomentar a solidariedade entre as duas gerações, de modo a que o contacto seja positivo e atenuador dos aspetos negativos existentes. Neste estudo as atitudes estereotipadas não são muito frequentes, contudo deve-se prevenir e cultivar as atitudes mais positivas.

### 3.2 Local do Projeto

O concelho de Almeida tem cerca de 6.547 indivíduos residentes, sendo que a população idosa com 65 e mais anos de idade representa 35,5%, e 15,0% a população jovem abrangendo todas as freguesias (Estimativas de 2014).

Almeida é um dos 14 concelhos que compõem o distrito da Guarda. Situa-se a uns 760 metros de altitude, na região centro do país, mais propriamente a sul de Figueira de Castelo Rodrigo, a Norte do Sabugal, Este da Guarda e a Oeste de Espanha. O número de freguesias do concelho de Almeida é de 16 e algumas

anexas estando distribuídas numa área geográfica de 524Km<sup>2</sup>. As freguesias são: Almeida; Vilar Formoso; Castelo Bom e Aldeia de São Sebastião; Freineda; Freixo; Malhada Sorda; Nave de Haver e Poço Velho; S. Pedro do Rio Seco; Vale da Mula; Amoreira, Parada e Cabreira; Azinhal, Peva e Valverde; Castelo Mendo, Ade, Monteperobolso e Mesquitela; Junça e Naves; Leomil, Mido, Senouras e Aldeia Nova; Malpartida e Vale Coelha; Miuzela e Porto de Ovelha (Câmara Municipal de Almeida, 2017). De seguida na figura 6 apresento o mapa de Portugal, em que localizo o concelho de Almeida, de modo a ser visível a sua posição territorial.



**Figura 6:** Mapa de localização do concelho de Almeida. Recuperado a 28 de dezembro de 2016 através de [https://www.google.pt/search?q=concelho+de+almeida&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjK8vHNp5fRAhWfCROKHalgDFkQ\\_AUIBygC#imgrc=SUKuXt-I77vWLM%3A](https://www.google.pt/search?q=concelho+de+almeida&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjK8vHNp5fRAhWfCROKHalgDFkQ_AUIBygC#imgrc=SUKuXt-I77vWLM%3A)



**Figura 7:** À esquerda, a Escola Básica e Secundária de Vilar Formosos, á direita, a Escola Básica e Secundária Dr. José Casimiro Matias (Almeida), locais onde se realizou o estudo. Recuperado em 28 de dezembro de 2016 através de <http://www.agrupamentodealmeida.net/portal/index.php/galeria/escola/escola-de-almeida>

### 3.3 População-Alvo

O projeto surgiu da análise dos inquéritos por questionário, sobretudo da questão 2.11 e 2.12 (ver anexo II), e da consulta do site do Agrupamento de Escolas de Almeida, onde se verificou a inexistência de iniciativas deste tipo de atividades com a população mais velha.

O grupo alvo deste projeto são os jovens do ensino secundário do Agrupamento de Escolas de Almeida, os avós dos jovens e a população idosa, em geral (tabela 7).

**Tabela 7:** População do estudo

<b>Nº de indivíduos</b>	<b>População-Alvo</b>
80 Jovens	Jovens do ensino secundário
A definir quando da aplicação da atividade	Avós dos jovens
A definir quando da aplicação da atividade	População Idosa do concelho

### **3.4 Objetivos do Projeto**

O projeto a ser desenvolvido nas duas escolas do Agrupamento de Escolas de Almeida tem como objetivos:

Objetivo geral

- Fomentar e implementar atividades intergeracionais nas duas Escolas do Agrupamento de Almeida

Objetivos específicos

- Fomentar as relações entre os mais jovens e a população idosa;
- Desmistificar os estereótipos e preconceitos existentes sobre os idosos;
- Promover o convívio intergeracional;
- Aproximação dos jovens à população idosa e aos seus avós;
- Mudar a visão que os jovens têm sobre a população idosa.

### **3.5 Finalidade do Projeto**

Este projeto tem como finalidades, a troca de conhecimentos e saberes provenientes do contacto intergeracional estabelecido entre os jovens e os idosos, fomentar as relações intergeracionais através das atividades a serem desenvolvidas, bem como fomentar uma relação mais próxima com os seus avós, e a valorização dos idosos perante os mais jovens, neste caso dos jovens do secundário.

### **3.6 Metas do Projeto**

O projeto terá início em setembro do próximo ano lectivo 2017/2018, altura em que os jovens começam um novo ano. As atividades a serem desenvolvidas fomentam a relação intergeracional entre os mais jovens e os idosos. Assim as metas deste projeto passarão por se conseguir realizar todas as atividades propostas, bem como fomentar uma maior proximidade e contato com as pessoas mais velhas do concelho e com os seus avós, a fim de os preconceitos e estereótipos sejam modificados.

### **3.7 Atividades a desenvolver no Agrupamento de Escolas de Almeida**

Segundo Espinoza (1990, citado por Serrano,2008:49) a “ atividade é o conjunto de operações ou tarefas próprias de uma pessoa ou instituição. Dentro da programação refere-se mais especificamente a uma unidade de trabalho que despende tempo na sua realização “. Neste projeto propomos um conjunto de atividades, que têm como finalidades a solidariedade entre as gerações, o convívio intergeracional, a diminuição da visão negativa dos jovens sobre os mais velhos e a melhoria das relações entre as duas gerações. De seguida apresentarei um conjunto de cinco atividades a serem desenvolvidas no Agrupamento de Escolas de Almeida, e modo a incentivar o contato intergeracional.

Apesar de já existirem atividades estruturadas, concebidas e testadas, a necessidade de adaptar ou criar dinâmicas geracionais surge à medida que se vai aprofundando o conhecimento de uma determinada população. Em muitas vezes concebidas com base nos conhecimentos ou experiências dos participantes (Cristina Coelho, s.d).

A definição dos objetivos é feita para que, as actividades possam corresponder às necessidades e se adaptem ao público a que se destinam. A avaliação deve ser feita no final das actividades, relevando-se mais produtiva se não tiver passado muito tempo depois da atividade já ter-se realizado.

A concepção das atividades intergeracionais envolve um esforço de sistematização de ideias, para que nenhum pormenor falte e para que posteriormente possa ser avaliada e repetida por outros organismos. A animação de uma atividade deve ter em conta as características dos participantes. (Cristina Coelho, s.d). De seguida apresento um conjunto de oito atividades com a sua designação, em que refiro para cada uma delas o objetivo geral, os objectivos específicos, as ações, as tarefas, as técnicas e os produtos.

### 1ª Atividade- “O contador de histórias”

<b>Objetivo geral</b>	Partilha de experiências e saberes com os mais jovens.
<b>Objetivos específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>-Reviver momentos do antepassado;</li><li>-Reforçar as relações intergeracionais;</li><li>-Divulgar e conhecer as histórias de vida de cada idoso bem como do concelho;</li><li>-Criar e desenvolver relações de amizade entre os mais jovens e os idosos; e</li><li>-Estimular a memória dos idosos.</li></ul>
<b>Ações</b>	Diálogo grupal; Conversas Informais; Participação dos idosos e jovens.
<b>Tarefas</b>	Assegurar e preparar o material necessário à atividade; Reunir os idosos e jovens na sala, junto com os professores; Articulação entre a coordenadora do projeto, órgãos das escolas e idosos; e Incentivar alguns idosos e avós a participar na atividade.
<b>Técnicas</b>	Participação e motivação do público-alvo (idosos e jovens); Sensibilizar para a importância de participação do idoso como palestrante/formador; Divulgação da atividade junto do público-alvo.
<b>Produtos</b>	Maior autoestima, autonomia, aprendizagem e valorização do idoso; Participação de idosos com todas as suas capacidades para exercer como palestrante.

**2ª Atividade- Palestra: “A importância da população idosa e as relações intergeracionais”**

<b>Objetivo geral</b>	-Conhecer e compreender a importância da população idosa para o país, e concelho; - Estimular os mais jovens as relações intergeracionais.
<b>Objetivos específicos</b>	- Sensibilizar os mais jovens para a temática do envelhecimento e da velhice; - Reforçar e fortalecer as relações intergeracionais; - Conhecer a localização da densidade populacional idosa em Portugal e no concelho de Almeida; - Promover o contacto com os idosos; -Desmistificar os preconceitos e estereótipos existentes sobre este tipo de população; e - Estimular o interesse pela população mais velha, bem como o convívio.
<b>Ações</b>	Diálogo grupal; Projecção dos dados apresentados sobre a temática numa tela de cor neutra através do computador; Participação dos idosos e jovens; Conversas informais; Folhetos informativos sobre as temáticas abordadas na palestra; e Discussão sobre as temáticas apresentadas.
<b>Tarefas</b>	Assegurar e preparar o material necessário à realização da palestra (sala, computador, projetor, cadeiras e folhetos); Divulgação da palestra pela comunidade escolar (secundário); Contactar docentes especializados nesta área.
<b>Técnicas</b>	Participação do público-alvo; Motivar e incentivar a participação entre professores, idosos, jovens e coordenadora do projeto; Sensibilizar os jovens para a relevância da população idosa no mundo de hoje.
<b>Produtos</b>	Reforçar a autoestima dos idosos; Participação dos idosos com todas as suas capacidades para exercer como palestrante; Estimular preconceitos e estereótipos mais positivos sobre a velhice.

### 3ª Atividade: “Jogos tradicionais com os mais velhos”

<b>Objetivo geral</b>	Estimular o convívio intergeracional.
<b>Objetivos específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Valorização do idoso;</li><li>- Estimular a aprendizagem dos mais jovens pelos jogos tradicionais antigos;</li><li>- Sensibilizar os jovens para, a questão da solidariedade entre gerações;</li><li>- Estimular o contato e convívio com os mais velhos;</li><li>- Demonstrar aos jovens como as gerações passadas aproveitavam o seu tempo livre.</li></ul>
<b>Ações</b>	Participação de idosos e crianças; Conversas informais; Diálogo grupal.
<b>Tarefas</b>	Assegurar o material necessário para cada jogo tradicional; Articulação entre idosos, jovens, órgãos da escola e coordenadora do projeto; e Planear e calendarizar o jogo; Informar os idosos, jovens e escolas da atividade.
<b>Técnicas</b>	Dinamizar a atividade conjunta entre idosos e jovens; participação do público-alvo; Sensibilizar para a cooperação e interação; e Dinamizar o ambiente onde decorrerá a atividade.
<b>Produtos</b>	Participação dos idosos com capacidades cognitivas; Aquisição de novos saberes; Reforçar a autoestima do idoso; Participação dos idosos como formadores; e Melhorar o conhecimento sobre os jogos.

#### 4ª Atividade: “A tecnologia e o Avós”

<b>Objetivo geral</b>	Transmissão de conhecimentos das novas tecnologias aos avós dos jovens.
<b>Objetivos específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Promover e fomentar o contato com as tecnologias mais avançadas;</li> <li>-Estimular o interesse pelas novas tecnologias;</li> <li>-Estimular as capacidades cognitivas;</li> <li>-Inculir nos jovens que os idosos também devem ter acesso às tecnologias;</li> <li>-Fomentar a aprendizagens de novas temáticas.</li> </ul>
<b>Ações</b>	Sala de informática; Acesso à internet; Passeio virtual através do Google Maps; Diálogo Grupal; Conversas informais.
<b>Tarefas</b>	Assegurar e preparar o material necessário à atividade (computadores, internet, sala); Reunir os jovens e idosos na sala de informática; Divulgação junto dos avós da atividade; e Planear, calendarizar a atividade.
<b>Técnicas</b>	Dinamizar o ambiente de forma a incentivar os idosos; Participação e motivação do público-alvo; Esclarecimento sobre a atividade a realizar.
<b>Produtos</b>	Participação de idosos com capacidades cognitivas e visuais; Valorização do idoso; Reforço da autonomia; e Desenvolver o gosto e interesse pelas tecnologias.

**5ª Atividade: Visitas a lares de idosos – “Uma realidade do futuro próximo”**

<b>Objetivo geral</b>	Estimular o contato com uma realidade diferente da que estão habituados.
<b>Objetivos específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Fomentar o convívio intergeracional;</li><li>- Estimular o contacto com a população idosa de lares;</li><li>- Participação com os idosos em atividades que a animadora sociocultural faz no lar, bem como outras atividades.</li><li>- Incentivar os mais jovens a visitar os lares.</li></ul>
<b>Ações</b>	Conversas informais; Participação de idosos e crianças; Diálogo grupal.
<b>Tarefas</b>	Informar alguns lares que estejam interessados na atividade; Informar os jovens e escola da atividade; Planear e organizar a atividade.
<b>Técnicas</b>	Participação e motivação do público-alvo; Esclarecimento sobre a atividade a realizar.
<b>Produtos</b>	Participação de idosos com capacidades cognitivas; valorização do idoso; Solidariedade entre gerações; Convívio com a população mais idosa.

## 6ª Atividade: Voluntariado em ERPI'S

<b>Objetivo geral</b>	Estimular os mais jovens ao convívio com os mais velhos em instituições de solidariedade social
<b>Objetivos específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fomentar o convívio intergeracional;</li> <li>- Estimular o contacto com os mais velhos;</li> <li>- Inculcar nos jovens o pensamento positivo sobre os idosos que residem em ERPI'S;</li> <li>- Valorização do idoso;</li> <li>- Fomentar a participação dos jovens na vida diária dos idosos nas instituições; e</li> <li>- Estimular a solidariedade intergeracional.</li> </ul>
<b>Ações</b>	Conversas informais; Diálogo grupal
<b>Tarefas</b>	Informar as instituições do concelho desta atividade, de modo a verificar quais estejam interessadas em acolher os jovens para o voluntariado; Abordar a iniciativa da atividade junto dos órgãos da direção, professores, educandos, encarregados de educação; Planear e organizar a atividade.
<b>Técnicas</b>	Participação e motivação dos jovens como também a posteriori dos idosos, de forma a que, a atividade seja bem sucedida; esclarecimento junto das instituições e da escola acerca da atividade.
<b>Produtos</b>	Participação dos idosos das instituições bem como dos jovens; valorização do idoso; incentivo ao convívio intergeracional.

### 7ª Atividade: Teatro- Netos e Avós

<b>Objetivo geral</b>	Estimular o envolvimento dos avós com os seus netos
<b>Objetivos específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Fortalecer os laços com os avós;</li><li>- Promover a solidariedade intergeracional;</li><li>- Estimular a interação entre avós e netos;</li><li>- Promover o convívio entre netos e avós;</li><li>- Fomentar uma aprendizagem mútua.</li></ul>
<b>Ações</b>	Diálogo grupal; Conversas informais.
<b>Tarefas</b>	Informar os órgãos da direção das duas escolas, os jovens, os avós e a câmara municipal de Almeida; informar sobre o objetivo da atividade e a forma como será organizada; e planear e organizar a atividade.
<b>Técnicas</b>	Motivação dos jovens e dos avós a participar na atividade; e esclarecimento sobre a atividade junto do público-alvo, bem como dos órgãos de direção e da câmara municipal de Almeida.
<b>Produtos</b>	Participação dos avós e dos jovens; valorização do papel dos avós na vida dos seus netos; e incentivo à solidariedade intergeracional.

**8ª Atividade: Companhia aos mais velhos**

<b>Objetivo geral</b>	Combater a solidão e isolamento dos mais velhos do concelho
<b>Objetivos específicos</b>	-Promover a interação intergeracional; -Incentivar novas aprendizagens e experiências dos mais jovens; - Fomentar o auxílio/ajuda aos mais idosos; -Incutir nos jovens a valorização dos mais velhos; -Combater a solidão e isolamento dos idosos do concelho.
<b>Ações</b>	Conversas informais; Diálogo grupal
<b>Tarefas</b>	Informar as escolas, os alunos, os idosos e a juntas de freguesia do concelho acerca desta atividade bem como expor os seus objetivos de forma a que, a atividade seja bem sucedida e concretizada com sucesso; Planear e organizar a atividade.
<b>Técnicas</b>	Incentivar os jovens e os idosos para a atividade, alertando-os para os seus benefícios.
<b>Produtos</b>	Participação dos jovens e dos idosos do concelho.

A descrição das atividades terá como intuito esclarecer sobre o que se pretende realizar em cada atividade. A 1ª atividade “ O contador de histórias” tem como objetivo a partilha de experiências e saberes com os mais jovens, que consiste em que os idosos do concelho (os interessados em participar) e os avós dos jovens, relatem histórias de vida bem como a história célebre do contrabando da zona. Numa sala com espaço reúnem-se os idosos, jovens e professores para que a atividade se possa dar início. Em cada sessão conta-se com o máximo de três idosos/ avós junto dos jovens do 10º, 11º e 12º ano de forma individualizada,

não com o secundário agrupado. Esta atividade será realizada durante o 1º período do ano lectivo 17/18, com 10 sessões, isto porque para se ultrapassar os preconceitos e estereótipos existentes sobre este tipo de população, o convívio intergeracional tem de ser realizado frequentemente durante um certo período de tempo.

A 2ª atividade será uma palestra sobre “ A importância da população idosa e as relações intergeracionais”, em que os objetivos são conhecer e compreender a importância da população idosa para o país e concelho, e estimular os mais jovens as relações intergeracionais. A atividade será realizada no final do terceiro período do ano lectivo 17/18, após todas as outras atividades propostas se terem realizado, isto porque a palestra será como um resumo de abordar tudo o que fora transmitido e passo aos jovens sobre a importância dos idosos. A palestra abordará a temática do envelhecimento e a sua importância para a sociedade e país, bem como os dados do concelho seriam incluídos nesta apresentação.

A 3ª atividade “ Jogos tradicionais com os mais velhos “ tem como objetivo estimular o convívio intergeracional, através de jogos ensinados pelos mais velhos. A atividade será realizada durante as aulas de educação físicas dos jovens, visto se tratar de atividade física ao exercer vários tipos de jogos. Os idosos/avós apresentam um conjunto de jogos tradicionais do tempo da sua infância, ensinando aos mais jovens a maneira de se divertiam e brincavam uns com os outros.

A 4ª atividade “ A tecnologia e os Avós”, tem como objetivo estimular o convívio intergeracional. O uso da tecnologia pela população idosa sobretudo nas aldeias ainda é muito pouco frequente, veem a era digital com um “ bicho-de-sete-cabeças” e algo estranho, confuso e difícil de aprender, pelo que estas aulas com os mais jovens e com um professor da área da informática das duas escolas, será mais fácil para os avós e idosos aprenderem o básico da tecnologia. Esta atividade seria planeada junto com o professor da área, de modo a encaixar no seu horário, bem como no horário dos alunos. Os jovens seriam os formadores principais dos avós e netos, com o auxílio de professor de informática.

A 5ª atividade relativa às visitas a lares de idosos “ uma realidade do futuro próximo “ tem como objetivo estimular o contato com uma realidade diferente da que estão habituados, pelo que a visita aos lares é algo fundamental para quebrar a visão que os jovens têm dos idosos bem como dos próprios lares. O contato, convívio e solidariedade intergeracional está na base da criação desta atividade, em que as visitas serão planeadas de acordo com o *feedback* positivo das instituições contactadas. Ao longo dos três períodos do ano lectivo 17/18 serão realizadas duas visitas em cada período, com a intenção de os jovens visitarem a instituição, estarem em contato com os idosos e participarem em atividades com eles.

A 6ª atividade relativa ao Voluntariado em ERPI'S tem como objetivo estimular os mais jovens ao convívio com os mais velhos em instituições de solidariedade social, devido ao facto de hoje em dia os jovens não manterem um contacto muito próximo e positivo juntos das pessoas mais velhas. O voluntariado em instituições direccionadas às pessoas mais velhas, realizado por jovens do secundário é muito pouco frequente em Portugal, pelo que seria um benefício tanto para os jovens como para os idosos. Os jovens interessados em ingressar nesta atividade seriam redireccionados às instituições que antes teriam dado o *feedback* positivo. Esta atividade começaria no início do ano lectivo 2017/2018 e teria o fim no mesmo ano.

A 7ª atividade relativa ao Teatro- Netos e Avós tem como objetivo estimular o envolvimento dos avós com os seus netos, isto é, os avós que estejam interessados e possuam capacidades para participar no teatro com os seus netos. O convívio intergeracional (avós e netos) será a base para o sucesso desta atividade, visto que irão contracenar juntos e terão muito tempo para fortalecer mais a sua relação. O teatro será apresentado no final do ano lectivo 2017/2018 à comunidade escolar na sala que a junta de freguesia de Vilar Formoso e a câmara municipal de Almeida aos alunos para a preparação do teatro. Terá de contar com a ajuda de dois professores para a elaboração e organização do teatro em si no seu conjunto, nomeadamente na definição do tema, das falas, roupas entre outros pormenores associados.

Por último, a 8ª atividade “ Companhia aos mais velhos” tem como objetivo combater a solidão e isolamento dos mais velhos do concelho. Nesta atividade os alunos serão eles a visitar os idosos que vivem isolados e sozinhos nas suas casas, pois assim com a visita dos alunos poderão usufruir de companhia e ajuda (caso seja necessário) para alguma tarefa que realizem. A casa dos idosos será escolhida consoante a residências dos jovens, de forma a facilitar a deslocação bem como o envolvimento e sucesso da atividade, a seleção será feita em conjunto com as juntas de freguesia onde os jovens residem. As juntas de freguesia farão a sua intervenção juntos dos idosos, de forma a entender quais precisão de mais companhia, além disso a intervenção e organização da junta é mais credível para os idosos sobre esta atividade. Assim a ideia é passar um pouco do tempo livre que os jovens têm com os mais velhos em suas casas.

### **3.8 Calendarização das atividades**

De seguida, apresenta-se o diagrama de Gantt que calendariza as atividades propostas a realizar nas duas escolas, que decorrerão no ano lectivo 2017/2018, com início em setembro e fim em junho de 2018. Farei a divisão do quadro de programação em duas partes, visto ser demasiado extenso. Na segunda e sétima

atividade as datas são diferentes, porque nas duas escolas as atividades serão realizadas em datas diferentes. Na segunda atividade dia 17 será na escola de Vilar Formoso e no dia 18 na de Almeida, na sétima atividade dia 7 será em Vilar Formoso e dia 8 em Almeida.

Tabela 8: Quadro de programação das atividades (1)

Meses/ Atividades	Outubro				Novembro				Dezembro				Janeiro				Fevereiro				
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	
<b>1ª Atividade</b>																					
<b>3ª Atividade</b>																					
<b>4ª Atividade</b>																					
<b>6ª Atividade</b>																					
<b>8ª Atividade</b>																					

Tabela 9: Quadro de programação das atividades (2)

Meses/ Atividades	Março				Abril				Maio				Junho							
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4				
<b>2ª Atividade</b>																				
<b>5ª Atividade</b>																				
<b>6ª Atividade</b>																				
<b>7ª Atividade</b>																				
<b>8ª Atividade</b>																				

### 3.9 Recursos Humanos, materiais e financeiros

<b>Atividades</b> <b>Recursos</b>	<b>Humanos</b>	<b>Materiais</b>	<b>Técnicos</b>	<b>Financieiros</b>
<b>1ª Atividade</b> <b>“ O contador de histórias”</b>	Professores; Idosos; Jovens; Auxiliares da escola; órgãos de direcção da escola	Cadeiras; Mesas; Sala; microfones	Promotora do projeto	€
<b>2ª Atividade</b> <b>“ Palestra “</b>	Professores; Jovens; Técnicos especialistas sobre o tema; Órgãos da escola; presidente e vice-presidente da câmara municipal de Almeida; presidente da junta de freguesia; pais dos jovens	Sala; mesas; cadeiras; computadores; projetor; internet; microfones; tela de parede	Promotora do projeto	€
<b>3ª Atividade</b> <b>“Jogos tradicionais com os mais velhos “</b>	Professor de Educação Física; Jovens; idosos/ avós	Pavilhão ginnodesportivo da escola; Material de ginástica relacionado com os jogos tradicionais; Material de jogos tradicionais; Colunas de som; aparelhagem de música; roupa de desporto	Promotora do projeto	€
<b>4ª Atividade</b> <b>“ A tecnologia e os avós “</b>	Professor de TIC; jovens; avós	Sala; mesas; cadeiras; computadores; internet; outros acessórios de informática	Promotora do projeto	€
<b>5ª Atividade</b> <b>“ Visitas a lares de idosos- Uma realidade do futuro próximo”</b>	Professores; idosos, jovens; Órgãos da instituição; Animador/a sociocultural da	4 Autocarros da câmara; material para as atividades a realizar; cadeiras, mesas,	Promotora do projeto	€

	instituição; Condutor do autocarro	sala		
<b>6ª Atividade</b> “ <b>Voluntariado em ERPI’S</b> “	Jovens; idosos; órgãos da instituição; auxiliares da instituição; outros técnicos da instituição	Material da instituição	Promotora do projeto	€
<b>7ª Atividade</b> “ <b>Teatro - Netos e Avós</b> “	Professores; jovens; avós; técnicos auxiliares; órgãos da escola	Pavilhão/ auditório; cadeiras; mesas; material de iluminação; material de som; material de decoração; vestuário; outro equipamento necessário	Promotora do projeto	€
<b>8ª Atividade</b> “ <b>Companhia aos mais velhos</b> “	Jovens; Idosos / avós; pais dos alunos; professores	Equipamentos dos idosos das suas habitações	Promotora do projeto	€

### 3.10 Factores externos ou pré-requisitos para o alcance dos efeitos e impacto do projeto

Os pré-requisitos são factores sobre os quais não se tem nenhum tipo de controlo, mas que são essenciais para o êxito do projeto, isto é, caso não haja a participação e aderência por parte dos jovens, avós e população idosa do concelho, o faz com que, não se atinjam as metas inicialmente propostas, bem como o impacto do projeto que se tornará enviesado. A boa localização da área de implementação também é um pré-requisito a ter-se em conta.

### 3.11 Tipo de Avaliação

Os indicadores de avaliação são instrumentos que comprovam empiricamente e com uma certa objectividade a progressão face às metas propostas no projeto. Os indicadores realizam uma avaliação adequada tendo em conta os objetivos propostos tal como as metas, tal como avaliam, medem e mostram o progresso de uma atividade relativamente aos seus objetivos, metas, recursos e produtos.

A avaliação que proponho a realizar será durante o decorrer e no final das atividades estarem concluídas, de modo a que a avaliação seja mais credível e viável, no sentido de poder averiguar se os objetivos e as metas foram cumpridas ou se houve algum tipo enviesamento que pode comprometer a atividade. Este tipo de procedimento permite ao (s) promotor (es) do projeto fazer, qual o ponto de situação em cada atividade que propôs no projeto.

As práticas intergeracionais procuram juntar as pessoas com um propósito, através de atividades que beneficiam mutuamente e promovem um melhor entendimento e respeito entre as gerações (Yeo, 2007). Neste sentido as atividades serão avaliadas de uma forma individual, de modo a verificar se as práticas intergeracionais estão a ser concretizadas através do projeto.

Assim, o tipo de avaliação para cada atividade será realizado através da aplicação de inquéritos por questionários aos alunos, e através de conversas informais junto dos idosos.

## Conclusão

A sociedade, ao longo das últimas décadas, assistiu ao aumento do número de idosos face à população jovem, passando-se de uma pirâmide etária estreita no topo e larga na base, para uma pirâmide em urna (estreita na base e larga no topo). O processo de envelhecimento é encarado sobretudo pela perspetiva negativa, o que leva, a que na maioria das vezes, os idosos sejam colocados à 'margem' da sociedade. É necessário, como também urgente, traçar um conjunto de métodos e estratégias, no sentido de dar a conhecer as potencialidades da população idosa, integrando-a socialmente, de forma a ser mais valorizada.

O envelhecimento é um fenómeno social, considerado como um dos desafios mais importantes do século XXI, que obriga à reflexão sobre algumas questões de crescente relevância, como a idade da reforma, os meios de subsistência, a qualidade de vida dos idosos, o estatuto dos idosos na sociedade, a solidariedade intergeracional, a sustentabilidade dos sistemas de segurança social e de saúde, e sobre o próprio modelo social vigente (Teiga, 2012).

A desconstrução dos mitos / estereótipos que se associa aos idosos, é um longo caminho a ser percorrido, mas urgente de se concretizar. É necessário alertar a sociedade para as consequências negativas que o idadismo causa nos próprios idosos, como também no receio que causa naqueles que estão quase na fase de entrada na velhice, levando-os a negar a entrada na terceira idade. As representações sociais são formas de conhecimento manifestadas através de elementos cognitivos como imagens, conceitos, categorias ou teorias, elaboradas e partilhadas socialmente, que vão contribuir para a construção de uma realidade, possibilitando a comunicação, e ainda "são uma rede de ideias, metáforas e imagens sociais mais fluídas do que as teorias" (Moscovici, 2000 citado por Santos 2010:47)

A imagem negativa sobre os idosos pode ser combatida através de programas intergeracionais. O convívio e envolvimento entre as gerações, traz inúmeros benefícios não apenas para os idosos, como também para os mais jovens. A imagem do idoso era de alguém que tinha muito a contribuir, ocupava um lugar de respeito na sociedade e na família, possuidor de histórias, transmissor de memórias e lembranças, porém esta imagem modificou-se ao longo do tempo (Caldas & Tomaz, 2010). A relação positiva com os avós está por sua vez, associada a uma representação mais favorável dos mais velhos (Cunha & Matos, 2010).

Os jovens de hoje serão eles próprios, os futuros cuidadores das pessoas mais velhas, como serão também idosos, pelo que a forma como veêm a velhice, pode influenciar o modo como tratam os idosos. É por isso, pertinente a realização de um estudo em que se procurou saber a imagem que os jovens têm dos idosos, no concelho de Almeida.

O presente estudo revelou que os alunos apresentam uma imagem positiva dos idosos, verificando-se uma semelhança de respostas dadas pelas duas escolas do Agrupamento. Na escola de Almeida prevaleceu os 65 e mais anos de idade seguindo-se dos 75 e mais anos de idade, enquanto na escola de Vilar Formoso referiram, os 65 e mais anos de idade e os 80 e mais anos de idade. A opção dos 55 e mais anos não foi escolhida por nenhuma das escolas.

É de realçar que os alunos não possuem grandes estereótipos / mitos sobre as pessoas mais velhas, caracterizando-os de forma positiva. Os alunos compreendem as perdas que a velhice traz, sabendo valorizar as experiências e conhecimentos que com ela se ganham. No que diz respeito à relação de proximidade, pode ter influência na maneira como os alunos caracterizam os seus avós, pois a maioria deles vive perto e convive frequentemente com eles, facto que vem confirmar a muito boa e boa relação que têm com os avós.

Nas questões relacionadas com as relações intergeracionais, constatou-se a inexistência de projetos nas duas escolas, que envolvam a população idosa e os jovens. Todavia os alunos demonstraram interesse em que seja criado um plano de intervenção que englobe um conjunto de atividades intergeracionais. As atividades promovem o convívio e o envolvimento das pessoas mais velhas com os jovens tanto dentro do contexto escola, como fora dele.

Quanto às atividades que gostariam de desenvolver, é possível verificar que os alunos reconhecessem os conhecimentos dos idosos e valorizam as suas histórias de vida. No 11ºB (66,7%) demonstraram a intenção de não realizar qualquer atividade com os idosos. Em Almeida: troca de experiências, contador de histórias, jogos didáticos e tradicionais, passeio e jardinagem, em Vilar Formoso: visitas a lares, jardinagem, contador de histórias e jogos didáticos e tradicionais. As menos referidas: o teatro, cantigas / cantar com idosos, ajudar nas AVD'S e conhecer melhor a geração mais jovem, aprendizagem de jogos antigos, experiências didáticas

A relação com os avós, observada através dos dados obtidos no estudo, revelou existir uma boa relação entre avós e netos. Neste estudo dois alunos não tinham nenhum dos avós vivos, contudo estes alunos não apresentam resultados diferentes dos outros alunos sobre as representações sociais. A ligação com os avós paternos é mais forte do que com os maternos, facto que deveria ser alvo de um futuro estudo para se apurar quais os motivos associados a esta circunstância. As pesquisas indicam que é mais comum o apego aos avós com quem se convive mais, embora a maioria das netas considere que não há diferença em relação aos outros. Existem ainda, estudos que afirmam que são os avós maternos, na maioria das vezes, que oferecem apoio e abrigo aos netos nos momentos de dificuldade, dada a maior afinidade que existe entre mãe e filha (Dias; Silva, 1999 citados por Dias, Hora, Aguiar, 2010).

Os avós possuem um papel importante na vida dos netos, e este papel está em expansão, sendo cada vez mais frequente os cuidadores dos netos substituindo o papel dos pais. Neste caso dos jovens do concelho de Almeida, alguns dos alunos já referiram que já viveram com os seus avós. Verificou-se também no estudo que os alunos sentem-se preocupados e com receio do seu próprio processo de envelhecimento, já se tendo imaginado como seriam, como futuros idosos.

No que diz respeito á conceção que os jovens têm do seu próprio envelhecimento, os resultados revelaram-se bastantes positivos, pelo que a maioria deles já se imaginaram e pensaram de como seriam em idosos, este facto demonstra uma preocupação e ansiedade por esta fase do ciclo de vida que a caracterizam como sendo positiva para eles enquanto futuros idosos, contudo na sua opinião a sociedade manterá a mesma opinião que hoje sobre os mais velhos. É fundamental promover e implementar nas escolas a educação intergeracional, de forma a alterar as atitudes menos positivas, em relação à população idosa, através dos programas intergeracionais que trazem benefícios para ambas as gerações.

O estudo de Palmeirão & Menezes (2009:28), chama-nos a atenção para a importância da educação intergeracional e para necessidade de se continuar a desenvolver programas intergeracionais nas escolas, visto que a “imagem cognitiva, afetiva e comportamental é significativamente alterada”. Estas autoras defendem ainda que esta relação entre gerações contribui para diminuir o risco de insucesso escolar.

Em suma, numa sociedade cada vez mais envelhecida, a intervenção para a promoção da educação intergeracional junto dos mais jovens, é necessária e urgente de modo, a diminuir os preconceitos e mitos que envolvem a população idosa.

## Referências Bibliográficas

Afonso, R., Branco, M., Esgalhado, M., Simões, M. & Pereira, H. (2010). Considerações sobre os Programas Intergeracionais. *Revista de Psicologia*, 4, 751-756.

Albuérne, F. & Juanco, A. (2002). Intergeneracionalidad y Escuela: “Trabajamos Juntos, Aprendemos Juntos”. *Revista Interuniversitaria de Formaciones del Profesorado*, 45, 77-88. Recuperado a 17 de fevereiro de 2017 através de <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=308430>

António, Stella (2010). *Avós e netos- relações Intergeracionais, a matrilinearidade dos afetos*. Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa

Bandeira, M.L; Azevedo, A. B; Gomes, C. S; Tomé, L. P ; Mendes, M. F; Baptista, M. I; Moreira, M. J.G (2014). Dinâmicas demográficas e envelhecimento da população portuguesa (1950-2011): evolução e perspetivas. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Recuperado a 4 de novembro de 2016 através de [https://www.ffms.pt/upload/docs/dinamicas-demograficas-e-envelhecimento-da-populac\\_efe8FbqjUGZx3LduUIzgg.pdf](https://www.ffms.pt/upload/docs/dinamicas-demograficas-e-envelhecimento-da-populac_efe8FbqjUGZx3LduUIzgg.pdf)

Boas, S.V; Oliveira, A. L; Ramos, N.; Montero, I. (2016). A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida - Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos. *Investigar em Educação, IIª Série*, nº5, pp.117-141. Recuperado a 18 de dezembro de 2016 através de <http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5842/1/intergeracionalidade%20SVB%20A0%20NR.pdf>

Boas, S.V; Oliveira, A. L; Ramos, N.; Montero, I. (2015). Elaboração de programas intergeracionais - O desenho do perfil comunitário. *Educação, Sociedade e Culturas*, nº 44, pp 31-47. Recuperado a 18 de dezembro de 2016 através de <http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5836/1/Susana%20Natalia%202015%20Artigo.pdf>

Caldas, C. P; Thomaz, A. F (2010). A Velhice no Olhar do Outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, vol.13 (2), pp 75-89, novembro 2010. Recuperado a 12 de outubro de 2016 através de <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/download/5367/3847>

Câmara Municipal de Almeida. Recuperado a 2 de abril de 2017 através de <http://www.cm-almeida.pt/municipio/Paginas/default.aspx>

Carneiro, Fernando ; Soares, Cândida; Fialho, José A. S; Sacadura, M. J (2012). O envelhecimento da população : dependência, activação e qualidade. Centro de estudos dos Povos e Culturas de expressão Portuguesa pp 7- 341. Universidade Católica Portuguesa, Recuperado a 3 de novembro de 2016 através de [http://www.qren.pt/np4/np4/?newsId=1334&fileName=envelhecimento\\_populacao.pdf](http://www.qren.pt/np4/np4/?newsId=1334&fileName=envelhecimento_populacao.pdf)

Carvalho, M. I (2013). Serviço Social no envelhecimento. Lisboa: Pactor

Castro,F.V; Diáz, A.V.D ; Veja, J.L.V (1999). Construcción psicológica de la identidade regional: tópicos y estereótipos en le processo de socialización el referente a Extremadura. Badajoz: Disputación Provincial de Badajoz

Coelho, C. (2005). *Intergeneracionalidade, redes de apoio e prestação de cuidados aos idosos do Séc. XXI*. Mértola: Santa Casa da Misericórdia de Mértola.

Cunha, Bebiana; Matos, P. M (2010, fevereiro). Relações intergeracionais : significados de adolescentes sobre avós e idosos. *Actas VII simpósio Nacional de investigação em Psicologia*. Universidade do Minho, pp.1038-1052. Recuperado a 2 de dezembro de 2016 através de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/21487/2/87927.pdf>

Daniel, F; Antunes, A; Amaral, I (2015). Representações sociais da velhice. *Análise Psicológica*, vol. 3, pp.291-301. Recuperado a 20 de outubro de 2016 através de <http://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/1869/1/972-3620-3-PB.pdf>

Dias, C. M. de S. B; Silva, M.A. S (2003). Os avós na perspetiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, vol. 8, pp.55-62. Recuperado a 11 de janeiro de 2017, através de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722003000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300008)

Dias, C. M. de S. B; Hora, F.F. A; Aguiar, A. G. de S (2010). Jovens criados pelos avós e por um ou ambos os pais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12 (2), pp.188-199. Recuperado a 19 de março de 2017 através de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v12n2/v12n2a13.pdf>

Duarte, S. (2009) *Avós e netos – duas gerações unidas. Um projeto de atividades intergeracionais na Aldeia de São José de Alcalar*. Tese de Mestrado em Gerontologia Social. Universidade do Algarve. Recuperado a 18 de novembro de 2016 através de <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/340/1/Avos%20e%20netos%20-%20duas%20gera%20c%20a7%20c%20b5es%20unidas.pdf>

Durão, M. C. M. (2012). Significados e contribuições dos avós para o desenvolvimento psicossocial dos jovens-Estudo exploratório com alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico. (*Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa*). Recuperado a 24 de outubro de 2016 através de [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8099/1/ulfpie043112\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8099/1/ulfpie043112_tm.pdf)

Fernandes, C. R. D. (2013). Avós e netos na literatura infantil: vidas compartilhadas. *Educação & Realidade*, vol. 38, pp.1089-1112. Recuperado a 11 de janeiro de 2017, através de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362013000400005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362013000400005)

Fortin, M. F. (1999). *O processo de investigação- da concepção á realização*. Loures: Lusociência

Freitas, Maria Célia; Ferreira, Márcia de Assunção (2013). Velhice e a pessoa idosa: representações sociais de adolescentes escolares. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 21(3), p 2-8. Recuperado a 30 de outubro de 2016 através de [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n3/pt\\_0104-1169-rlae-21-03-0750.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n3/pt_0104-1169-rlae-21-03-0750.pdf)

Giddens, A. (2001). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Guerra, I. C. (2002). *Fundamentos de uma sociologia da acção: O planeamento em ciências sociais*, Cascais: Principia

INE- Instituto Nacional de Estatística (2014). *Dia mundial da população: censos em Portugal 1864-2014*.

Instituto da Segurança Social (2017) : Manual de Boas Práticas Intergeracionais. Recuperado a 23 de abril de 2017, através de [http://www.seg-social.pt/documents/10152/14714/acolhimento\\_residencial\\_pessoas\\_mais\\_velhas/cab532a6-b2c8-4ab8-b164-ef0235b894c7](http://www.seg-social.pt/documents/10152/14714/acolhimento_residencial_pessoas_mais_velhas/cab532a6-b2c8-4ab8-b164-ef0235b894c7)

Kaplan, M. (2001). *School-based intergenerational programs*. Hamburg: Unesco

Lima, C. (2007) *Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*. *Dissertação de Mestrado em Gerontologia*. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação. Recuperado a 28 de novembro 2016 através de <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000422546&opt=4>

Limacher, A. (2009). Jovens com impacto: um programa inovador sobre a participação numa comunidade da Suíça. In Pinto, T., Hatton-Yeo, A. & Marreel, I. (2009), *Guia de ideias para planear e implementar projectos intergeracionais* (pp. 9-10). Portugal: Associação Valorização Intergeracional e Desenvolvimento.

Leite, A.P.M. (2014). Representações sociais de estudantes de gerontologia social acerca da sexualidade na velhice. (*Dissertação de mestrado em gerontologia social, Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Porto*). Recuperado a 27 de outubro de 2016 através de <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6500/1/Ana%20Paula%20Matias%20Leite.pdf>

Lopes, E. S . L; Park, M.B.(2007). Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. *Estudos de Psicologia, 12 (2)*, pp.141-148. Recuperado a 15 de março de 2017 através de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n2/a06v12n2.pdf>

Lopes, M.S.; Pereira, J.D. (2009). A interação geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competência entre gerações. In Palmeirão, Cristina & Menezes, Isabel (2009), *A animação sociocultural na terceira idade* (pp. 24-35). Recuperado a 25 de outubro de 2016 através de [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3961/1/FEP\\_Palmeir%C3%A3o\\_Cristina-dig3.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3961/1/FEP_Palmeir%C3%A3o_Cristina-dig3.pdf)

Mainetti, A. C.; Wanderbrooche, A.C .N. S. (2013). Avós que assumem a criação dos netos. *Pensando em famílias, 17 (1)*, 87-98. Recuperado a 17 de março de 2017 através de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2013000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100009)

Marques, S. (2011). Discriminação da terceira idade. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Lisboa

Marques, S.; Lima, M.L. (2006). Traços estereotípicos associados a pessoas jovens e idosas em Portugal. *Laboratório de Psicologia, 4 (1)*, pp. 91-108. Recuperado a 3 de dezembro de 2016 através de <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/lp/article/viewFile/764/707>

Marques I. & Pereira M. (2009). Vovóteca. In J. Pereira & M. Lopes, *Animação sociocultural na terceira idade* , pp. 360-365. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Martins, R. e Rodrigues, M. (s.d.) Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica. *Educação, Ciência e Tecnologia*, pp.249-254. Recuperado a 3 de dezembro de 2016 através de [www.ipv.pt/millennium/Millennium29/32.pdf](http://www.ipv.pt/millennium/Millennium29/32.pdf)

Marreel, I. (2009). Exemplos de práticas intergeracionais. In Pinto T., Hatton-Yeo A. e Marreel I. (2009). *Guia de ideias para planear e implementar projectos intergeracionais – Juntos: ontem, hoje e amanhã*, pp. 8-15. Portugal: Associação Valorização Intergeracional e Desenvolvimento

Meksenas, L. B.P. (2008). A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. Recuperado a 14 de novembro de 2016 através de [https://books.google.pt/books?id=yu518-K9GZ8C&pg=PA179&lpg=PA179&dq=\(Ghiglione+e+Matalon+1993&source=bl&ots=w7d2ZM1nw&sig=F3U\\_IpQBfMpKMraU6kZ1sEAeWgg&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKewj1gPb1oajQAhXBuxQKHSiOCYkQ6AEILzAC#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=yu518-K9GZ8C&pg=PA179&lpg=PA179&dq=(Ghiglione+e+Matalon+1993&source=bl&ots=w7d2ZM1nw&sig=F3U_IpQBfMpKMraU6kZ1sEAeWgg&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKewj1gPb1oajQAhXBuxQKHSiOCYkQ6AEILzAC#v=onepage&q&f=false)

Mesquida, E. (2008). *Gent gran, gent petita – una experiència compartida*. Programa Intergeneracional de la residència de gent gran Mao. Menorca. Recuperado a 18 de fevereiro de 2017 através de <http://www.redintergeneracional.es>

Moscovici, S. (2005). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes

Neves, C.F.O. (2012). Estereótipos sobre idosos: representação social em profissionais que trabalham com a terceira idade. (*Tese de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã*). Recuperado a 15 de novembro de 2016 através de <http://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1207/3/Disserta%C3%A7%C3%A3oCFONeves.pdf>

Oliveira, A.R.V; Pinho, D.L.M. (julho/setembro,2013). Relações entre avós e seus netos adolescentes: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, vol. 16, pp. 633-642. Recuperado a 10 de janeiro de 2017, através de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-98232013000300019](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232013000300019)

ONU (2002). Segunda Assembleia Mundial do envelhecimento, em Madrid. Centro de informação das Nações Unidas em Portugal. Recuperado a 23 de março de 2017 através de <https://www.unric.org/html/portuguese/ecosoc/ageing/idosos-final.pdf>

Oliveira, M.S.B.S (2000). Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 19, pp. 180-186. Recuperado a 1 de dezembro de 2016 através de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092004000200014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200014)

Palmeirão, C. (2008). Aproximar gerações: o caminho da educação. *Revista REAPN*, nº 41, pp.23-25. Recuperado a 26 de outubro de 2016 através de <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3948/3/Extract%20Pages%20From%20Rediteia%2041.pdf>

Palmeirão, C.; Menezes, I.I (2012). No mundo de hoje: atitudes perante as pessoas idosas. *Revista Cadernos de Pedagogia Social*, nº 4 , pp. 119-152. Recuperado a 26 de outubro de 2016 através de <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/11553>

Palmeirão, C. (2007). Animação sociocultural na terceira idade. A interação geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, valores e competências entre gerações. *Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal*. Recuperado a 23 de março de 2017 através de [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3961/1/FEP\\_Palmeir%C3%A3o\\_Cristina-dig3.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3961/1/FEP_Palmeir%C3%A3o_Cristina-dig3.pdf)

Pereira, F. (2012). Teoria e prática da Gerontologia. Viseu: PsicoSoma

Plano de Ação do Concelho de Almeida 2016- Câmara Municipal de Almeida. Recuperado a 23 de novembro através de <http://www.cm-almeida.pt/servicosmunicipais/divisoeseservocos/Documents/Plano%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%202016-final.pdf>

Pereira, F.(2015,). Portugal vai ter quase 16 % de idosos com 80 ou mais anos em 2080. *Diário de Notícias*, pp. 1-2. Recuperado a 3 de novembro de 2016 através de <http://www.dn.pt/portugal/interior/portugal-vai-ter-quase-16-de-idosos-com-80-ou-mais-anos-em-2080-4805108.html>

Pessoa, I. (2009). Os programas intergeracionais no Brasil. *Revista Enlace en red Monográfico*, pp.20-23.

Pinto, T., Hatton-Yeo, A., Marreel, I., Waser, M., Limacher, A., Duaigües , M., LaFond, M., Clarke, G., Di Pietro, D. & Schmolling, J. (2009). *Guia de ideias para planear e implementar projetos intergeracionais – Juntos ontem, hoje e amanhã*. Aveiro: Associação VIDA - Valorização Intergeracional e Desenvolvimento. Recuperado a 15 de janeiro de 2017 através de <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED507358.pdf>

Pires, M.F.; Coelho, C. M. (2011). Contextos e representações dos avós: estudo de caso. Reis, C. S.; Neves, F. S. (Coord.). *Livro de Atas do XI Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, Instituto Politécnico da Guarda, 30 de junho a 2 de julho de 2011. Vol. 4, 343, pp.413-417. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda. ISBN: 978-972-8681-35-7.

Pordata- Indicadores de envelhecimento segundos os censos . Recuperado a 9 de novembro de 2016 através de <http://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

Pordata- Índice de envelhecimento nos países. Recuperado a 9 de novembro de 2016 através de <http://www.pordata.pt/Europa/%C3%8Dndice+de+envelhecimento-1609>

Portugal vai entrar para o grupo dos países “ super-idosos” em 2020. (2014, agosto). Observador, pp 1-2. Recuperado a 2 de novembro de 2016 através de <http://observador.pt/2014/08/07/envelhecimento-da-populacao-moodys/>

Relatório Mundial da Saúde (2001). Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Direcção Geral da Saúde. Recuperado a 30 de novembro de 2016 através de [http://www.who.int/whr/2001/en/whr01\\_djmessage\\_po.pdf](http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf)

Reis, T. J.C. (2015). A magia dos afetos entre avós e netos – Estudo das relações entre avós-netos e a sua influência na percepção das pessoas idosas em adolescentes. (*Dissertação de mestrado, Escola de ciências Sociais e Humanas, Lisboa*). Recuperado a 29 de novembro de 2016 através de <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/10694/1/Master%27s%20Thesis.pdf>

Rodrigues, S.A.R. (2014). O espelho da velhice através da visão de crianças/ jovens – meio urbano versus meio rural. (*Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação, Castelo Branco*). Recuperado a 9 de novembro de 2016 através de <http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2617/1/Trabalho%20de%20projeto%20wj.pdf>

Rodrigues, M.I.S. (2012). Impacto das atividades intergeracionais no desempenho cognitivo dos idosos. (*Dissertação de Mestrado em Gerontologia social aplicada, universidade católica portuguesa, Braga*). Recuperado a 11 de novembro de 2016 através de <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13657/3/Tese%20Intergeracionalidade.pdf>

Santos, V. (2010) *Representações sociais do envelhecimento construídas por adolescentes e idosos*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Rio Grande – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva. Recuperado a 4 de dezembro de 2016 através de <http://www.posgraduacao.iesc.ufrj.br/media/tese/1368815591.pdf>

Santana, P.R.F. (2015). A importância dos avós para os jovens de hoje. Uma pesquisa entre adolescentes do 5º ao 9º ano de escolaridade que frequentam escolas de Elvas. (*Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação, Castelo Branco*). Recuperado a 15 de dezembro de 2016 através de [https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2896/1/1-TRABALHO%20corrigido%20em%2004.07.2015\\_.pdf](https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2896/1/1-TRABALHO%20corrigido%20em%2004.07.2015_.pdf)

Sêga, R.A (2000). O conceito de representação social nas obras de Dense Judelet e Serge Moscovici. *Revista Anos 90* (13), pp.128-133. Recuperado a 3 de novembro de 2016 através de <http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>

Serrano, G.P. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais-Casos Práticos*. Porto: Porto editora

Sequeira, M .S. (2014). Avós e netos: uma relação intergeracional na perspetiva dos avós (*Tese de Mestrado, Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre*). Recuperado a 10 de janeiro de 2017, através de <http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/14237>

Silva, A.M. (2012). A colaboração dos avós na educação dos netos. *Revista Interfaces Científicas-Educação, vol 1*, pp.67-75. Recuperado a 10 de janeiro de 2017, através de <https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/176/87>

Silva, A. (2011) *Representações Sociais da Velhice*. (*Tese de doutoramento em Psicologia, Universidade do Porto – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação*). Recuperado a 2 de dezembro de 2016 através de [https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.show\\_file?pi\\_gdoc\\_id=575056m](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=575056m)

Sousa, M.J.; Baptista, C.S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*. Lisboa: PACTOR

Tavares, C.M. (2010). Programas Intergeracionais - Revisão teórica e construção de proposta de intervenção. (*Dissertação de Mestrado em Educação social e comunitária, Universidade da Beira Interior, Covilhã*). Recuperado a 15 de novembro de 2016 através de <http://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2511/1/Programas%20Intergeracionais.pdf>

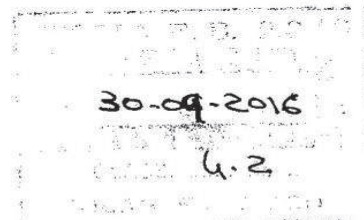
Teiga, S.A.M. (2012). As relações intergeracionais e as sociedades envelhecidas: envelhecer numa sociedade não stop- o território multigeracional de Lisboa oriental (*Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa*). Recuperado a 12 de novembro de 2016 através de <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2270/1/As%20rela%C3%A7%C3%B5es%20intergeracionais%20e%20as%20sociedades%20envelhecidas.pdf>

Veloz, M.C.T; Schulze, C.M.N; Camargo, B.V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Revista Porto Alegre*, vol.12, pp. 1678-1710. Recuperado a 1 de dezembro de 2016 através de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721999000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200015)

## APÊNDICE I -REQUERIMENTO DE APROVAÇÃO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALMEIDA

*Autizado*

### Requerimento



Exmo. Senhor Diretor Joaquim Ribeiro Pedroso,  
do Agrupamento de Escolas de Almeida

**Assunto :** Pedido de aprovação para a prática de questionários aos alunos do secundário de Vilar Formoso e Almeida para o Trabalho de Projeto.

Eu, Catarina Sofia Leitão Morgado, aluna do Mestrado em Gerontologia Social 5ª edição, do Instituto Politécnico de Castelo Branco, da Escola Superior de Educação, venho por este meio requerer a aprovação para a aplicação de inquéritos por questionário aos alunos do ensino secundário no Agrupamento de Escolas de Almeida, no âmbito do Trabalho de Projeto que realizarei para a obtenção do grau mestre do curso de Gerontologia Social, pelo Instituto Politécnico de Castelo Branco. O tema do meu Trabalho de Projeto é designadamente “ As representações sociais dos estudantes do ensino secundário do concelho de Almeida acerca da população idosa” sob a orientação da Prof.Drª Maria João Guardado Moreira, tem como objetivo analisar e compreender qual a perceção que os estudantes do ensino secundário do concelho de Almeida possuem acerca da população idosa, e a sua relação com os seus avós.

Assim com este projeto pretendo também perceber de que forma as crianças/ jovens representam a velhice e a forma como os vêem, bem como a relação entre criança-idoso, ou netos-avós, pode ser bastante enriquecedora, torna-se uma relação vantajosa na medida em que, são transmitidas experiências e uma perspetiva histórica dos factos, já o idoso também pode aprender com o jovem.

Termos em que,

Pede deferimento.

Freineda, 30 de setembro de 2016

Catarina Sofia Leitão Morgado

*Catarina Morgado*

## APÊNDICE II- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DOS ALUNOS DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALMEIDA



Instituto Politécnico de Castelo Branco  
Escola Superior de Educação

### **Termo de Autorização dos Encarregados de Educação**

Eu, Catarina Sofia Leitão Morgado, aluna do Mestrado em Gerontologia Social, do Instituto Politécnico de Castelo Branco, da Escola Superior de Educação, venho por este meio solicitar a sua autorização, para que o seu educando possa participar num inquérito por questionário para o trabalho de projeto que estou a realizar para a obtenção de grau mestre em Gerontologia Social, do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Este trabalho, intitulado “**As representações sociais dos estudantes do ensino secundário do concelho de Almeida acerca da população idosa**”, tem como objetivos compreender a percepção que os estudantes do ensino secundário do concelho de Almeida têm acerca da população idosa, bem como conhecer a importância da relação que os jovens estabelecem com os seus avós.

A confidencialidade, anonimato de cada aluno serão garantidas, pelo que o fim dos dados recolhidos, são apenas para fins estatísticos e académicos.

**Grata pela vossa atenção!**

O Encarregado de Educação

---

Data : \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

## **ANEXO I - INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO “ AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE ALMEIDA ACERCA DA POPULAÇÃO IDOSA “.**

### **Inquérito Por Questionário 2017**

O presente instrumento está inserido no Trabalho de Projeto “ **As representações sociais dos estudantes do ensino secundário do concelho de Almeida acerca da população idosa** “ no âmbito do Mestrado de Gerontologia Social, do Instituto Politécnico de Castelo Branco, da Escola Superior de Educação, sob a orientação da Professora Doutora Maria João Guardado Moreira.

Este estudo tem como objetivos compreender a percepção destes estudantes acerca da população idosa e conhecer a importância da relação que os jovens têm com os seus avós.

Este inquérito por questionário é **anónimo, confidencial e o anonimato** será mantido, uma vez que os dados recolhidos serão usados apenas para fins estatísticos no âmbito do referido trabalho projeto.

Peço que **assinale com um X** as respostas e que seja claro, sincero e objetivo. **A duração** do inquérito por questionário é **aproximadamente 10 a 15 minutos**.

**Agradeço desde já a vossa disponibilidade e colaboração!**

**Mês de aplicação:** Janeiro 2017

### **I. Caraterização do inquirido**

1.1 Sexo: Feminino  Masculino

1.2 Idade: \_\_\_\_\_ Ano: 10º  11º  12º

1.3 Turma: A  B  C  D

1.4 Curso: \_\_\_\_\_

1.5 Nome do estabelecimento de ensino: \_\_\_\_\_

## II. Representações Sociais sobre os idosos

2.1 A partir de que idade consideras uma pessoa idosa? (Assinala 1 opção)

- 55 e mais anos   
65 e mais anos   
75 e mais a nos   
80 e mais anos

2.2 Como identificas uma pessoa idosa? (Assinala 2 opções)

- Idade   
Idade e aspeto físico   
Capacidades intelectuais   
Mobilidade   
Reforma   
Outra  Qual? \_\_\_\_\_

2.3 Qual a tua atitude quando vês uma pessoa idosa? (Assinala 1 opção)

- Respeito   
Auxílio /ajuda   
Evitar   
Repugna   
Carinho   
Outra  Qual? \_\_\_\_\_

2.4 Na tua opinião quais consideras serem as principais perdas da velhice? (Assinala 2 opções)

- Perdas físicas (ex.: mobilidade)   
Perdas intelectuais (ex.: memória)   
Perdas de autoestima   
Perdas afectivas

Perdas económicas   
Perda de um do papel ativo na sociedade

2.5 Que significado têm as pessoas mais velhas para ti ? (Assinala 3 opções)

Inúteis   
Senis   
Carinhosas   
Portadoras de sabedoria e experiência de vida   
Doentes e frágeis   
Inativas   
Pessoas agradáveis e bem-dispostas   
Carga Familiar   
Peso na economia do país   
Importantes   
Nada Importantes

2.6 Na tua opinião, como são vistos os idosos na nossa sociedade? (Assinala 2 opções)

Inúteis   
Peso/ fardo   
Carga familiar   
Doentes e frágeis   
Sabedoria e experiência de vida   
Ativos na sociedade   
Ajudam a economia do país   
Egoístas e rabugentos

2.7 Concordas que os jovens devem conviver e envolver-se mais com as pessoas idosas?

Sim   
Não

2.8 Achas que a relação entre os jovens e os idosos tem benefícios para ambas as gerações?

Sim

Não  ( Passa para a 2.10 )

2.9 Quais os benefícios das relações intergeracionais? (Assinala 2 opções )

Solidariedade entre gerações

Transmissão de memórias e experiências

Importância na educação intergeracional

Maior contacto com as pessoas idosas

Imagem mais positiva dos jovens sobre os idosos

Diminuição do risco de insucesso escolar

Diminuição do risco de isolamento e solidão nos idosos

Outra  Qual ? \_\_\_\_\_

2.10 Consideras que o contato entre idosos e jovens, pode reduzir o isolamento das pessoas mais velhas?

Sim

Não

2.11 Na tua escola existe algum tipo de atividade e /ou projeto que envolva as pessoas idosas?

Sim

Não

2.12 Gostarias de desenvolver algum tipo de atividade com os idosos?

Sim  Quais ? ( Refere 2 atividades )

---

---

Não

### III – Relação com os avós ...

3.1 Atualmente, algum dos teus avós está vivo? ( Se faleceram todos, passa para o Grupo IV)

Todos  Um  Dois  Três

3.2 Como classificas a tua relação afectiva com os teus avós? (Assinala com uma X)

	Muito Boa	Boa	Razoável	Má	Muito Má
Maternos					
Paternos					

3.3 Já alguma vez viveste e/ ou vives com os teus avós?

Quando era pequeno

Durante as férias

Vivi sempre

Nunca vivi com os avós

Outra situação  Qual ? \_\_\_\_\_

3.4 Em que tipo de situações costumavas conviver com os teus avós? (Assinala no máximo 2 opções)

Festividades Natalícias

Festividades de aniversários

Visitas de fim-de-semana

Situações de doença

Quanto te apetece/ tens tempo

Em tempo de férias

Nunca estou com os avós

3.5 Atualmente, onde vivem os teus avós?

Na minha residência

Numa ERPI ( Lar )

Na mesma rua que a minha

Na sua própria casa

Outra  Qual ? \_\_\_\_\_

3.6 Qual a proximidade residencial dos teus avós? (**Assinala 1 opção**)

Perto da minha localidade de residência / mesma freguesia

Longe da minha localidade de residência

Na freguesia perto da minha

Outra  Qual ? \_\_\_\_\_

3.7 Com que regularidade estás pessoalmente com os teus avós ? (**Assinala 1 opção**)

Todos os dias

Várias vezes por semana

Pelo menos uma vez por semana

Várias vezes por mês

Pelo menos uma vez por mês

Anualmente

Nunca

3.8 Quais os meios de comunicação que usas para estabeleceres contato com os teus avós?

(**Assinala 1 opção**)

Email

Carta

Telefone / telemóvel (Falar)

Por mensagens (SMS)

Através da redes sociais (ex.: Facebook, Instagram, etc .)

3.9 Na tua opinião, a participação ativa dos netos na vida dos avós é importante, visto contribuir para que se sintam valorizados, amados e úteis para os netos?

Sim

Não

#### IV. Percepção enquanto futuros idosos. Imagino-me ....

4.1 O que significa para ti a palavra “ idoso “? ( **Indica 4 palavras** )

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

4. \_\_\_\_\_

4.2 Alguma vez te imaginaste e/ou reflectiste, como serias em idoso?

Sim

Não

4.3 Como te imaginas quando fores idoso? (**Assinala 2 opções**)

Ativo

Participativo em atividades

Inactivo ( ex.: atividades ou exercício físico)

Rabugento e mal-humorado

Solidário com os outros

Ajudar a família

Frequentar universidades seniores

Outra  Qual ? \_\_\_\_\_

4.4 Tens receio e/ou medo do processo de envelhecimento, por habitualmente estar associado á proximidade da morte?

Sim

Não

4.5 Achas que a opinião que se tem hoje na sociedade sobre os idosos, será a mesma quando tu próprio estiveres no processo de envelhecimento?

Sim

Não

**Obrigada!**



**A Mestranda:** Catarina Sofia Leitão Morgado